

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LOUIZE NASCIMENTO

ATIVISTAS INFLUENCIADORAS: ASPECTOS DO RECONHECIMENTO  
DATIFICADO DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NO *INSTAGRAM*

CURITIBA

2024

LOUIZE NASCIMENTO

ATIVISTAS INFLUENCIADORAS: ASPECTOS DO RECONHECIMENTO  
DATIFICADO DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NO *INSTAGRAM*

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em Comunicação, Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Comunicação.

Orientadora: : Prof<sup>a</sup>. Dra. Kelly Cristina de Souza Prudencio

CURITIBA

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS  
BIBLIOTECA DE ARTES COMUNICAÇÃO E DESIGN - CABRAL

---

- N244 Nascimento, Louize  
Ativistas influenciadoras: aspectos do reconhecimento datificado das trabalhadoras domésticas no *Instagram*. / Louize Nascimento. – 2024.  
1 recurso online : PDF
- Orientadora: Profa. Dra. Kelly Cristina de Souza Prudêncio
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-graduação em Comunicação.  
Inclui referências.
1. Comunicação. 2. Ativismo digital. 3. Trabalho doméstico. 4. Influenciadoras. 5. Datificação. 6. Reconhecimento. I. Prudêncio, Kelly Cristina de Souza. II. Universidade Federal do Paraná. Setor de Artes Comunicação e Design. Programa de Pós-graduação em Comunicação. III. Título.

CDD: 302.2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE ARTES COMUNICAÇÃO E DESIGN  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO -  
40001016071P8

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação COMUNICAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **LOUIZE NASCIMENTO** intitulada: **ATIVISTAS INFLUENCIADORAS: ASPECTOS DO RECONHECIMENTO DATIFICADO DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NO INSTAGRAM**, sob orientação da Profa. Dra. KELLY CRISTINA DE SOUZA PRUDENCIO, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 06 de Agosto de 2024.

Assinatura Eletrônica

26/08/2024 10:47:40.0

KELLY CRISTINA DE SOUZA PRUDENCIO  
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

19/08/2024 12:48:41.0

MAURO PEREIRA PORTO  
Avaliador Externo (TULANE UNIVERSITY)

Assinatura Eletrônica

13/08/2024 10:03:19.0

CARLA CANDIDA RIZZOTTO  
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

13/08/2024 10:11:00.0

DANILA GENTIL RODRIGUEZ CAL LAGE  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ)

---

Rua Bom Jesus, 650 - CURITIBA - Paraná - Brasil

CEP 80035-010 - Tel: (41) 3313-2063 - E-mail: ppgcom@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 389371

**Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 389371**

*Aos meus pais, Edison Luiz Nascimento e Maribel Borba Nascimento,  
pelo cuidado em todos os momentos.*

## AGRADECIMENTOS

Todo meu respeito e admiração à minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Kelly Prudencio, por ser um farol de lucidez em tempos conturbados.

Às professoras Carla Rizzotto e Danila Cal, pelas valiosas contribuições ao longo desta pesquisa.

Ao Grupo de Pesquisa em Comunicação e Participação Política (COMPA) onde participei com entusiasmo das discussões e fiz parcerias em artigos e congressos.

Sou eternamente grata por compartilhar todos os momentos com a minha esposa Gisele Rodrigues. Obrigada por toda a compreensão durante esses 15 anos de convívio e por desejar a minha felicidade acima de tudo.

Este trabalho não existiria sem o esforço dos meus pais, Edison e Maribel. Obrigada por me proporcionarem uma vida segura, cheia de amor e bondade.

À minha irmã Mariana Nascimento, pela acolhida em sua casa, pelos conselhos e por ser um exemplo a ser seguido.

Aos meus sobrinhos amados Júlio e Petrus, pela energia contagiante que me abastece de ânimo nos dias mais difíceis.

Aos colegas do Banco do Brasil que me incentivaram: Nath, Grazi, Hanke, Roberta, Maurílio, Carol e Josi. Muito obrigada pela torcida e por tornarem a equipe de comunicação mais humana.

Aos amigos Aline D'avila, Mariana Figueiredo, Alvaro Costa e Emanuelle Adacheski, pela parceria e palavras de incentivo.

Aos competentes Camila Zoschke e Eduardo Turbay, responsáveis pela minha saúde mental há mais de 10 anos.

Aos companheiros Baleia, King (em memória) e Luke, pela alegria desmedida em todos os momentos.

Grata a todos que contribuíram para este trabalho, em especial Preta Rara, Janaína Costa, Verônica Oliveira e Isa Benevides.

*"Nosso trabalho é democratizar a vida".*

*Silvia Federici*

## RESUMO

Esta pesquisa investiga a relação entre um tipo de ativismo feito a partir da mediação das plataformas de redes sociais e mulheres que atuam ou atuaram no trabalho doméstico. O objetivo central é compreender como se dá a politização desse tema, a partir do reconhecimento dos sujeitos, das demandas e da interação midiática limitada pelas redes sociais. A perspectiva teórica da tese costurou as relações que se estabelecem entre as demandas por reconhecimento e os novos fluxos de comunicação. Embora o ativismo nas redes sociais digitais seja bem documentado pela literatura, as iniciativas individuais não recebem a mesma atenção. A metodologia foi construída para tentar abarcar a fluidez e múltiplas interações. Assim, o percurso foi realizado a partir de métodos mistos, uso de *softwares*, análise temática das postagens e entrevistas semi-estruturadas com as ativistas. Na primeira etapa, mapeamos os perfis relacionados ao trabalho doméstico no Instagram. Na sequência coletamos as postagens e comentários para serem analisados à luz da teoria. Em seguida, utilizamos o instrumento da entrevista episódica semi-estruturada para acessar questões relevantes a partir das perspectivas particulares das criadoras das páginas: "Eu, empregada doméstica", "Ela é só a babá", "Faxina Boa" e "Isa\_Benevides". As conclusões do estudo permitem indicar o surgimento de uma categoria de ativistas influenciadoras que mesclam essas atividades de forma não dicotômica. As mulheres possuem diversas formas de agir e de interferir na arena pública digital, com narrativas contestadoras do estigma e das condições subalternas, mas que também propõem novos olhares a partir das construções individuais dos sujeitos dentro das limitações que o Instagram impõe.

Palavras-chave: Ativismo digital; reconhecimento; trabalho doméstico; influenciadoras; datificação.

## ABSTRACT

This research investigates the relationship between a type of activism carried out through the mediation of social media platforms and women who work or have worked in domestic work. The main objective is to understand how the politicization of this issue occurs, based on the recognition of the subjects, the demands and the media interaction limited by social media. The theoretical perspective of the thesis has woven together the relationships that are established between the demands for recognition and the new communication flows. Although activism on digital social media is well documented in the literature, individual initiatives do not receive the same attention. The methodology was constructed to attempt to encompass fluidity and multiple interactions. Thus, the route was carried out using mixed methods, the use of software, thematic analysis of posts and semi-structured interviews with activists. In the first stage, we mapped the profiles related to domestic work on Instagram. Next, we collected the posts and comments to be analyzed in light of the theory. We then used the semi-structured episodic interview instrument to access relevant issues from the particular perspectives of the creators of the pages: “Eu, emprega doméstica, Ela é só a babá”, “Faxina Boa” and “Isa\_Benevides. The conclusions of the study indicate the emergence of a category of activist influencers who combine these activities in a non-dichotomous way. Women have different ways of acting and intervening in the digital public arena, with narratives that challenge stigma and subaltern conditions, but which also propose new perspectives based on the individual constructions of the subjects within the limitations that Instagram imposes..

Keywords Digital activism; recognition; domestic work; influencers; datafication.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - ETAPAS DE ANÁLISE .....	24
FIGURA 2 - PERFIL DA PÁGINA "EU, EMPREGADA DOMÉSTICA" .....	61
FIGURA 3 - PERFIL DA PÁGINA "ELA É SÓ A BABÁ", NO FACEBOOK .....	62
FIGURA 4 - PERFIL DA PÁGINA "FAXINA BOA" .....	63
FIGURA 5 - PERFIL DA PÁGINA "ISA_BENEVIDES" .....	64
FIGURA 6 - POSTAGENS DE "FAXINA BOA" SOBRE TRABALHO DOMÉSTICO ..	65
FIGURA 7 - NUVEM DE PALAVRAS DOS COMENTÁRIOS DE "FAXINA BOA" .....	66
FIGURA 8 - POSTAGEM DE "ELA É SÓ A BABÁ" SOBRE TRABALHO DOMÉSTICO.....	67
FIGURA 9 - NUVEM DE PALAVRAS DOS COMENTÁRIOS DE "ELA É SÓ A BABÁ" .....	68
FIGURA 10 - POSTAGEM "ISA_BENEVIDES" SOBRE TRABALHO DOMÉSTICO .	69
FIGURA 11 - NUVEM DE PALAVRAS DOS COMENTÁRIOS DE "ISA_BENEVIDES" .....	70
FIGURA 12 - POSTAGENS "EU, EMPREGADA DOMÉSTICA" SOBRE ATIVIDADES PÚBLICAS.....	72
FIGURA 13 - POSTAGENS "FAXINA BOA" SOBRE ATIVIDADES PÚBLICAS .....	73
FIGURA 14 - POSTAGEM "EU, EMPREGADA DOMÉSTICA" SOBRE FINANCIAMENTO.....	74
FIGURA 15 - POSTAGENS DE "ELA É SÓ A BABÁ" SOBRE FINANCIAMENTO....	75
FIGURA 16 - POSTAGENS DA "FAXINA BOA" SOBRE FINANCIAMENTO .....	76
FIGURA 17 - POSTAGEM DA "FAXINA BOA" SOBRE CULTURA DE INFLUENCIADORES .....	76
FIGURA 18 - POSTAGENS DA PÁGINA "ELA É SÓ A BABÁ" SOBRE RACISMO ..	77
FIGURA 19 - POSTAGENS DA PÁGINA "ELA É SÓ A BABÁ" COM REPERCUSSÃO PÚBLICA.....	78
FIGURA 20 - POSTAGENS MENOS FREQUENTES SOBRE GÊNERO .....	79
FIGURA 21 - POSTAGENS MAIS FREQUENTES SOBRE GÊNERO.....	79
FIGURA 22 - POSTAGENS DE "ISA_BENEVIDES" SOBRE O INSTAGRAM.....	80
FIGURA 23 - POSTAGENS DE "ELA É SÓ A BABÁ" SOBRE O INSTAGRAM .....	81
FIGURA 24 - POSTAGEM "FAXINA BOA" SOBRE REDES SOCIAIS .....	82

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - ENTREVISTAS CONCEDIDAS AOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO.....	27
QUADRO 2 - PERFIS ANALISADOS.....	59

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - POSTAGENS DE TRABALHO DOMÉSTICO NO INSTAGRAM.....	65
TABELA 2 - POSTAGENS DE VÍNCULOS FAMILIARES NO INSTAGRAM .....	71
TABELA 3 - POSTAGENS DE ATIVIDADES PÚBLICAS NO INSTAGRAM .....	72
TABELA 4 - POSTAGENS DE FINANCIAMENTO NO INSTAGRAM .....	74
TABELA 5 - POSTAGENS COM INTERSECCIONALIDADE NO INSTAGRAM .....	77
TABELA 6 - POSTAGENS SOBRE O ATIVISMO NO INSTAGRAM.....	80

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>1 PREÂMBULOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>18</b>
1.1 Por que estudar o Instagram? .....	18
1.2 Coleta das postagens e comentários .....	19
1.3 Análise das postagens e comentários .....	21
1.4 Entrevistas episódicas semiestruturadas .....	23
<b>2 ELEMENTOS DAS LUTAS POR RECONHECIMENTO</b> .....	<b>27</b>
2.1 AS PREMISSAS DO RECONHECIMENTO .....	27
2.1.1 A luta por reconhecimento das trabalhadoras domésticas .....	30
2.1.1.1 Ética do cuidado: uma saída possível .....	31
2.1.2 Reconhecimento pode ser datificado? .....	36
2.2 A CONSTRUÇÃO DE “NOVOS” SUJEITOS .....	39
2.2.1 Estigma ou estereótipo? .....	41
<b>3 TUDO EM UM SÓ LUGAR E AO MESMO TEMPO</b> .....	<b>46</b>
3.1 O potencial do ativismo cotidiano .....	48
3.2 Ativistas influenciadoras: parâmetros para um novo conceito .....	50
3.3 A interseccionalidade como método de ação .....	53
<b>4 ATIVISMOS EM PRIMEIRA PESSOA</b> .....	<b>56</b>
4.1 Preta Rara, criadora da página “Eu, empregada doméstica” .....	58
4.2 Janaína Costa, criadora da página “Ela é só a babá” .....	59
4.3 Verônica Oliveira, criadora da página “Faxina boa” .....	61
4.4 Isa Benevides, criadora da página “Isa_Benevides” .....	62
4.5 Entre a Crítica e o Bom humor - trabalho doméstico .....	63
4.6 Entre o Eu e o Nós - vínculos familiares e atividades públicas .....	70
4.7 Entre o Merchant e a Sobrevivência - financiamento .....	73
4.8 Marcar posição na interseccionalidade .....	75
4.9 A autocrítica das ativistas - redes sociais .....	79
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>90</b>
<b>APÊNDICE 1 – ENTREVISTA TRANSCRITA DE VERÔNICA OLIVEIRA</b> .....	<b>96</b>
<b>APÊNDICE 2 – ENTREVISTA TRANSCRITA DE ISA BENEVIDES</b> .....	<b>102</b>

<b>ANEXO 1 – TCLE DE VERÔNICA OLIVEIRA.....</b>	<b>108</b>
<b>ANEXO 2 – TCLE DE ISA BENEVIDES.....</b>	<b>109</b>

## INTRODUÇÃO

As redes sociais ocupam muito espaço e tempo em nossas vidas cotidianas. Não é raro elas estarem presentes antes mesmo de darmos “bom dia” para alguém ou antes de escovarmos os dentes pela manhã. Além da onipresença, o que mais elas podem fazer? Talvez esta tese não seja sobre isso, com certeza não é sobre o potencial das plataformas porque elas não são vistas como “Jardins do Éden”, diante de um cenário de propagação de fake news e discursos de ódio. Essa tese é sobre sujeitos, mas um tipo específico de sujeito: mulheres atravessadas pelo emprego doméstico.

Esse atravessamento produz marcas vistas como depreciativas pela sociedade, chamadas de “estigmas” por Goffman (1988). Os critérios pelos quais as conquistas são reconhecidas podem ser distorcidos pelos preconceitos culturais e pelos interesses de grupos específicos. Tal política pode envolver uma luta justamente porque ela visa derrubar preconceitos e estereótipos enraizados que servem aos interesses daqueles que estão no poder, ajudando a reproduzir a ordem estabelecida de reconhecimento (*o status quo*), segundo Smith e Deranty (2011).

Em 2024, a Emenda Constitucional 72/2013 completou 11 anos e a Lei Complementar nº150/2015, que a regulamentou, completou nove anos de vigência. A chamada “PEC das domésticas” estendeu à categoria um conjunto de direitos que já eram válidos para os outros trabalhadores desde a Constituição Federal de 1988. Todo esse processo foi resultado de intensa mobilização social de reivindicações históricas no campo dos direitos. No entanto, a proposição legislativa foi alvo de embates entre congressistas, classe patronal e sindicatos, como se verificou em pesquisa anterior (Nascimento, 2020).

Utilizando o conceito de ativismo cotidiano (Mansbridge, 2013) ou cidadania ativista (Isin, 2009), a simples visibilidade das trabalhadoras domésticas no *Instagram* vai contra o papel designado a elas pelos veículos tradicionais no caso da “PEC das domésticas”. Na pesquisa que resultou na dissertação (2020) foi possível verificar que as mulheres sequer foram ouvidas como fontes de informação. Além disso, as imagens revelaram uma extrema naturalização da subordinação das mulheres negras atuando como empregadas.

As transformações da sociedade junto com mídias digitais cada vez mais fortes e presentes, desenvolvem o que Gomes (2024) considera uma junção da

visibilidade com a esfera pública. Na rede social, cada perfil tem o potencial de ser um produtor e replicador de conteúdo com características personalísticas, disseminando uma mesma informação em múltiplas plataformas (BENNETT E SEGERBERG, 2012).

Schaaf e Quiring (2023) reforçam que a interação entre os usuários é ainda mais importante do que à luz da lógica da mídia de massa, pois os algoritmos são alimentados pelo próprio público. Assim, no *Instagram*, as publicações são continuamente avaliadas e impulsionadas pelas preferências dos demais usuários por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos (SCHAAF E QUIRING, 2023). Isso implica em uma autocensura como já apontada por Burns (2015). No entanto, não é possível afirmar que por receio dos *feedbacks* negativos ou dos *unfollowing*, as ativistas pesquisadas tenham limitado a crítica sobre a atividade doméstica. Para Schaaf e Quiring (2023) o uso das redes sociais não deve ser visto apenas como uma oportunidade de mobilização, mas também de discussões se faz sentido que as ativistas se adaptem mais à lógica das plataformas e se realmente são alternativas adequadas de questionamento sobre demandas sociais.

Assim, essa tese quer enfatizar os desdobramentos dos usos das redes sociais, mais especificamente do *Instagram*, para as ativistas. O conflito que vem à tona através de um relato, a construção das subjetividades mediadas pelas plataformas ou até mesmo possibilidades de protestar contra as opressões. Tudo isso pode contribuir para expandir o tema a alcançar outros públicos como os usuários “comuns” das redes sociais.

O objetivo geral da pesquisa é compreender como as ativistas, envolvidas de alguma forma com o emprego doméstico, politizam o assunto no *Instagram*, participando à sua maneira das configurações do ativismo contemporâneo. Para tanto, o estudo contempla discussões atualizadas sobre a teoria do reconhecimento e examina as novas frentes de contestação nas redes sociais apresentando potenciais e limitações de usos.

A partir das percepções de que o ativismo digital está sendo transformado pela mediação das redes sociais, surge o problema de pesquisa desta tese: *de que forma a interação mediada pelo Instagram transforma os pressupostos convencionais de reconhecimento e redefinem os objetivos de autorrealização das ativistas?* Por formas convencionais entende-se, principalmente, que o ato de reconhecer é uma postura que se concretiza na ação entre os sujeitos e não pode

estar atrelado a outros interesses que não sejam exclusivamente os da emancipação dos indivíduos (Honneth, 2003).

Para a análise empírica, o estudo aposta na combinação de três técnicas para coleta de dados (publicações, comentários e entrevistas semiestruturadas). A partir das postagens dos perfis do *Instagram*: @euempregadadomestica (Preta Rara), @elaesoababa (Janaína Costa); @faxinaboa (Verônica Oliveira) e @isa\_benevides (Isa Benevides), foram criados os seguintes eixos temáticos: *trabalho doméstico, vínculos familiares, interseccionalidade, posicionamento político, redes sociais, atividades públicas, financiamento e outros*. Já com os comentários foi possível fazer uma análise lexical (nuvem de palavras) dos principais termos empregados nas opiniões sobre as publicações com o assunto do emprego doméstico. Além disso, coletamos entrevistas, feitas exclusivamente para esta pesquisa, e mais onze entrevistas concedidas, à veículos de imprensa, pelas quatro ativistas.

No **capítulo 1** descrevemos os caminhos da metodologia para a coleta e análise das páginas no Instagram. Muitos estudos (Franco e Silva, 2020; Rios e Silva, 2023; Santana e Cortes, 2023) falam sobre as adaptações que os sujeitos fazem para usar essa plataforma, mas quase não questionam as limitações das redes sociais para as ativistas. Esclarecemos os critérios de seleção dos perfis e que softwares foram utilizados para coletar 4.040 *postagens* e 288 *comentários* e partimos de Braun e Clarke (2006) para implementar a análise temática das postagens e de Vilela et. al (2020) para aferir os comentários feitos em posts sobre o trabalho doméstico. Além disso, Verônica Oliveira e Isa Benevides foram entrevistadas seguindo alguns passos destacados pelos autores Duarte (2004); Flick (2003) e Lombardi et. al (2021).

No **capítulo 2** levantamos as premissas da clássica teoria do reconhecimento de Axel Honneth (2003) para questioná-las com Cenci (2013); Fraser (2009) e Touraine (2009) frente à construção dos sujeitos na sociabilidade estruturada pelas plataformas. Argumentamos que os termos “reconhecimento mediado” de Driessens e Naerland (2022) ou “datificado” de Campanella (2021) estão mais aderentes aos novos processos de elaboração de demandas por reconhecimento.

No **capítulo 3** apresentamos as especificidades das quatro páginas investigadas: “Eu, empregada doméstica” (Preta Rara), “Ela é só a babá” (Janaína Costa), “Faxina Boa” (Verônica Oliveira) e “Isa\_benevides” (Isa Benevides). Em alguma medida, as publicações provocam uma reflexão sobre a interseccionalidade

debatida por Crenshaw (1990); Bilge (2009); Kergoat (2010), que é inerente à discussão sobre o trabalho doméstico. O conceito de ética do cuidado proposto e aperfeiçoado por Young (2007); Gilligan (2013); Tronto (2013); Molinier e Paperman (2015) parece ser uma saída possível por considerar uma reorganização das responsabilidades como algo pertinente para abordar a categoria do trabalho doméstico.

Por fim, no **capítulo 4** questionamos o fato das redes sociais serem criticadas pelo tipo de informação à qual veiculam sem considerar os diversos usos que os sujeitos fazem delas, como no caso do ativismo cotidiano descrito por Mansbridge (2013). De qualquer forma, elencamos algumas características constatadas na análise empírica: dinâmica híbrida de postagem (em várias plataformas ao mesmo tempo) como aponta Chadwick (2013), mistura das fontes de informação, atuação política individualizada com potencial coletivo e surgimento do termo “ativista influenciadora” discutido a partir dos autores Abidin (2018); Karhawi (2017); Scharff (2023) e Dean (2023).

Espera-se que as discussões realizadas, acerca da construção desse ativismo realizado através das redes sociais possam fortalecer a relevância e o protagonismo dos sujeitos para as pesquisas na área da Comunicação e Política não institucional.

## 1 PREÂMBULOS METODOLÓGICOS

Antes de apresentar a discussão teórica e os resultados dessa pesquisa, vamos descrever o percurso metodológico e justificar as escolhas das técnicas de coleta e tratamento de dados como parte do processo de construção do objeto de estudo.

### 1.1 Por que estudar o *Instagram*?

De acordo com o levantamento feito pelo *We are Social e Hootsuite*, em 2022, o *Instagram* possuía 1,4 bilhões de usuários no mundo e 122 milhões no Brasil, ficando atrás apenas dos Estados Unidos da América e da Índia. No Brasil, a plataforma está em terceiro lugar entre os mais populares, já que *WhatsApp* e *YouTube* ocupam o primeiro e segundo lugar, respectivamente.

Já a empresa *Opinion Box* identificou alguns padrões de comportamento de usuários brasileiros no *Instagram*. Entre os números que merecem destaque, estão que 85% pertencem às classes C/D/E e 55% utilizam o aplicativo várias vezes ao dia. Para quase 80% a plataforma pode aproximar pessoas e empresas, sendo que 77% acham que as marcas devem estar presentes na rede social. Outra curiosidade, é que 7 a cada 10 entrevistados seguem influenciadores e 61% já comprou algo indicado por um influenciador digital. Vale destacar que a pesquisa foi feita em janeiro de 2023 com 2.216 pessoas em todas as regiões do país. É evidente que os números apontam para tendências de consumo, mas são importantes para demonstrar a frequência e relevância do uso desta plataforma.

Em outubro de 2022, o *Instagram* fez uma parceria com a empresa WGSN para realizar uma pesquisa com usuários nos Estados Unidos. Ao todo foram ouvidas 1.200 pessoas, entre 16 e 24 anos, sobre as tendências de usos de plataformas em 2023. O relatório apresenta resultados que demonstram uma grande preocupação dos jovens com justiça social, além de beleza, comida, música e finanças. O documento destaca que "a Geração Z é uma geração ativista" (INSTAGRAM, 2023, tradução nossa), em que mais da metade dos entrevistados pretende fazer sua própria roupa e economizar em novas peças. Além disso, 70% dos jovens que ainda não estão em idade para votar buscam mostrar suas intenções político-sociais através das compras e pretendem seguir perfis que defendam

peças com algum tipo de deficiência. Outro resultado expressivo é que, em 2023, quase dois terços dos entrevistados pretendem utilizar as mídias digitais para ganhar dinheiro através da geração de conteúdo e colaboração com marcas de mercado. Ou seja, cerca de 64% deles querem gerar renda através das plataformas.

Se os dados acima confirmam certo protagonismo do *Instagram* como um dos mediadores sociais, os esforços acadêmicos apontam para as novas perspectivas do ativismo nesta rede social. Destacam-se os estudos dos usos da plataforma por indígenas (Franco e Silva, 2020; Rios e Silva, 2023), de jovens lésbicas (Liebgott e Pinheiro, 2021), das mulheres negras (Santana e Cortes, 2023) e de protestos de mulheres sul-americanas (Prudencio et.al, 2021). De maneira geral, os artigos apontam para uma adaptação às linguagens da plataforma, fluidez das identidades, pluralidade nas formas de ação, articulação entre os contextos digitais e a vida cotidiana dos ativistas e a combatividade das normas que inferiorizam determinados sujeitos.

Assim, entendemos que a construção do ativismo sobre o trabalho doméstico é, portanto, uma interação constante entre as limitações da plataforma (lógicas e estruturas) e as estratégias de utilização e as subjetividades das ativistas.

## 1.2 Coleta das postagens e comentários

A etapa inicial de coleta contou com um levantamento para mapear os perfis destinados ao trabalho doméstico. Neste primeiro momento, já houve a identificação do tipo de conteúdo das postagens além da aferição da quantidade de perfis destinados ao tema.

O *Instagram* não possui uma ferramenta que permita filtrar exclusivamente os perfis dessas profissionais. Diante disso, optou-se por utilizar alguns recursos disponíveis na própria plataforma. O primeiro passo foi utilizar as hashtags que são expressões precedidas do símbolo da cerquilha (#), as quais reúnem todas as publicações que usam o mesmo termo. Assim, no campo de busca da plataforma, via smartphone, foram utilizadas as seguintes hashtags: #empregadadomestica e #trabalhadoradomestica. Os resultados apontaram para uma diferença enorme entre os termos. Enquanto a #empregadadomestica atingiu mais de 34 mil publicações, a busca pela #trabalhadoradomestica apresentou apenas centenas de postagens. No entanto, a busca pelas hashtags não se mostrou efetiva para o levantamento dos

perfis desejados e que estão dentro do escopo desta pesquisa. Tanto as postagens mais relevantes ou mais recentes, quanto os *reels* redirecionavam para perfis de empresas de recursos humanos, advogados trabalhistas e até mesmo *personal organizer*.

O segundo passo foi procurar no buscador do *Instagram* pelas seguintes palavras separadas e sem a *hashtag*: empregada, doméstica, cuidadora, babá e faxina. O levantamento dos perfis iniciou no dia 05 de março de 2023 e finalizou em 10 de março de 2023 com 220 perfis reunidos. A coleta foi armazenada em planilha Excel, contendo as informações básicas dos perfis, como a data de entrada no *Instagram*, nome do perfil, nome da criadora do perfil, usuário (@) da rede social, número de seguidores, descrição da página e tipo de conteúdo. Através do resultado das duas últimas variáveis, apenas quatro páginas apresentavam relatos sobre a condição do trabalho doméstico: @euempregadadoméstica; @quadrodeempregada; @elaesobaba e @faxinaboa, sendo que o perfil @quadrodeempregada é voltado para a divulgação de um podcast criado por Janaína Costa da página "Ela é só babá". Assim, definimos três perfis que foram observados mais a fundo nesse estudo: @euempregadadoméstica; @elaesobaba e @faxinaboa. No entanto, esse formato para o alcance dos perfis, demonstrou-se limitado pois filtrou apenas as páginas que tinham as palavras buscadas no título do perfil. Dessa forma, resolvemos incluir a página @isa-benevides porque o conteúdo assemelha-se à proposta da tese que é discutir as relações no trabalho doméstico nas publicações. O perfil de Isa Benevides foi identificado a partir do contato com o podcast chamado "Quadro de Empregada" em que ela é uma das participantes e criadoras.

Em seguida, utilizamos o programa *4k Stogram* em sua versão gratuita para raspar as imagens publicadas pelas quatro páginas. O software precisa ser baixado no computador e para capturar as publicações, basta digitar o nome do perfil no campo de busca. O *4k Stogram* faz o download de 100 fotos por execução. Diante dessa limitação demoramos em torno de 60 dias para coletar todas as 4.040 publicações.

Após a coleta das postagens e separação das relacionadas ao trabalho doméstico e outras temáticas, utilizamos o site *Apify* para realizar a raspagem dos comentários. Para o uso dessa funcionalidade basta fazer um cadastro, buscar por "*Instagram Comment Scraper*" e adicionar as URLs das publicações que deseja obter os comentários. A partir disso, será gerado um arquivo em Excel com as

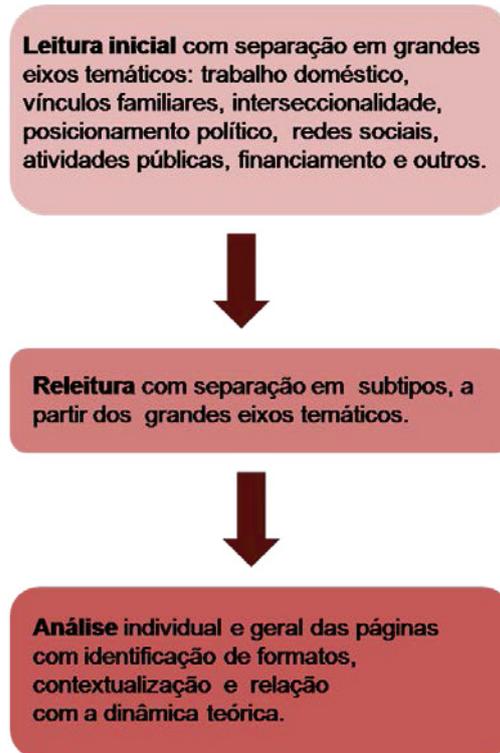
informações como o id, número de curtidas, perfil e texto. Diante da quantidade de comentários, estabelecemos o critério de analisar os comentários feitos nas últimas 15 postagens sobre trabalho doméstico. Esse critério temporal tem por objetivo não enviesar os resultados por discussões mais antigas.

### 1.3 Análise das postagens e comentários

Qual é a melhor forma de analisar as postagens feitas pelas ativistas no *Instagram*? Certamente existem algumas possibilidades de respostas que vão desde análises quantitativas (Rodrigues et. al, 2021), investigação imagética (Zandavalle, 2018) e classificação temática com uso de *softwares* (Mota et. al, 2019). Para esta tese, optou-se pela verificação sistemática manual das postagens por dois motivos. Primeiro, o contato direto com as publicações fez parte da construção do contexto e identificação cronológica das nuances das páginas. Apesar de não ser central, a temporalidade foi levada em conta na identificação de uma maturidade digital das ativistas. Já a utilização de softwares de análise léxica não contribui para a discussão proposta. Assim, a intenção não é buscar a validade científica no volume quantitativo, mas discutir as transformações do ativismo digital no campo do trabalho doméstico nas suas interseccionalidades. Trata-se de uma pesquisa qualitativa clássica.

Dessa forma, uma análise manual e temática demonstrou-se mais assertiva para a obtenção da compreensão do fenômeno. Braun e Clarke (2006) explicam que a análise temática é um método capaz de identificar padrões de assuntos dentro dos dados. Apesar da definição ser simples, as autoras destacam que não há um consenso no modo como o pesquisador pode fazer isso. Elas são enfáticas ao dizerem que a clareza, no processo e na prática, é vital para a qualidade da pesquisa. O quadro abaixo demonstra visualmente as etapas seguidas nesta tese para a análise das postagens no *Instagram*.

FIGURA 1 - ETAPAS DE ANÁLISE



Fonte: as autoras

Neste ponto, é importante reconhecer que as posições teóricas e a subjetividade inerente à pesquisadora ajudaram a estruturar a identificação dos temas. Seria ingenuidade considerar que esta seja uma abordagem de apenas “dar voz” às participantes. Como Fine (2002) argumenta, o processo envolve a seleção e edição para limitarmos o método em prol dos nossos argumentos. Braun e Clarke (2006, p.82) detalham que “um tema captura algo importante sobre os dados em relação à questão de pesquisa e representa algum nível de resposta padronizada ou significado dentro do conjunto de dados”. Portanto, a partir das leituras bibliográficas, do contato com as redes sociais das participantes, da leitura das entrevistas públicas e das entrevistas pessoais, foi possível estabelecer os seguintes eixos temáticos: trabalho doméstico, vínculos familiares, interseccionalidade, posicionamento político, redes sociais, atividades públicas, financiamento e outros. Após a identificação dos grandes temas, foi necessário dividir em subtipos para que fossem mais aderentes aos diversos usos que as ativistas fazem das páginas no Instagram.

Em relação à investigação dos comentários, como apontam Camargo e Justo (2013) as nuvens de palavras são análises lexicais mais simples, mas que

possuem um apelo visual maior. Os pesquisadores Vilela et. al (2020) explicam que “quanto mais a palavra é utilizada, mais chamativa é a representação dessa palavra no gráfico” (Vilela et. al, 2020, p.31). Os termos aparecem em várias cores e tamanhos, indicando o que é mais relevante naquele contexto.

No total foram colhidos 488 comentários realizados nas últimas 15 publicações sobre trabalho doméstico, nas quatro páginas investigadas: “Eu, empregada doméstica”, “Ela é só a babá”, “Faxina Boa” e “Isa\_Benevides”. Utilizamos o software Word Cloud Generation do Google, para a criação das nuvens. Antes, contudo, limpamos os comentários de modo a deixar somente as palavras mais aderentes ao contexto do trabalho doméstico.

O método de análise das nuvens de palavras pode ter várias utilidades, mas neste estudo procuramos atrelá-las especificamente à discussão sobre o emprego doméstico. É uma forma, ainda que limitada, de aferir o comportamento dos seguidores através dos comentários. É claro que estão vinculados às postagens, ou seja, os comentários reagem ao que é publicado pelas ativistas.

#### 1.4 Entrevistas episódicas semiestruturadas

Ainda na coleta de dados, foram realizadas duas entrevistas episódicas e semiestruturadas com as ativistas Verônica Oliveira e Isa Benevides. Aconselha-se a utilização desse método “quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados” (DUARTE, 2004, p.215).

Com embasamento em diversas áreas da psicologia, a entrevista episódica mostra-se pertinente como método de coleta de dados envolvendo pessoas. Segundo Flick (2003), o conhecimento episódico diz respeito a situações concretas relacionadas ao espaço, tempo, pessoas e acontecimentos. O entrevistador deve contemplar convites para narrar situações que sejam relevantes à pesquisa com perguntas mais gerais que busquem respostas com definições e argumentações.

Assim, tomar depoimentos como fonte de investigação implica extrair daquilo que é subjetivo e pessoal neles o que nos permite pensar a dimensão coletiva, isto é, que nos permite compreender a lógica das relações que se estabelecem (estabeleceram) no interior dos grupos

sociais dos quais o entrevistado participa (participou), em um determinado tempo e lugar (DUARTE, 2004, p. 219).

Dessa forma, fez-se necessário o uso desse método para ir além dos resultados que os dados extraídos da rede social foram capazes de fornecer. Afinal, são as ativistas que a priori são responsáveis pelas postagens e interação com os comentários. Existem certas questões que somente o contato direto com essas mulheres será capaz de responder, como as limitações do uso do *Instagram*, motivações e repercussões das publicações.

Para organizar o conhecimento da entrevistada, Flick (2003) descreve alguns passos para o pesquisador seguir. Na primeira fase, de preparação, é feito um roteiro a partir das experiências do entrevistador com a área de estudo e formuladas perguntas relevantes para o trabalho e outros questionamentos que possam surgir da entrevistada. Duarte (2004) alerta que por mais que os objetivos, hipóteses e categorias teóricas estejam presentes na mente do pesquisador, é fundamental operacionalizá-las em formato de perguntas.

No momento da conversa, é importante fazer uma introdução explicitando a lógica da entrevista e o seu consentimento. Lombardi et. al (2021) ressalta a atenção para a criação de um clima seguro para as participantes e a recomendação de gravação em mais de um dispositivo tecnológico para evitar possíveis perdas.

A primeira pergunta deve procurar uma resposta mais subjetiva com o relato de experiências sobre o tema. Os questionamentos seguintes devem focar na questão central do estudo com inquirições mais profundas. Na fase seguinte, é importante a sagacidade do pesquisador para esclarecer alguns aspectos que não ficaram claros com as respostas anteriores. Neste ponto, os autores Szymanski et al. (2011) sugerem elaborar algumas versões de uma mesma pergunta, pois se o informante tiver dificuldades para discorrer sobre o assunto cabe fazer indagações a fins de esclarecimento.

A parte final é dedicada para uma conversa mais informal e de avaliação da entrevista. Após o encerramento, o pesquisador precisa elaborar um documento a fim de contextualizar as narrativas e colocar as suas impressões do processo. Logo em seguida, deve-se transcrever e revisar todo o conteúdo (DUARTE, 2004).

Todos esses passos descritos pela literatura foram realizados em entrevistas gravadas via *Google Meet* e com o consentimento das participantes. O método da entrevista episódica também possui algumas limitações. Por ser mais orientado para

narrativas, as respostas que apenas nomeiam tópicos ou muito curtas podem constituir em um problema para a análise. No entanto, essa questão não foi uma limitação já que as participantes puderam falar sem interrupções e articularam respostas longas, sendo que em média, as conversas duraram uma hora. No entanto, as questões foram adaptadas para cada ativista que, em maior ou menor grau, já concederam entrevistas públicas para a imprensa. Então, a pesquisadora já tinha um conhecimento prévio dessas mulheres e isso influenciou na construção das perguntas.

Outro ponto importante foi que utilizamos onze entrevistas escritas realizadas por diversos veículos de comunicação como complemento para a coleta dos dados. Todas as informações retiradas dessas conversas estão referenciadas em notas de rodapé. Apesar de compreendermos que são dados produzidos por terceiros, pelos jornalistas, foram importantes para a familiarização e contextualização da vida das ativistas e também para a identificação do posicionamento público frente às questões abordadas em seus perfis. Para uma melhor visualização, segue um quadro designando a ativista, o veículo e a data da publicação.

QUADRO 1 - ENTREVISTAS CONCEDIDAS AOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO

	Veículo	Data de Publicação
<b>Janaina Costa - "Ela é só a babá"</b>	Centro Feminista de Estudos e Assessoria	20/11/2022
	Revista Marie Claire	28/03/2023
	Radis Fiocruz	22/01/2024
<b>Preta Rara - "Eu, empregada doméstica"</b>	Brasil de Fato	30/07/2016
	TRT Notícias	09/09/2020
	Gênero e Número	31/10/2019
<b>Verônica Oliveira - "Faxina Boa"</b>	Revista TRIP	08/10/2020
	Papo de Arara	25/10/2020
	Giz UOL	28/11/2021
<b>Isa Benevides - "Isa_benevides"</b>	Agência de notícias CEUB	28/04/2023
	Agência Brasil	27/04/2023

Fonte: as autoras

Para fins de organização e análise os trechos das entrevistas, gravadas com as ativistas e as coletadas nos veículos de imprensa, foram categorizados da seguinte forma: atuação como trabalhadora doméstica, atuação nas redes sociais,

dados biográficos e outras informações como, por exemplo, questões raciais e de gênero.

Finalmente concluímos a descrição do percurso metodológico com a obtenção dos dados através das entrevistas - públicas ou concedidas à pesquisadora - com a raspagem e análise temática das 4.040 publicações e análise das nuvens de palavras dos 288 comentários nas postagens sobre o trabalho doméstico.

Na próxima etapa, iniciamos a discussão teórica sobre os novos modelos de reconhecimento social perpassados pelas mediações digitais com a exibição e discussão dos resultados colhidos.

## 2 ELEMENTOS DAS LUTAS POR RECONHECIMENTO

Nesse item queremos responder à seguinte questão: **podemos falar em reconhecimento datificado diante do fenômeno das interações mediadas pelas plataformas?** Para tentar encontrar possíveis explicações, levantamos as premissas do reconhecimento de Axel Honneth e suas insuficiências. E, em seguida, ressaltamos as transformações da construção do sujeito a partir da mediação das mídias digitais.

### 2.1 AS PREMISSAS DO RECONHECIMENTO

Axel Honneth é um dos mais conceituados representantes da 3ª geração da Escola de Frankfurt e que ousa pensar sobre as lutas por reconhecimento contemporâneas. Para o autor, reconhecimento é um comportamento reativo por meio do qual nós respondemos de maneira racional - consciente ou não - a um determinado valor que nós aprendemos a perceber em outros sujeitos.

Honneth (2003) relata quatro premissas para a compreensão da teoria do reconhecimento. Ele reforça o significado original do termo em que o conceito de reconhecimento deve ser entendido como a afirmação de peculiaridades positivas de pessoas ou grupos. Em segundo lugar, o ato de reconhecer não se limita às enunciações simbólicas, ou seja, é uma postura que se concretiza na ação entre os sujeitos. Além disso, o ato de reconhecimento não pode estar atrelado a outros interesses que não sejam exclusivamente os da emancipação dos indivíduos. Por fim, a quarta premissa destaca que o reconhecimento é encontrado nas atitudes relacionadas às esferas do amor, do respeito jurídico e da estima social.

O filósofo desenvolve os fundamentos para uma teoria tomando como base a ideia de intersubjetividade como necessária para a autorrealização. Nessa visão, o conflito ganha papel central na formação moral dos sujeitos. O autor toma como ponto de partida a premissa da filosofia de Hegel, para quem os indivíduos se inserem em embates "através dos quais constroem uma imagem coerente de si mesmos e possibilitam a instauração de um processo em que as relações éticas da sociedade se liberariam de particularismos" (MENDONÇA, 2009, p.63). A atualização da ideia hegeliana acontece por meio da psicologia social, em que George H. Mead aprofunda o olhar sobre a formação do sujeito quando se relaciona

com outros parceiros de interação, ocorrendo um desenvolvimento moral dos sujeitos e da sociedade.

Para tal compreensão, Honneth (2003) adota a existência de três esferas responsáveis pela formação moral do ser humano: *a família, o Estado e a sociedade civil*. A esfera familiar corresponde aos afetos tecidos entre as pessoas mais próximas nas relações primárias. Essa instituição é responsável pelas experiências do amor, gerando autoconfiança nos sujeitos. O filósofo exemplifica com o amor entre mãe e filho na infância como uma espécie de pré-reconhecimento, havendo um movimento intersubjetivo, no qual se constrói o reconhecimento de si possibilitado pela experiência do amor e da segurança materna. O autor destaca que essas relações não incluem somente os laços de sangue, mas também ligações emotivas fortes entre pessoas. O desrespeito, nesta esfera, corresponde às formas de maus tratos e violação. Dessa maneira, o componente da personalidade que é atacado é aquele da integridade psíquica, ou seja, não é diretamente a integridade física que é violentada, mas sim o autorrespeito que cada pessoa possui emocionalmente.

Por sua vez, o segundo padrão de reconhecimento é ligado ao Estado e diz respeito à esfera dos direitos, vinculados à justiça e ao respeito universal. Para Honneth (2003), uma pessoa somente se concebe como portadora de direitos quando tem conhecimento das obrigações que deve cumprir perante o outro. A forma de reconhecimento do direito corresponde a forma de desrespeito intitulada privação de direitos e o componente da personalidade que é ameaçado é aquele da integridade social. A violação deste reconhecimento priva o indivíduo da condição mais fundamental que é a igualdade perante os outros. Porém, apesar de Honneth (2003) ressaltar, em um primeiro momento, o papel do sentimento de injustiça, logo em seguida a sua análise passa a considerar um tipo de respeito cognitivo da capacidade de responsabilidade moral que um ator social vivencia numa situação de desrespeito jurídico. Portanto, o conteúdo do que significa ser imputável moralmente em cada situação depende do grau de universalização e também do grau de materialização do direito (Honneth, 2003, p.216). Diante disso, quando o indivíduo reconhece os outros membros da sociedade como detentores de direitos, também ele vai se entender como digno cumpridor de suas obrigações. Com isso, o autorrespeito é gerado de maneira que as normas sociais, por meio dos direitos e deveres, se distribuam de modo mais igualitário.

Segundo Mendonça e Porto (2017) existe uma dimensão processual da justiça em que podem ocorrer ampliação de direitos ou retrocessos, assim, as lutas por reconhecimento quase sempre demonstram contradições. Mas, sem dúvida, a noção de respeito se altera quando novos direitos são conquistados, como no caso da “PEC das domésticas”. Honneth (2003) demonstra o potencial do direito enquanto instrumento de construção e ampliação da cidadania, mas que depende de um processo de aprendizagem moral para efetivá-las enquanto práticas sociais emancipatórias. Na concepção do autor, a esfera do direito é capacitada para contribuir com a formação individual – noção de um sujeito de direitos – e para estabelecer as premissas da vida pública democrática.

A terceira esfera de reconhecimento corresponde à sociedade civil, em que os seres humanos desenvolvem a estima social e a solidariedade, a fim de considerarem suas competências como positivas. No entanto, Honneth (2003) entende que a estima mútua somente é possível se houver uma gama de valores partilhados entre as pessoas. A violação nessa área pode gerar formas de desrespeito que correspondem à degradação e à ofensa. Dito de outra forma, enquanto o direito representa um meio que expressa os valores universais dos seres humanos, os princípios da estima social estão ligados à avaliação das diferenças no meio social. Entretanto, isso não significa que todos devam ser estimados exatamente da mesma forma, mas que todo indivíduo possa ter a mesma oportunidade de ser estimado. Segundo o filósofo, a afirmação da estima social não se reduz à dinâmica intersubjetiva do reconhecimento, mas se insere principalmente no conflito cultural, no qual “os diversos grupos procuram elevar, com os meios da força simbólica e em referência às finalidades gerais, o valor das capacidades associadas à sua forma de vida” (HONNETH, 2003, p. 207).

Honneth (2003) considera válidas somente as demandas que levam em conta os outros parceiros de interação. As reivindicações neofascistas, por exemplo, não se justificam, pois promovem a exclusão e a eliminação do outro. Mendonça (2009) evidencia que a teoria honnethiana privilegia o “caráter relacional e agonístico da construção da sociedade” (MENDONÇA, 2009, p. 143), em que a autorrealização depende de um progresso moral como horizonte social. Além de deixarem marcas físicas e simbólicas, as formas de desrespeito podem fomentar uma reflexividade que surge da indignação. Ou seja, é a partir das percepções dos conflitos que

nascerem as lutas por reconhecimento, algo próprio de ações democráticas em que o processo de transformação é uma constante.

Embora a necessidade de reconhecimento legal pela equiparação dos direitos das domésticas com as demais categorias seja algo bastante relevante, existem outras expectativas colocadas em cena. Dessa forma, a abordagem honnethiana se mostra eficaz para compreender como a categoria do trabalho fornece um cenário que possibilita a contestação de valores construídos socialmente. Os critérios pelos quais as conquistas são reconhecidas podem ser (e na sociedade patriarcal e burguesa é) distorcidos pelos preconceitos culturais e pelos interesses de grupos. Tal política pode envolver uma luta justamente porque ela visa derrubar preconceitos e estereótipos enraizados que servem aos interesses daqueles que estão no poder, ajudando a reproduzir a ordem estabelecida de reconhecimento (*o status quo*) (SMITH; DERANTY, 2011, p. 60).

A partir dessas considerações, discutimos no próximo item as marcas do estigma e dos estereótipos para as trabalhadoras domésticas como limitadores da expansão dos direitos jurídicos para a esfera social.

### 2.1.1 A luta por reconhecimento das trabalhadoras domésticas

Bernardino-Costa (2013) recupera o histórico de luta do movimento das trabalhadoras domésticas no Brasil. O marco inicial data de 1936, através da fundação da Associação Profissional dos Empregados Domésticos de Santos por Laudelina de Campos Melo. De acordo com o autor, ao longo dos quase 90 anos de existência do movimento organizado houve uma grande transformação na composição do grupo e no modo de atuação militante. Especialmente até meados da década de 1980, a luta das trabalhadoras domésticas se deu, principalmente, através do ativismo coletivo da categoria profissional. Com a ascensão dos sindicatos em algumas regiões como na Bahia e Campinas, a associação entre os eixos de raça, classe e gênero ganha força e se desenvolve. Essa articulação “permitiu o fortalecimento de suas interpretações de demandas democráticas e a construção da solidariedade política com outros movimentos” (BERNARDINO-COSTA, 2013, p. 48).

Contudo, foi somente em 2013, com a aprovação da “PEC das domésticas”, que essa classe obteve a equiparação de alguns direitos trabalhistas como os

demais trabalhadores, havendo o reconhecimento de sete novos direitos: adicional noturno, obrigatoriedade do recolhimento do FGTS por parte do empregador; seguro-desemprego; salário família; auxílio creche e pré-escola; seguro contra acidentes de trabalho e indenização em caso de demissão sem justa causa. Sem dúvida a PEC e a sua regulamentação em 2015 constituiu em um avanço para o reconhecimento do trabalho doméstico formal. No entanto, a transformação valorativa na área do Direito não significou grandes avanços nas formas de reconhecimento social, conforme Mello e Rosenfield (2024) destacam.

Gomes (2009) já apontava para a necessidade de estudos que identificassem as formas e conteúdos abordados pelas frentes ativistas para campanhas bem-sucedidas junto à opinião pública. O discurso da mídia corresponde a uma importante arena em que as pessoas têm acesso “aos modelos mentais concretos como base para a formação de atitudes gerais” (Van Dijk, 2012, p. 27). No entanto, alguns artigos apontam para a invisibilidade, estereotipia e exclusão da representação da classe doméstica pelos meios de comunicação tradicionais. Maia (2018) descreve a invisibilidade como algo muito nocivo, pois revela uma irrelevância social ou da notabilidade da demanda requerida pelos grupos marginalizados. Maia e Cal (2014) recorrem ao conceito de reconhecimento ideológico para abordar as relações de poder enfrentadas por mulheres que passaram pelo trabalho doméstico infantil (TDI), em Belém - PA. As pesquisadoras revelam como a prática do serviço doméstico está enraizada culturalmente, sendo capaz de “motivar um comportamento complacente que contribui para estabelecer ou estabilizar relações de dominação” (MAIA E CAL, 2014, p 67).

#### 2.1.1.1 Ética do cuidado: uma saída possível

Esta pesquisa aborda o trabalho das ativistas influenciadoras no *Instagram*, mas também propõem uma discussão sobre o trabalho doméstico. Afinal, essa atividade ainda é exercida por quase seis milhões de pessoas no Brasil e isso equivale a 6% do total da força de trabalho<sup>1</sup>. Além disso, ainda se apresenta como destino para muitas mulheres pobres, negras e com baixa escolaridade. A ideia,

---

<sup>1</sup> <https://www.dieese.org.br/infografico/2023/trabalhoDomestico2023.html>

portanto, de que as formas de trabalho perderam sentido no mundo contemporâneo não encontra eco na realidade empírica, como nos alerta Honneth (2008).

Mendonça (2018) recupera a importância do contexto para entender os processos sociais que são permeados por emoções, muitas vezes invisibilizadas em esferas privadas, como no caso do trabalho doméstico. “O afeto é político porque é uma dimensão fundamental para que os sujeitos possam se realizar. Assim, as condições de sua experiência devem ser alvo de reflexão e podem inspirar lutas políticas” (MENDONÇA, 2018, p. 138).

Condições essas que Young (2007) julga serem insuficientes na obra de Honneth. Para a pesquisadora, o reconhecimento do trabalho de cuidado requer um princípio diferente do que é estimado dentro da sociedade capitalista de contribuição produtiva.

Honneth (2008) atribui a desvalorização do trabalho atribuído às mulheres ao fato da sociedade moderna carregar um pensamento de natureza inata aos papéis femininos que envolveria um menor esforço físico e mental nas atividades domésticas. No entanto, é algo insuficiente para Young (2007) que pretende questionar o progresso moral também na esfera dos afetos e sugere que o trabalho de cuidado não pode ser facilmente reconhecido em sua contribuição social dentro da esfera da estima.

Young (2007) recupera a discussão de Honneth sobre como os princípios de amor e carinho ganham robustez no pensamento moderno. Assim, o amor constitui-se como um afeto importante no desenvolvimento da autonomia e habilidades para além da manutenção física da criança. Mas para a autora, “...é difícil entender como o amor pode ser mútuo de forma igualitária e ao mesmo tempo expandir seu reconhecimento. Cada um de nós gostaria de mais atenção, mais compreensão e mais conforto do que conseguimos” (YOUNG, 2007, p. 205, tradução nossa<sup>2</sup>). A partir disso, ela propõe que a ideia de amor burguês mude para um **modelo pautado no cuidado**.

Isso significa, para a filósofa, socializar as responsabilidades inerentes ao cuidado de crianças, pessoas com deficiência e idosos, a ponto de que todos sejam

---

<sup>2</sup> *“It is difficult to understand how love can be mutually equal and at the same time expand its recognition. Each of us would like more attention, more understanding and more comfort than we get”.*

encorajados a participar das tarefas e “ao mesmo tempo, possibilitar a todos os trabalhadores de cuidados ter tempo e formação para outras atividades socialmente valorizadas” (YOUNG, 2007, p. 201, tradução nossa<sup>3</sup>).

Em linhas gerais, se a valoração das atividades produtivas for desafiada e uma nova compreensão da economia for desenvolvida, como sugerem Deranty e Breen (2022), isso colocará o foco em atividades que envolvem trabalho, mas que até agora permaneceram praticamente invisíveis como atividades de reprodução social envolvendo as tarefas de cuidado. Os autores destacam que a pandemia de Covid-19 chamou a atenção do público para a importância do trabalho humano para o atendimento de necessidades essenciais. Em muitos lugares, as empregadas domésticas foram chamadas de “essenciais” e, portanto, solicitadas a continuar trabalhando enquanto o resto da sociedade mantinha afastamento físico. De fato, as atividades de cuidado fornecem objeções poderosas e reveladoras à visão de uma sociedade totalmente automatizada.

Honneth (2008) tece comentários contrários às críticas que apresentam estruturas externas ao objeto criticado, como por exemplo criticar modelos capitalistas à luz de produções orgânicas. Nessa discussão, cabe ressaltar que o trabalho de cuidado foi realizado durante muito tempo por mulheres negras de forma gratuita e no interior do espaço doméstico (HIRATA, 2016). É certo que Honneth questiona os modos de produção artesanal para a avaliação capitalista, mas o trabalho realizado dentro dos lares somente ganhou o *status* de emprego quando se mercantilizou a partir do envelhecimento da população e ingresso das mulheres no mercado de trabalho. Ou seja, aquilo que é considerado ou não algo próprio do sistema capitalista também pode ser alterado diante dos acordos sociais.

Pressupomos que a atividade do trabalho ocupa parte da nossa vida produtiva e é através dele que, em boa medida, nos relacionamos com o mundo, com os outros e com nós mesmos. A definição clássica marxista de trabalho parte de uma característica genérica da ação humana de transformação da natureza. Porém, a partir do método do materialismo histórico-dialético, Marx identifica que o modo de produção capitalista impõe uma divisão entre trabalho e trabalhador. Hirata e Zarifian (2003, p. 66) alertam que “o trabalhador, ser de subjetivação, torna-se

---

<sup>3</sup> “at the same time, enabling all care workers to have time and training for other socially valued activities”.

prisioneiro daquilo a que ele deve se reportar às operações objetificadas". Ou seja, o trabalhador é visto como uma força de trabalho em potencial e não mais como um sujeito.

Para Hirata e Zarifian (2003), a noção de trabalho doméstico esteve fora desse conceito por ser o contrário da objetificação. Os pesquisadores destacam que por essa atividade ser realizada dentro da casa das pessoas e configurar relações de afeto foi destinada por muito tempo, exclusivamente, às mulheres. Com o impulso do movimento feminista no início dos anos 1970, uma nova maneira de pensar o trabalho surgiu na França.

Foi com a tomada de consciência de uma “opressão” específica que teve início o movimento das mulheres: torna-se então coletivamente “evidente” que uma enorme massa de trabalho é efetuada gratuitamente pelas mulheres, que esse trabalho é invisível, que é realizado não para elas mesmas, mas para outros, e sempre em nome da natureza, do amor e do dever materno (HIRATA E KERGOAT, 2007, p. 597).

De lá pra cá, chegamos a um conceito de trabalho que procura abarcar também as atividades de reprodução social. Deranty et al. (2018) consideram que o trabalho deve produzir um desses benefícios: salário, lucro para o empregador, entrega de mercadoria ou serviço e a apropriação do resultado por um cliente. Outros elementos compõem essa descrição, como o envolvimento de esforço físico ou mental e o sentimento de prazer por satisfazer as necessidades de outras pessoas. Assim, não há dúvidas de que o emprego doméstico ou de cuidados também estão contemplados nesse conceito.

Molinier e Paperman (2015) criticam a dissociação entre ética e trabalho e até mesmo a fragmentação dos trabalhos de cuidado em uma série de especialidades como babá, cuidadora, empregada doméstica, entre outros. A consequência, para as autoras, está em considerar a ética como um conhecimento intelectual ligado a práticas corretas, mas desvinculado à realidade dessas trabalhadoras.

Esse ponto, descrito pelas pesquisadoras, revela que embora a perspectiva do cuidado seja central na vida da maioria das mulheres ainda é visto como periférico pelo movimento feminista liberal. Ou seja, ele é admitido como um lugar de exploração e desigualdades, no entanto, “a dimensão da ética inerente ao trabalho e ao conceito político de cuidado não pode ser integrada” (Molinier e Paperman, 2015, p. 46). Dessa forma, a atenção à ética do cuidado parece ser um obstáculo para a autonomia de determinados grupos de homens e mulheres privilegiados.

Molinier e Paperman (2015) propõem então uma mudança de paradigma. Essas relações de trabalho, remunerado ou não, estão inseridas em contextos sociais mais amplos e precisam ser tratadas como tal. Deixar que os conflitos sejam discutidos no âmbito privado ou no campo jurídico é confortável para o Estado e para a sociedade em geral. Exatamente por envolver diversos atores sociais, as autoras sugerem a análise das atividades do cuidado como um processo.

Já nessa primeira descrição se vê a necessidade de pensar a articulação entre o que se passa no nível da relação de cuidado direta (*caregiving*), a maneira como as necessidades de cuidado é considerada em âmbito mais amplo (institucional, político) e como são considerados os meios para atendê-las (Molinier e Paperman, 2015, p. 46).

A grande dificuldade, segundo as autoras, está em considerar essa reorganização das responsabilidades como algo pertinente para abordar a categoria do trabalho em todos os níveis. Tronto (2013) defende um modelo de análise que se volta para as relações. Dessa forma, não existe espaço para uma visão sentimentalista sobre o assunto. Nessa concepção relacional das responsabilidades, não reinam a conciliação ou os bons sentimentos, mas conflitos a serem solucionados, elucidados ou admitidos como contradição dinâmica (TRONTO, 2013).

Esse é um ponto relevante na tese que, apesar de olhar para perfis que buscam politizar o emprego doméstico no *Instagram*, considera as questões como inerentes às assimetrias de poder. Ou seja, não consideramos os embates como uma falta moral de um agente como prevê o modelo jurídico de responsabilidade. Para Tronto (2013) isso significa reconhecer a importância das relações como ponto de partida para questionarmos a incumbência das responsabilidades do cuidado a determinadas categorias sociais (mulheres, negras, imigrantes, pobres).

Para Gilligan (2013) a capacidade de criar laços e relacionar-se é adquirida ainda na primeira infância, mas em algum momento do desenvolvimento humano isso se perde. Para a autora, o regime patriarcal é responsável pela perda do imaginário relacional já que há um esforço de socialização masculina em busca da autonomia e longe dos afetos. Por outro lado, as mulheres “...precisam falar a linguagem da razão e não conseguem dizer o que têm a dizer (“perda da voz”), ou falam a linguagem das relações e são desqualificadas no espaço público e político” (Molinier e Paperman, 2015, p. 51).

Gilligan (2013) salienta que a “voz diferente” que ela descreve desde os anos 1970 não é caracterizada pelo gênero, mas pelo tema. O fato de serem associadas às mulheres refere-se à observação empírica em suas pesquisas na área da psicologia. A autora conclui que o juízo moral das mulheres tende a ser mais contextual, rico em detalhes e com narrativas. Isso mostra uma tendência a assumir o ponto de vista do “outro”. Esses elementos não seriam fraquezas ou deficiências, mas sim uma maturidade moral que considera a rede de relações em que estamos inseridos.

Para compreender como as relações são estruturadas é preciso identificar que a cultura do mercado é um empecilho para o desenvolvimento de uma sociedade do cuidado. Nos interessa especificamente a mercantilização das emoções e das relações mais próximas. Por exemplo, um casal de classe média contrata uma babá porque não têm tempo para cuidar do seu bebê. Isso faz com que a relação entre o casal e a criança se afrouxe e em certa medida a existência do bebê cumpra uma função a partir da disponibilidade dos pais. Esse cálculo racional, de perdas e ganhos, só vem à tona quando o enunciamos. Ou seja, somente quando colocamos em redes de significação ocorre essa estranheza das práticas banais (Laugier, 2005).

Se por um lado as tarefas do cuidado são tidas como "essenciais", por outro, as trabalhadoras são excluídas do reconhecimento material e simbólico. Damamme et al. (2022) demonstram que quando as relações assimétricas de poder dão origem a conflitos, elas são muitas vezes naturalizadas ou até esvaziadas no seu potencial de crítica.

Dessa forma, consideramos que o trabalho adquiriu novas configurações nas relações contemporâneas, mas não podemos ignorar as características específicas e herança colonial que se mantém sobre o trabalho doméstico. A relação de uma pessoa com o trabalho depende de muitos fatores, sejam eles das estruturas sociais ou de padrões da experiência individual. Mas o reconhecimento ou a falta dele não é distribuído de maneira uniforme entre categorias, dependendo sobretudo da localização geográfica, gênero, raça, classe e idade.

### 2.1.2 Reconhecimento pode ser datificado?

As mídias digitais podem ser consideradas instituições que operam no que Rancière (2005) denomina de "partilha do sensível", como cerne da participação política. O termo refere-se a um sistema de valores compartilhado, mas para o autor existe "uma forma de partilha que precede esse tomar parte: aquela que determina os que tomam parte" (RANCIERE, 2005, p. 16). Dessa forma, o tipo de ocupação do sujeito implica no modo como ele se relaciona no espaço comum.

Nessa discussão já podemos verificar um aspecto pouco desenvolvido no trabalho de Axel Honneth, mas que não passou despercebido por Nancy Fraser (2009): o reenquadramento da noção de reconhecimento. Segundo a autora é na esfera política (representação) que existe a capacidade de estipular os critérios de pertencimento social dos sujeitos e os procedimentos de apresentação, relacionado ao "como" reivindicar direitos. As mídias digitais impõem novas lógicas na forma como o sensível é distribuído e, como aponta Campanella (2021), isso compreende adquirir novas competências para adquirir visibilidade e a própria redefinição de autorrealização.

Algumas pesquisas discutem como as plataformas ditam a forma como a sociabilidade é estruturada. Assim a própria definição das redes como "sociais" é questionada, já que as interações ocorridas ali são definidas por algoritmos sendo "rastreadável, calculável e, portanto, manipulável para obter lucro" (COULDRY E VAN DIJCK, 2015, p. 3). De acordo com os autores, a lógica empregada nas plataformas é a de que a atenção acumulada é um valor social.

Enraizadas nos princípios de popularidade automatizada (número de cliques) e conectividade (número de relacionamentos), as plataformas online tornam-se as artérias de um novo "social" online – permitindo, promovendo, distribuindo e orientando fluxos de dados (COULDRY E VAN DIJCK, 2015, p. 3).

Sobre essa intervenção da plataforma, Verônica Oliveira destaca a perda inexplicável de seguidores semanalmente. No final de 2023 a página "Faxina Boa" tinha 322 mil seguidores e agora, em maio de 2024, está com 302 mil pessoas. Para os seguidores voltarem, a lógica do *Instagram* força o *social media* a fazer um conteúdo para viralizar. Outra questão levantada pela ativista são os meios de impulsionamento da página, já que é possível pagar para ter seguidores ou para o

seu conteúdo ser mais recomendado pela plataforma. Tudo isso causa profunda indignação em Verônica que é categórica ao dizer que nunca usou desses subterfúgios para alavancar seu perfil.

As diversas formas de valorização social realizada pela mediação das tecnologias digitais ganharam o nome de “reconhecimento mediado”, por Driessens e Naerland (2022). Já Campanella (2021) prefere utilizar a expressão “reconhecimento datificado” para designar as transformações das demandas atravessadas pelas plataformas. O autor defende que essa mediação “transforma algumas das premissas que estruturam as formas tradicionais de reconhecimento, uma vez que seu objetivo principal é a produção de capital” (Campanella, 2021, p. 283).

Partindo de Couldry e Hepp (2018), as empresas de redes sociais estão alterando os padrões de interação da vida social, na medida que ocorre um aprofundamento da interdependência baseada na tecnologia. Os pesquisadores descrevem esse processo em etapas. A primeira é marcada pela invenção da imprensa (mecanização), a segunda onda está atrelada ao telégrafo e telefone (eletrificação), a terceira relaciona-se ao computador e à internet (digitalização) e as tecnologias baseadas em dados inauguram a quarta onda (datificação). Com a profunda mediatização, a datificação corresponde ao poder de categorizar o mundo e interferir na produção de visibilidade e reconhecimento dos indivíduos (CAMPANELLA, 2021).

Já Davies (2021) tensiona a questão ao dizer que a era das mídias sociais substituiu o reconhecimento pela reputação como princípio dominante. Para o pesquisador, a crítica e a opinião tornam-se mediadores de relações e investimentos sociais em que pode ser aumentada ou diminuída, como no caso do cancelamento digital.

Segundo Davies (2021) na esfera pública analógica, o reconhecimento como autorrealização exigia algum ato de representação e a deturpação era por causa da falta de reconhecimento ou do reconhecimento ideológico. No entanto, na era das plataformas as representações são substituídas pela curadoria. Isso se dá pela própria lógica de postagem, em que um pedaço de conteúdo é compartilhado como uma forma de investimento em uma reputação digital. Nas palavras do autor a esfera pública digital “vê uma exposição contínua do eu interior na luta para ser reconhecido, mas nunca alcança seu objetivo” (Davies, 2021, p.89, tradução nossa).

Nesse sentido, em vez de reconhecimento, a autorrealização passa pela mera reação de curtidas e compartilhamentos.

Nesse sentido, entendemos que o próprio Honneth (2020) afirma que a teoria do reconhecimento abre caminho para fazer um diagnóstico das “patologias sociais” e mostrar que o desenvolvimento atual do capitalismo neoliberal aponta numa direção em que as condições de autorrealização dos marginalizados são consideravelmente violadas, considerando as tendências de mercantilização, tendências de destruição das relações privadas e as exigências de gestão das identidades individuais. Contudo, identificamos uma capacidade de transformação das limitações impostas pelas plataformas e de estratégias de usos das ativistas que não devem ser subestimadas.

## 2.2 A CONSTRUÇÃO DE “NOVOS” SUJEITOS

Para Honneth (2008), mesmo com as transformações sociais, os sujeitos continuam derivando boa parte da sua identidade do seu papel no processo organizado do trabalho. Aqui, aceitamos a divisão conceitual de Goffman (1988) em identidade pessoal e identidade social. A primeira refere-se à pressuposição de que um sujeito é único e, portanto, deve ser diferenciado dos outros apesar das similaridades para isso é que existe a carteira de identidade e outros elementos. Para o autor, a dificuldade reside na percepção de que a identidade pessoal também desempenha um papel que é bastante rígido e padronizado na organização social. Entretanto, a categoria da identidade social parece-nos mais aderente para o propósito da tese e refere-se aos “repertórios de papéis ou perfis que consideramos que qualquer indivíduo pode sustentar” (GOFFMAN, 1988, p.57). Ou seja, é a identidade experimentada nas interações sociais.

Para Deranty et al. (2018) a identidade é a síntese da vida subjetiva e que possui três características principais: reflexividade, temporalidade e normatividade. O ser reflexivo é capaz de estar em contato consigo mesmo, a chamada autoconsciência das ações. Outra dimensão importante da vida subjetiva é que ela se estende ao longo do tempo e é constituída por sua história. Isso está relacionado ao dinamismo da existência em que a lógica temporal de passado, presente e futuro moldam a subjetividade. Por fim, a identidade também é construída por padrões decisivos de bem e mal, não obstante somos desafiados por questões internas e

externas que coordenam a experiência. Segundo os autores, as capacidades físicas, cognitivas e afetivas são reunidas e misturadas em uma atividade laboral. E o impacto do trabalho na subjetividade se estende para além do lugar onde ele é executado, como na vida íntima e na ação política. Ou seja, mesmo parecendo trabalhos antagônicos, a atuação das ativistas nas redes sociais e no emprego doméstico moldam e constroem suas identidades.

Contudo, a ideia de reconhecimento honnethiana tem como pano de fundo o processo de individualização moderna que possibilitou o advento das identidades. A partir dessas leituras, Cenci (2013) ressalta que as profundas transformações na modernidade fizeram surgir uma multiplicidade de "...aspirações de realização de si" (CENCI, 2013, p. 315). No entanto, as interações passam a ser reduzidas a momentos de busca de si mesmo e a ênfase está na singularidade de cada indivíduo. Por isso, para Honneth (2003), o produto das realizações de reconhecimento passa a ser designado como autoestima, autoconfiança e autorrespeito.

Se o sujeito se converte na modernidade em indivíduo, os princípios que antes o regiam não fazem mais sentido como por exemplo a honra. Boa parte dos valores migra para a esfera jurídica, com o conceito de dignidade humana. "Porém, tal âmbito não é capaz de recolher todas as dimensões da estima social" (CENCI, 2013, p.317). Honneth (2006), então, aponta que as expectativas de autorrealização foram convertidas em fundamento para legitimar o regime capitalista. Entre tantos motivos materiais, sociais e mentais, Honneth (2006) destaca três situações para essa transformação. O primeiro diz respeito ao protagonismo dos meios eletrônicos na vida cotidiana, em que o indivíduo ganha evidência. O segundo fator remete às estratégias publicitárias em que há uma promessa de ganho de autenticidade com a compra de mercadorias. E por fim, uma reestruturação nos modelos do setor produtivo em que os empregados se tornam empreendedores de si mesmos.

Dessa forma, Cenci (2013) entende que existe uma coexistência paradoxal que afeta o individualismo de autorrealização: as motivações por reconhecimento e a sua negação de maneira institucionalizada. Para o autor, um possível contraponto pode ser encontrado no conceito de liberdade comunicativa. "Tal conceito é vinculado a relações de reconhecimento que propiciam reciprocamente aos sujeitos uma experiência de reconhecimento de suas capacidades e necessidades" (CENCI, 2013, p. 322).

Touraine (2009), de maneira mais enfática e radical, propõe redefinir os rumos da sociologia para uma “sociologia do sujeito” em que o respeito pelos direitos humanos é, em última instância, o direito à palavra, pois ela só existe quando “declarada”. Isso significa que antes de possuir um papel social, o sujeito deve ter a capacidade e as condições para agir sobre si.

A relação de si para si tem um conteúdo universalista, o que o coloca acima das relações com o outro, sempre limitadas pela particularidade do parceiro. Não é preciso ver qualquer ‘ensimesmamento’ sobre a existência dos indivíduos nas ideias que apresento aqui; ao contrário, eu desejo que as ‘grandes narrativas’ da vida pública e da História sejam substituídas pelas ‘grandes narrativas’ do sujeito, da sua criação, de sua defesa contra todas as formas de ‘nós’ (TOURAINÉ, 2009, p. 144).

Com o afrouxamento dos vínculos sociais, Touraine (2009) ressalta que esse sujeito ganha um protagonismo que não deve ser confundido como sendo o de um militante revolucionário e salvador da pátria. Ele é um sujeito comum que possui uma liberdade de consciência e que, muitas vezes, se sacrifica para incluir novos debates na esfera pública. Se para Touraine (2009) o reconhecimento dos sujeitos é central, precisamos conhecer quem são essas mulheres que se expõem e expõem a discussão sobre o trabalho doméstico no Instagram.

### 2.2.1 Estigma ou estereótipo?

Todas as experiências laborais produzem marcas que carregamos durante a nossa vida e que nas palavras de Goffman (1988, p.6) são chamadas de “identidade social real”. No entanto, ao nos depararmos com alguém desconhecido logo lhe imputamos características pré-concebidas para categorizá-lo. Esses pré-conceitos transformam-se em exigências normativas que julgamos ao outro e constitui a “identidade social virtual”. A discrepância entre a identidade projetada e a realizada pode ser conceituada como um estigma. Ou seja, é marcado em função do que é projetado para si e para os demais, colocando em evidência expectativas e aderências às normas, às quais os atores estão sujeitos nas interações. Segundo Goffman (1988, p.6) isso afasta o termo das características depreciativas, assim, “um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso”.

Apesar disso, o sociólogo percebe que existem atributos quase sempre considerados como negativos socialmente e os separa em três vertentes. 1) Deficiências físicas; 2) Deficiências de “caráter” (homossexualidade, desemprego, radicalismo político); 3) Deficiências de origem ou tradição (raça, religião, classe social<sup>4</sup>). Assim, aqueles que cumprem certos padrões de expectativas tendem a desumanizar o estigmatizado racionalizando atitudes depreciativas.

Esse processo foi visto empiricamente por Mello e Rosenfield (2024) que investigaram postagens de Preta Rara no Facebook, entre 2016 até 2022. Os resultados apontam para as fortes hierarquias existentes na atividade doméstica. As pesquisadoras observam que há uma teia moral de luta por poder nas relações interpessoais, que se dá através da institucionalização de práticas de demarcação das hierarquias e das diferenças.

Em termos objetivos, essas trabalhadoras enfrentam: a) o desrespeito relativo aos direitos conquistados – formalmente, essa categoria possui direitos, mas muitas vezes estes não são respeitados e, mesmo quando o são, apresentam-se como uma dimensão isolada, pois não favorecem o reconhecimento em outras dimensões; b) o desrespeito nas relações primárias – o que coloca em xeque a ideia da “doméstica como membro da família”, evidenciando a falta de acolhimento afetivo verdadeiro; c) o desrespeito tanto ao valor do trabalho doméstico quanto à figura da trabalhadora, que ora é vista como subcidadã, ora é vista como menos humana (Mello e Rosenfield, 2024, p.35)

As autoras afirmam que - mesmo com o avanço das leis trabalhistas - o menosprezo moral não foi corrigido. A subordinação se mantém, pois está relacionada tanto à atividade quanto à figura da empregada doméstica que, como já mencionamos, é majoritariamente constituída de mulheres, pobres e, em sua maioria, negras. No cotidiano laboral, as relações de reconhecimento institucionalizadas se desfazem, limitando o alcance do reconhecimento jurídico.

Preocupado com os padrões das interações microssociológicas, Goffman (1988) desenvolve categorias como a de “igual” que compartilha o estigma; a de “normal”, aquele que não o compartilha; e a de “informado” que guarda uma proximidade com a categoria estigmatizada. Ele explica que a pessoa estigmatizada reage às situações de não aceitação de maneiras diversas. Desde correções físicas, exercícios de atividades de alto desempenho até mesmo encarar as privações como

---

<sup>4</sup> O termo "deficiência" é do próprio Goffman em obra realizada em 1963.

algo benéfico ou isolar-se socialmente. O sentimento de insegurança permeia todas as reações dos estigmatizados e influenciam nas relações face a face.

Sentiremos que o indivíduo estigmatizado ou é muito agressivo ou é muito tímido e que, em ambos os casos, está pronto a ler significados não intencionais em nossas ações. Nós próprios podemos sentir que, se mostramos sensibilidade e interesse diretos por sua situação, estamos nos excedendo, ou que se na realidade, esquecemos que ele tem um defeito, far-lhe-emos, provavelmente, exigências impossíveis de serem cumpridas ou, inadvertidamente, depreciaremos seus companheiros de sofrimento (GOFFMAN, 1988, p.18 e 19).

Dentre os recursos públicos que os estigmatizados possuem para denunciar suas situações vividas, o pesquisador ressalta o papel dos representantes de categorias que alcançam certa posição social e que gozam de importância dentro do próprio grupo. Assim, frequentemente esses líderes precisam lidar com representantes de outras categorias e com as particularidades dos estigmas. Para Goffman (1988), nesse processo, os estigmatizados contam com o apoio dos “informados”. Essas pessoas são caracterizadas como simpatizantes da causa, mas que compreenderam seus privilégios ou que possuem uma relação íntima com um sujeito estigmatizado<sup>5</sup>.

Outro ponto destacado pelo autor é a importante relação do estigmatizado com a comunidade, seja organizada em instituições ou somente em “grupos de iguais” (GOFFMAN, 1988, p.36). Isso desenvolve uma espécie de elaboração retrospectiva, a partir do compartilhamento de experiências, que permite a criação de vínculos e fortalecimento social. Apesar de fundamental, esses laços não são facilmente construídos mesmo em uma sociedade com tantos aparelhos tecnológicos de comunicação imediata.

Além dos obstáculos na construção de vínculos, segundo Goffman (1988) existem certas características reflexivas e corporificadas que identificam os indivíduos estigmatizados como por exemplo:

A postura encurvada, o olhar cabisbaixo, as atitudes de submissão podem ser signos de estigma. Neste caso, o uso de aventais, de toucas, de cabeças raspadas, as mãos calejadas, degradadas pelo uso excessivo em tarefas domésticas são signos que denunciam a sociabilidade e a subalternidade própria do trabalho doméstico (LAMARAO E MACIEL, 2007, p. 6 e 7).

---

<sup>5</sup> Usando a terminologia de Goffman (1988), esta pesquisadora encaixa-se na condição de “informada”, pois compreende a importância da emancipação das trabalhadoras domésticas para uma sociedade mais justa.

Esses signos variam de grupo para grupo, já que o uso de uniforme pode ser motivo de orgulho para oficiais militares e demais categorias prestigiadas. No entanto, para as empregadas domésticas a identidade social construída advém de uma apresentação compulsória em público que deprecia a classe, algo chamado por Goffman (1988) de “manipulação do estigma”. É exatamente essa manipulação do estigma que permite que as trabalhadoras domésticas sejam revistadas antes e depois da sua jornada laboral sem um debate público sobre isso. Sem dúvida, todas as ativistas analisadas nesta tese colocam em “cheque” essas representações e atitudes constrangedoras pelas quais passam cotidianamente no emprego doméstico.

Na gramática dos conflitos sociais, o estigma representa sério obstáculo ao reconhecimento nas suas três dimensões, autoconfiança, autorrespeito e autoestima, na medida em que impõe maus-tratos e violação, a privação de direitos e exclusão a ofensa e degradação.

Outro conceito que nos auxilia, na identificação dos impactos das representações sociais, é o estereótipo. Jairo e França (2022) definem como:

Estruturas cognitivas (crenças e esquemas) compartilhadas a respeito dos atributos de um grupo, usadas pelo observador para processar as informações coletadas do indivíduo alvo, de modo a promover associações que permitam a ele (o observador) inferir atributos do alvo apenas pelo enquadramento dele a determinado grupo ou categoria, de tal maneira que os pensamentos, ações, reações e as expectativas do observador em relação ao alvo sofrerão interferência destas estruturas (JAIRO E FRANÇA, 2022, p.17).

O conceito está relacionado às reduções fixas e simplistas das características pessoais - como aspectos físicos, culturais ou comportamentais - constituídas por impressões generalizadas criadas pelo senso comum. Hall (1997) aponta que na prática eles contribuem para a essencialização, exclusão e padronização dos sujeitos. Esse fenômeno cultural, no entanto, é alimentado e reforçado pelos diversos meios, como televisão e internet. Diante das leituras de Devine (1989), Fiske (1998) e Melo et. al (2017) selecionamos alguns impactos sociais dos estereótipos:

- a) Percepção Social: Estereótipos moldam nossa percepção social. Eles afetam como vemos os outros e como esperamos que se comportem. Isso pode limitar nossa compreensão das complexidades individuais.

- b) Discriminação: Quando atribuímos características negativas a um grupo com base em generalizações, isso pode resultar em tratamento injusto e desigual.
- c) Autoestima: Pessoas que se encaixam em estereótipos positivos podem se sentir bem consigo mesmas, enquanto aquelas que não se encaixam podem sofrer com baixa autoestima. Por exemplo, padrões de beleza difíceis de serem alcançados.
- d) Oportunidades: Estereótipos moldam a visão que temos de determinados grupos não serem aptos a ingressarem em algumas áreas, como por exemplo o fato de as mulheres serem subestimadas em carreiras ligadas à tecnologia, engenharia e matemática.

Assim, Maia (2018) argumenta que as “representações complexas retratadas de modo simples criam uma ilusão pós-racial, que isenta os espectadores do ônus de enfrentar a persistência do racismo institucional” (MAIA, 2018, p. 76). Geralmente, quando utilizamos os estereótipos de maneira inconsciente, podemos fazer apreciações errôneas e muitas vezes preconceituosas. Dessa forma, é fundamental reconhecer os estereótipos e trabalhar para superá-los, promovendo uma sociedade mais justa e inclusiva que nos ajude a compreender a diversidade humana. Assim, argumentamos que tanto o estigma (nível microsocial) quanto o estereótipo (nível macrossocial) são construções que mesmo sendo inerentes aos arranjos sociais precisam ser questionados.

### 3 TUDO EM UM SÓ LUGAR E AO MESMO TEMPO<sup>6</sup>

Há quem diga que não há nada de bom nas redes sociais<sup>7</sup>, apenas frivolidades, fofocas e ostentação. Essa reclamação pode fazer sentido caso se tenha pesquisado voluntariamente sobre esses assuntos - e o algoritmo<sup>8</sup> esteja recomendando mais do mesmo - ou a sua rede de contatos seja feita de pessoas superficiais. Em qualquer uma das duas opções o problema não está com a rede social, mas sim com as suas escolhas. “Ou seja, os pontos da rede com os quais nos relacionamos – sejam eles amigos, família, mídias, perfis de entretenimento ou humor – são essenciais como mediadores do tipo de informação à qual teremos acesso” (Santos, p. 5, 2024). Isso não significa dizer que as plataformas não atuem para maximizar os lucros e minimizar os custos como qualquer empresa privada do sistema capitalista.

Boyd e Elisson (2007) conceituam as redes sociais como sites em que é possível: a) gerar um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema limitado, b) vincular uma lista de outros usuários com quem esses usuários dividem uma conexão e c) visualizar a sua própria lista de conexões e dos outros usuários do sistema. Além dessas características, com a popularização dos *smartphones*, as mídias sociais incorporaram também o acesso via aplicativos de celular. Outro aspecto, descrito por Chadwick (2013) como sistema midiático híbrido foi constatado na dinâmica de postagens das ativistas sobre o trabalho doméstico. Janaína Costa tem o hábito de repostar no *Instagram* as publicações que realiza no X (ex-Twitter), Preta Rara iniciou fazendo relatos sobre a atividade doméstica no Facebook e depois partiu para as outras plataformas e todas as ativistas publicaram sobre algo que virou notícia nos sites jornalísticos. Assim, as lógicas comunicacionais interagem continuamente, produzindo arranjos sempre provisórios e mutáveis (Chadwick, 2013).

---

<sup>6</sup> O título do capítulo é uma paráfrase do título do filme “Tudo em Todo o Lugar ao Mesmo Tempo” (2022), dirigido por Daniel Kwan e Daniel Scheinert.

<sup>7</sup> Usamos o termo “redes sociais” como sinônimo de “plataformas” e “mídias sociais”.

<sup>8</sup> “A recomendação baseada na filtragem por conteúdo utiliza informações anteriores do usuário em relação a um item para recomendar itens similares” (Marinho et. al. p.16, 2019).

Santos (2024) cita três elementos que impactam as interações no ambiente digital. Em primeiro lugar destaca-se a mistura das fontes de informação na timeline, há uma aleatoriedade - muitas vezes direcionada pela personalização do consumo - a partir da vontade de quem posta e de quem consome notícias, entretenimento, fotos da família e memes, por exemplo. O segundo ponto versa sobre o objetivo inicial com que as mídias sociais foram criadas, a sociabilidade. Ou seja, estamos estudando uma arena que não surgiu para o debate de ideias, mas sim para reforçar as relações entre as pessoas. A social media Verônica Oliveira destaca a dificuldade das discussões no Instagram:

**Verônica Oliveira:** *É difícil estabelecer uma comunicação mais densa na rede social. Talvez no YouTube numa live você consiga trocar uma ideia. As discussões no Twitter e no Instagram são pouco debatidas e muito brigadas, o povo só sabe reclamar e não consegue aprofundar uma crítica. Vai terminar alguma coisa no teu cú e acabou.*

Por fim, a polifonia de vozes desenvolve uma nova lógica de visualização em que o número de seguidores não determina a capacidade de viralização dos conteúdos. Se não é o tamanho da audiência que determina a visualização, o que é? Quais são os assuntos que merecem a nossa atenção e do poder público?

Segundo Gomes (2024, p.7) “é preciso, pois, prestar atenção nas dinâmicas, nas estruturas e nos agentes envolvidos nesses processos para identificar o funcionamento concreto da esfera pública contemporânea”. Para o autor, as opiniões e relatos postados nas mídias sociais precisam ter uma carga dramática, senso de urgência e apresentação apropriada. Além disso, os seguidores devem exercitar a sua função de comentar, curtir e compartilhar aquele conteúdo que considera pertinente. Gomes (2024) não entende as mídias sociais apenas como meios de circulação de informação e produção de conteúdo, para o pesquisador são verdadeiras arenas - semelhantes aos antigos cafés de discussão pública e conversações.

Em virtude das timelines, dos mecanismos de buscas e dos instrumentos de monitoramento, essas redes funcionam, analogamente à esfera pública descrita em Direito e Democracia, como sistemas de radares sociais e como caixas de ressonância: não há tema ou assunto relevante presente em alguma arena pública que não seja rapidamente detectado pelas redes sociais digitais, que possa, portanto, escapar dos sensores de alguma rede social. (Gomes, 2024, p.19).

As manifestações e opiniões mediadas digitalmente ganharam a definição de "ação conectiva" por Bennett e Segerberg (2012). Eles destacam a importância do papel da comunicação como um princípio organizador. A primeira característica das ações contemporâneas está na lógica personalista que ganha dois aspectos importantes: abarcam diferentes razões pessoais para determinado tipo de contestação e o compartilhamento do conteúdo é disseminado em múltiplas plataformas, elementos que foram constatados na tese. Outra lógica percebida pelos autores está no compartilhamento automotivado de ideias ou imagens já postado por alguém. Isso significa que "...contribuir para o bem comum torna-se um ato de expressão e reconhecimento pessoal ou auto validação" (BENNETT E SEGERBERG, 2012, p. 752). Dentre as conclusões dos autores, a capacidade política depende se as páginas são redundantes e densas com possibilidades de outros perfis interagirem e convergirem para a viralização de conteúdo.

### 3.1 O potencial do ativismo cotidiano

Nem sempre a militância que é feita pelas redes sociais consegue ampliar o seu potencial crítico, transformar suas demandas em reivindicações claras ou em manifestações de protesto. Mesmo assim, as páginas selecionadas "Ela é só a babá", "Eu, empregada doméstica", "Faxina Boa" e "Isa\_Benevides" expõem situações de desrespeito, relatos pessoais e combatividade que podem ser enquadrados no ativismo cotidiano.

Mansbridge (2013) conceitua o ativismo cotidiano como atitudes e conversas que não possuem o objetivo inicial de ação conjunta. No entanto, ele é caracterizado por ter uma inspiração e encorajamento por um movimento social e também ter a intenção clara de alterar padrões de comportamentos e ideias estabelecidas. Essa definição converge com as páginas das redes sociais estudadas nesta tese. Três, das quatro ativistas, são mulheres negras e ex-trabalhadoras domésticas que podem ou não terem conexões aos movimentos feministas, negros ou sindicais. Mas, as postagens e perfis não fazem menção às ações coletivas organizadas.

Em um fenômeno emergente, interações de nível micro não planejadas, dinâmicas e orientadas por feedback entre indivíduos próximos criam,

sem coordenação central, resultados de nível macro muito além de seus efeitos aditivos (MANSBRIDGE, 2013, p. 1, tradução nossa)<sup>9</sup>.

Mansbridge (2013) detalha que apesar das ações serem pequenas e individuais, o **ativismo cotidiano consegue difundir mais e melhor alguns conceitos e problemas dos movimentos organizados. Por não terem o “carimbo” de ativista profissional, os agentes de mudança inovam ao produzir “quadros locais emergentes”** (MANSBRIDGE, 2013, p. 1, tradução **nossa**<sup>10</sup>). Os “quadros locais emergentes” referem-se a estruturas e práticas que surgem espontaneamente em comunidades locais para resolver problemas coletivos e promover a participação democrática. Esses quadros são caracterizados pela sua capacidade de adaptação e inovação, permitindo que as comunidades respondam de maneira eficaz às suas necessidades específicas. Mansbridge (2013) argumenta que esses **quadros locais emergentes são essenciais para a democracia participativa, pois permitem que os cidadãos se envolvam diretamente na tomada de decisões que afetam suas vidas diárias. Isso promove a igualdade e a inclusão, garantindo que mais vozes sejam ouvidas e consideradas no processo decisório.**

Entendemos que existe uma “antropofagia engajada”, as ativistas se alimentam do que é discutido dentro dos movimentos sociais - mesmo sem participar de tais associações - e **levam ao debate público mais amplo para o restante das pessoas que não participam desse universo.**

Podemos inserir essa discussão no que Isin (2009) chama de “cidadania ativista”, no início do século XXI, que está embutida em novos atos de reivindicação por justiça. A cidadania, segundo a sua visão, refere-se à conduta entre os grupos sociais (individual ou coletivo) para transformar ou desafiar as normas a fim de alcançar identificação, diferenciação ou reconhecimento. O autor busca na decomposição dos elementos formativos dessas formas de contestação para descrever melhor o fenômeno. Essas práticas podem incluir desde protestos e movimentos sociais até ações cotidianas que questionam e redefinem as normas sociais e políticas. **Isin (2009) destaca que a cidadania é constantemente negociada**

---

<sup>9</sup> *"In an emergent phenomenon, unplanned, dynamic, feedback-driven micro-level interactions among proximate individuals create, without central coordination, macro-level outcomes far beyond their additive effects".*

<sup>10</sup> *"emergent local frames".*

e reconfigurada através dessas práticas, permitindo que novos direitos e formas de pertencimento sejam reivindicados e reconhecidos.

A conexão entre a teoria do reconhecimento e a “cidadania ativista” está na ênfase na ação e na prática como meios de transformação social. Ambas destacam a importância das interações sociais e das lutas por reconhecimento como motores para a mudança. Enquanto Honneth (2003) foca na necessidade de reconhecimento para a justiça social, Isin (2009) explora como essas lutas se manifestam através das práticas cidadãs que desafiam e transformam as normas estabelecidas.

Isin (2009) considera que os atores cidadãos não possuem esse *status* previamente, ou seja, não é uma herança bendita. Mas, são práticas aprendidas através do estabelecimento de instituições de apoio relativamente longevas como, por exemplo, a influência do feminismo nas reivindicações sobre a divisão social do trabalho. Neste sentido, pode ser executada por instituições e sujeitos. No caso desta tese, as ex-trabalhadoras domésticas não são cidadãs ativistas pelo fato de pertencerem a uma categoria social, mas sim por atuarem em defesa dos direitos das empregadas.

Para Isin (2009) as práticas cidadãs exigem certa coragem e indignação para romper com o *habitus*. A diferença entre *habitus* e atos está na temporalidade e criatividade. Enquanto o *habitus* é um conjunto de princípios estruturantes da percepção e do comportamento dos indivíduos dentro de uma realidade objetiva, os atos são mais impulsivos e subjetivos. “Sem essas rupturas criativas é impossível imaginar a transformação social ou compreender como os sujeitos se tornam cidadãos como reivindicadores de justiça, direitos e responsabilidades<sup>11</sup>” (ISIN, 2009, p. 18, tradução nossa). O pesquisador enfatiza o conceito do verbo “atuar” para determinar as ações dos cidadãos ativistas como uma expressão da necessidade de ser ouvido. Assim, como na constituição do sujeito e no processo do reconhecimento, a alteridade é fundamental na construção da cidadania.

O pesquisador aponta a necessidade de olhar para os “lugares” - arenas de contestação - e “escalas” - alcance e escopos de lutas - para “nos referirmos a entidades fluidas e dinâmicas que são formadas por meio de disputas e lutas” (ISIN,

---

<sup>11</sup> “Without such creative breaks it is impossible to imagine social transformation or to understand how subjects become citizens as claimants of justice, rights and responsibilities”.

2009, p. 370, tradução nossa<sup>12</sup>). Dessa forma, apontar os limites da cidadania ativista passa a ser uma questão de determinação empírica do sujeito e do ato determinado por ele.

### 3.2 Ativistas influenciadoras: parâmetros para um novo conceito

Se o ativismo é cotidiano e personificado, não visa uma ação conjunta, os perfis criados para esse fim no Instagram incorporam as características da plataforma e precisam ser observados a partir das escalas, de que fala Isin (2008), e da produção de quadros locais emergentes, **que que** fala Mansbridge (2013). **Já não é possível falar de um ativismo clássico, mas de um híbrido de ativista e influenciadora, na medida em que o reconhecimento nesse ambiente depende da validação proporcionada pelas métricas de alcance, visualizações, curtidas e compartilhamentos, quando o engajamento digital passa a compor o engajamento cívico.**

**Enquanto o ativismo se baseia nas possibilidades de mudança social, o conceito de influenciador é orientado para a monetização da sua atividade. Unir essas duas palavras - influenciador e ativista - pode parecer um contrassenso.**

Segundo Abidin (2018) o influenciador é um tipo específico de micro celebridade que produz conteúdo para as plataformas online como *Twitter*, *Instagram*, *Tik Tok* e *Youtube* e ganham dinheiro com patrocínio, publicidade, assinaturas, entre outros. Em sua definição, cabem os usuários comuns que acumulam um número considerável de seguidores e que compartilham vida pessoal, publicações textuais e aparições em eventos nas redes sociais digitais. Karhawi (2017) esclarece que o termo "influenciador digital" tem origem nos antigos blogueiros que migraram para outros espaços surgidos a partir de 2015.

Para Corrêa (2017) o influenciador digital só influencia efetivamente se refletir a identidade de seu grupo representado, ou seja, somente atuando como um agente da influência junto aos grupos sociais nos quais atua, é possível considerar o seu papel de enunciador de si diante do representar-se para os outros. De acordo com Piza (2016), os influenciadores formam laços fortes com outros que têm maneiras de

---

<sup>12</sup>“we refer to fluid and dynamic entities that are formed through disputes and struggles”.

pensar semelhantes com as dele, corrobora com a ideia de que a influência se propague numa base de solidariedade.

No ambiente digital, a capacidade de influenciar se ancora em uma série de variáveis, seja pelo acúmulo de pessoas que acompanham aquele indivíduo (seguidores) pois se interessam pelo o que ele tem para falar, seja pela relevância que ele tem dentro de uma comunidade – outro item que corrobora com a ideia apresentada anteriormente – e pela permanência dos indivíduos em continuar acompanhando o que o influenciador tem a dizer. Essas variáveis se estabelecem quando existe um ambiente propício para elas florescerem. E o terreno se fertiliza quando há o adubo, que está nutrido de capital intelectual – e outros mais, como veremos adiante – networking, que é a capacidade do influenciador de estabelecer e manter vínculos com outras pessoas e, assim, estruturar uma rede, e disposição interna do indivíduo para se movimentar em busca disso (Piza, 2016, p.22).

Outro fenômeno está ligado ao marketing de influência. Segundo Williamson (2016) as marcas estão recorrendo aos influenciadores para superar o bloqueio às publicidades tradicionais, trazendo um novo brilho criativo às suas campanhas, seja em vídeos ou fotos. Para a autora, elas buscam conquistar a aprovação do público jovem, que confia mais em celebridades e estrelas das mídias sociais **do que em outras faixas etárias.**

De acordo com Terra (2016), isso produz um ecossistema que envolve formadores de opinião, marcas e audiências que faz surgir um novo participante: o fornecedor que aglutina os influenciadores e os agencia. Isso significa que os resultados de mídia não serão espontâneos e sim uma relação paga. “Além disso, é de interesse dos próprios influenciadores monetizar a relação com marcas. Eles próprios entenderam que são um canal relevante de comunicação e relacionamento entre as organizações e as audiências que pretendem atingir” (TERRA, 2016, p.89). A pesquisadora afirma que tudo isso dá um ar de legitimidade e autoridade, uma vez que se transformaram em fontes críveis de consumo de conteúdo. Assim, os influenciadores emitem opiniões, endossam, criticam ou recomendam conteúdos, marcas, produtos e serviços para o seu público ou quem entrar em contato.

**Partindo do princípio de que o neoliberalismo expandiu suas faces para todas as áreas da vida social, compartilhamos da visão de Scharff (2023) de que não é possível separar o ativismo digital das oportunidades econômicas que lá são apresentadas.** Como demonstrado por Mendes (2022), as militantes feministas aproveitam das tecnologias digitais para gerar renda e ganhar a vida a partir do ativismo que desenvolvem.

Nos perfis que analisamos, Isa Benevides é a única que não faz qualquer menção à questão financeira. Neste sentido, considerando o conceito de Abidin (2018) não podemos defini-la como influenciadora, mas isso não significa que não exerça certa influência em seus 3.355 seguidores. Afinal, segundo Joathan e Alves (2020) os apoiadores exercem um papel fundamental nas campanhas eleitorais, seja como disseminadores com postagens regulares ou como influenciadores - perfis que postam com menos frequência, mas apresentam grande influência na rede. Aqui, podemos emprestar esse conceito da política institucional para avaliarmos que o apoio pode ser feito de diversas formas nas redes sociais.

### 3.3 A interseccionalidade como método de ação

A origem do termo "interseccionalidade" remonta aos anos de 1970 e a atuação do movimento negro norte-americano, mas sua popularização só aconteceu em meados dos anos 2000 (Hirata, 2014). De lá pra cá, este conceito adquiriu inúmeras contribuições das pesquisadoras (Crenshaw, 1990; Bilge, 2009; Kergoat, 2010). Em síntese, a interseccionalidade propõe uma visão mais holística diante das relações de poder e reprodução das desigualdades sociais. Diante das inúmeras fragmentações e complexidade das identidades contemporâneas, esta ideia pretende articular as várias relações que incidem sobre um objeto<sup>13</sup> de análise. No entanto, Kergoat (2010) deixa claro que não se trata de privilegiar ou disputar espaços entre as categorias, mas compreendê-las nas intersecções principalmente em relação ao gênero, classe e raça.

As alianças feitas entre as trabalhadoras domésticas, sindicatos, movimentos feministas, movimentos negros, agências internacionais e parlamentares resultaram na pressão para o país ratificar a Convenção 189 e acelerar as mudanças legislativas sobre o trabalho doméstico. A esse diálogo entre os movimentos sociais dá-se o nome de interseccionalidade emancipadora, tipificada pelas situações em que raça, classe e gênero se entrelaçam contra uma desigualdade e se estabelece

---

<sup>13</sup>O objeto deve ser entendido como sujeito ou coisa que pode ser analisado e interpretado.

um sentimento de solidariedade para a atuação política (BERNARDINO-COSTA, 2015).

Se a interseccionalidade já produziu tantos movimentos que resultaram em conquistas de direitos, ela é uma ação essencial para combater as formas multifacetadas de opressão dentro das redes sociais. Mansbridge (2013) argumenta que, para desafiar eficazmente os estigmas e estereótipos, é necessário um esforço contínuo e disseminado, muitas vezes realizado por meio de práticas diárias, como conversas, educação e mudanças no comportamento pessoal.

As marcas sociais negativas atribuídas às empregadas domésticas, frequentemente baseadas em características percebidas como desviantes ou inferiores como o uso do uniforme, o jeito de se portar, são estigmas que amplificam a marginalização.

Já os estereótipos estão ligados aos preconceitos que podem ser negativos ou positivos, mas geralmente limitam a compreensão das capacidades e comportamentos individuais. No contexto da interseccionalidade, os estereótipos se tornam mais complexos, pois as expectativas e preconceitos podem variar e se intensificar com base em múltiplas identidades simultâneas. No entanto, combater estereótipos através do ativismo cotidiano significa desafiar as narrativas simplificadas que não reconhecem a complexidade das identidades interseccionais. Isso pode incluir o compartilhamento de histórias pessoais, educação sobre a diversidade dentro de grupos sociais e promoção de representações mais nuançadas na mídia tradicional e dentro das redes sociais.

Na história do feminismo, o debate sobre essas conexões é central. Okin (2008) critica a maioria dos teóricos políticos contemporâneos que, ao continuarem a separar as esferas pública e privada, ignoram os assuntos relacionados à família. De maneira geral, os pesquisadores desprezam a divisão do trabalho que nela se dá, as formas de dependência econômica e a estrutura de poder. Conforme a autora pontua, a atribuição de responsabilidades para mulheres e homens na esfera privada tem a ver com as expectativas que existem em relação à ocupação de espaços na esfera pública, que são muito diferentes para homens e mulheres.

Nós não podemos entender as esferas “públicas” – o estado do mundo do trabalho ou do mercado – sem levar em conta o fato de que são genericadas, o fato de que foram construídas sob a afirmação da superioridade e da dominação masculinas e de que elas pressupõem a responsabilidade feminina pela esfera doméstica. É preciso perguntar: as

práticas nos locais de trabalho, no mercado ou no parlamento seriam as mesmas se elas tivessem se desenvolvido pressupondo que seus participantes teriam de acomodar-se às necessidades de dar à luz, educar um filho, e às responsabilidades da vida doméstica? (OKIN, 2008, p. 320).

A falta de responsabilidade masculina com os afazeres do ambiente doméstico resulta em vantagens na participação da esfera pública, como, por exemplo, o acesso ao tempo e a empregos com maiores salários. Ou seja, as mulheres estão sendo habilitadas para atuar na esfera pública e adquirindo competências, mas permanecem como as principais responsáveis pelo trabalho de limpeza da casa e pelos cuidados dos filhos. Todo esse fardo influencia diretamente a luta feminina pela emancipação e reconhecimento dos seus direitos.

Dessa forma, recorreremos ao conceito de interseccionalidade sem desconsiderar as ambiguidades e particularidades que o trabalho doméstico adquire no Brasil.

#### 4 ATIVISMOS EM PRIMEIRA PESSOA

Com o objetivo de analisar as práticas do ativismo político das trabalhadoras domésticas no *Instagram*, foram selecionados quatro perfis para verificarmos as autopercepções das ativistas, seus interesses, motivações e limitações. As publicações que relatam acontecimentos pessoais são centrais em todas as páginas investigadas, sejam com histórias pessoais e de colegas do trabalho doméstico ou da própria rotina registrada no *Instagram*.

Para Young (2001) a narração promove a ampliação do diálogo de um determinado assunto em pelo menos três frentes. Primeiro, o interlocutor pode compreender melhor uma situação social através do relato de experiências particulares. Em segundo lugar, em sociedades plurais as diversas narrativas podem confrontar valores e práticas culturais ainda arraigadas e difíceis de serem combatidas com argumentos "racionais". A narração pode humanizar aqueles cujas experiências são diferentes das nossas, promovendo a empatia. Ao contar e ouvir histórias, as pessoas podem conectar-se emocionalmente com as experiências dos sujeitos. O último ponto contradiz a idéia de que a narrativa seja apenas uma "visão pessoal". Por exemplo, os relatos das ativistas revelam um tipo de conhecimento coletivo diante de uma situação social que é compartilhada por todas elas: o emprego doméstico.

Na área da Educação, com inspiração de Paulo Freire, bell hooks (1994) já apontava para a integração das experiências pessoais como um ato de resistência e emancipação. Ela enfatiza a importância do envolvimento emocional e intelectual, rejeitando a noção de que a educação deve ser um processo neutro e desapaixonado. Para a autora, transformar a educação significa desafiar essas estruturas opressivas, criando um ambiente onde todos os alunos tenham a oportunidade de se expressar e serem ouvidos.

Assim a narração não é apenas uma troca de informações, mas um processo transformativo que pode mudar as atitudes e comportamentos das pessoas. Segundo Young (2001), ao se debruçar sobre as histórias dos outros, os indivíduos podem ser levados a reconsiderar suas próprias posições e agir de maneira mais justa. A autora acredita que esse tipo de comunicação é fundamental para o reconhecimento mútuo e a transformação social.

No quadro abaixo apresentamos os dados gerais das páginas.

QUADRO 2 - PERFIS ANALISADOS

Perfil	<b>Ela é só a babá</b> (Janaina Costa)	<b>Eu, empregada doméstica</b> (Preta Rara)	<b>Faxina boa</b> (Verônica Oliveira)	<b>Isa_benevides</b> (Isa Benevides)
Publicações	1.034	294	1215	108
Seguidores	53,2 mil	30,7 mil	310 mil	3.355
Seguindo	68	143	5.930	3.806
Descrição	.@jana_retratos <input type="checkbox"/> Mestra em História e doutoranda em Política Social <input type="checkbox"/> Ex-babá, ativista, quilombola, palestrante e podcaster no @quadrodeempregada	Relatos sobre a condição de trabalho das trabalhadoras domésticas no Brasil. Página criada por @pretararaoficial Compre nosso livro Link: www.amazon.com.br	Não sou coach. Apresentadora Papo que Rende @terradinheiros veronicaoliveira@flandoli.gt.com apoia.se/veronicaoliveira	Minhas experiências no ambientes de trabalho doméstico #relatosreais . @quadrodeempregada

Fonte: autoria própria a partir dos dados do Instagram

A página “Faxina Boa” possui o maior número de seguidores, perfis que são seguidos e publicações no Instagram. Por sua vez, a página “Isa\_Benevides” é a de menor expressão em números de postagens e conexões. Essa diferença quantitativa está ligada ao nível de profissionalização e ao modo como cada uma dessas mulheres lida com a rede social. Isa Benevides ainda atua no trabalho doméstico e não tem grandes pretensões dentro da plataforma.

**Isa Benevides:** *Eu não tenho grandes expectativas das redes sociais, eu tenho expectativa do impacto que vai causar. Hoje você vai levar mais lugares, aí vai atingir outras pessoas. Expectativa financeira diante do que eu vejo nas outras páginas, eu não tenho para não me frustrar.*

Janaina Costa tem o hábito de repostar no *Instagram* as publicações que realiza no X (ex-Twitter), Preta Rara iniciou fazendo relatos sobre a atividade doméstica no Facebook e depois partiu para as outras plataformas e todas as ativistas publicaram sobre algo que virou notícia nos sites jornalísticos. Assim, as lógicas comunicacionais interagem continuamente, produzindo arranjos sempre provisórios e mutáveis (Chadwick, 2013).

Para compreender com maior riqueza de detalhes sobre os usos que as ativistas fazem do *Instagram*, é preciso contextualizar alguns pontos biográficos dessas mulheres. As publicações estão intrinsecamente ligadas às histórias de vida e não as conhecer seria omitir uma parte fundamental para o entendimento.

#### 4.1 Preta Rara, criadora da página “Eu, empregada doméstica”

Joyce Fernandes, a Preta Rara, é uma mulher negra, tem 38 anos e é natural de Santos, litoral de SP. Ela foi levada ao trabalho doméstico aos 18 anos e lá permaneceu por sete anos, após entregar dezenas de currículos e nunca ser chamada para entrevistas de emprego. Para a ativista, foi nesse momento que ela percebeu como o Brasil ainda reproduz a herança colonial.

Começou a postar seus próprios relatos em 2016 no *Facebook*. A partir da criação da *hashtag* #Euempregadadoméstica, ela começou a denunciar episódios dolorosos nas redes sociais até a idealização de uma página de mesmo nome.

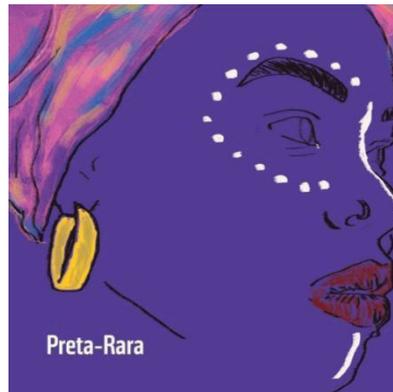
**Preta Rara:** *[..] Em menos de uma hora o post teve mais de 500 curtidas no meu perfil pessoal. Recebi vários relatos e criei a página para fazer essa provocação. A ideia era abrir essa discussão com as empregadas domésticas, para que elas se sentissem representadas e pudessem expelir tudo isso que acontece dentro de casa, que é algo fechado entre a patroa e elas, e também um desabafo para fazer essas provocações com as patroas (Brasil de Fato, 2019).*

Depois disso, ela começou a receber muitas outras histórias parecidas de abusos, desrespeitos e preconceitos na atuação dessa atividade. Diante do receio das experiências de vida ficarem somente nas redes sociais e eventualmente serem deletadas, Preta Rara selecionou algumas histórias inéditas para compor o livro "Eu, empregada doméstica", publicado em 2019.

A página no *Instagram* está ativa desde 2016 e a inserção da Preta Rara nas redes sociais não foi algo pensado para promover a igualdade ou inclusão. A ativista conta que queria encontrar pessoas que estivessem vivenciando as mesmas coisas que ela no trabalho doméstico, mas a evidência em apenas esse aspecto da militância incomoda Preta Rara. "Acabaram me colocando dentro dessa forma, desse quadrado. Algumas pessoas pensam que eu só falo sobre diversidade, inclusão e tudo mais".

Além do trabalho doméstico, a ativista expõe outras questões como a gordofobia em suas postagens. "É importante que as pessoas olhem nas redes sociais uma foto minha de biquíni, de calcinha e sutiã, enfim, para ver que existem mulheres gordas bem resolvidas. Existem diversos tipos de corpos. Então, eu utilizo a internet dessa forma também".

FIGURA 2 - PERFIL DA PÁGINA "EU, EMPREGADA DOMÉSTICA"



Fonte: Instagram, 2023.

Atualmente, Preta Rara dedica-se mais ao seu outro perfil pessoal no *Instagram* em que compartilha toda a sua versatilidade como cantora, historiadora, apresentadora e produtora de moda. No entanto, recentemente fez uma postagem anunciando que pretende lançar um novo livro com novas narrativas de trabalhadoras domésticas que ingressaram em universidades ou em outros espaços sociais.

#### 4.2 Janaína Costa, criadora da página “Ela é só a babá”

Janaína Costa é uma mulher negra, possui 31 anos e é natural do quilombo Macuco, no Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais. Ela vem de uma família composta por 12 filhos, sendo que sete são mulheres negras trabalhadoras domésticas. Janaína conta que a avó foi lavadeira, e a mãe, trabalhadora doméstica e boia-fria em colheitas de café. "Não posso dizer que escolhi o trabalho doméstico, afinal, ele é hereditário na minha e em tantas outras famílias de pessoas pretas neste país".

Iniciou no trabalho doméstico quando tinha por volta de 12 anos cuidando dos filhos de vizinhos e parentes. Em seguida, Janaína Costa mudou-se para São Paulo (SP) para ser babá dos filhos da minha irmã mais velha, que trabalhava como doméstica. Após quatro anos, ela estava cursando o último ano do Ensino Médio à noite e dividia a atenção com o primeiro emprego. Durante o dia cuidava de duas crianças, limpava e preparava as refeições em um apartamento localizado em bairro nobre de SP. Apesar disso, recebia um salário que não superava R\$900,00 reais por

mês. Nessa época, sofreu inúmeras humilhações ao ser obrigada a morar no sótão que os patrões utilizavam para depósito de coisas velhas.

Após passar por alguns empregos de faxineira, cuidadora de idosos e caixa de supermercado, Janaína Costa ingressou no curso de História. Ali passou a compreender como o racismo estrutural e a forma como o país se desenvolveu contribuíram para o atual cenário do emprego doméstico. Em 2017, no último ano do curso, ela criou o perfil chamado "Ela é só a babá" no *Facebook*.

FIGURA 3 - PERFIL DA PÁGINA "ELA É SÓ A BABÁ", NO FACEBOOK



Fonte: Instagram, 2023.

Inicialmente, a ativista tinha muito medo de publicar as postagens e o fazia embaixo das cobertas, antes de dormir. No fim de 2018, o perfil deixou de ser anônimo e já reunia muitas mulheres negras e trabalhadoras que dividiam o espaço também na página do *Instagram*.

Através das redes sociais, Janaína conheceu a patroa que a incentivou a continuar os estudos. Ainda como babá ela se mudou para Bogotá, na Colômbia, para cuidar de duas crianças e se dedicar a um curso de mestrado na cidade. O tema do trabalho doméstico também está presente na vida acadêmica da ativista, sempre discutindo a questão no Brasil por uma perspectiva de raça, classe e gênero. Atualmente, ela reside em Brasília onde cursa doutorado em Política Social na Universidade de Brasília e foi convidada a participar da Frente Parlamentar em Defesa das Trabalhadoras Domésticas, na Câmara Legislativa do Distrito Federal.

#### 4.3 Verônica Oliveira, criadora da página "Faxina boa"

Verônica Oliveira é uma mulher negra, tem 43 anos de idade e nasceu na periferia da zona leste de SP. Ao contrário das outras três ativistas, o trabalho doméstico não foi algo hereditário. Em 2015, a empresa de telemarketing em que trabalhava tinha falido e ela ficou desempregada. Com uma situação financeira difícil, Verônica Oliveira passou por um quadro de depressão e crises de pânico.

Após uma internação para tratamento médico, ela começou a fazer faxina para os amigos e a sustentar sozinha os dois filhos. No fim de 2016, a ativista resolveu postar uma propaganda da prestação de serviço em seu perfil do *Facebook*. As postagens com referência da cultura pop viralizaram e em 2017 criou uma conta no *Instagram* com o nome "Faxina Boa".

FIGURA 4 - PERFIL DA PÁGINA "FAXINA BOA"



Fonte: Instagram, 2023.

Em 2020, Verônica Oliveira lançou sua autobiografia "Minha Vida Passada a Limpo". Hoje dedica-se à criação de conteúdo para as redes sociais e palestras. Ainda assim, não gosta de ser chamada de influenciadora, prefere o termo "inspiradora digital". "Uma seguidora disse que passou a se valorizar enquanto trabalhadora doméstica após ler os meus conteúdos, entendi que tinha um grande sentido naquilo, que vai para além dos números e da grana", ressalta.

#### 4.4 Isa Benevides, criadora da página "Isa\_Benevides"

Isaura Benevides é uma mulher parda, tem 42 anos e é apaixonada por poesia. O trabalho doméstico começou ainda na adolescência quando saiu da cidade natal de Cuiabá, no Mato Grosso, para Campinas no interior de São Paulo. Aos 13 anos de idade, Isa (como prefere ser chamada) acompanhava sua mãe no emprego. "Ou eu ficava em casa ocupando o lugar dela, junto ao meu irmão mais velho, ou eu ia ajudá-la no trabalho para que tudo corresse mais rápido e ela pudesse vir para casa mais cedo e passar mais tempo com os filhos".

O trabalho doméstico também foi hereditário para Isa, que na adolescência teve que parar de estudar e com 22 anos de idade já tinha seus três filhos. Ao voltar para terminar os estudos no supletivo, ela deparou-se com a violência do marido que

a forçou a interromper as aulas e quase a matou. Isa refugiou-se com os três filhos em Goiânia, no estado de Goiás, e continuou a trabalhar como empregada doméstica.

A página no *Instagram* está ativa desde 2019 e para Isa a escrita seja em formato de poesia ou nas redes sociais é uma forma de desabafo. A ativista deixa explícita a motivação para publicar. “Raiva. E eu queria tanto falar que seria outra coisa. Não adianta eu querer ficar forçando uma barra, dizer que é por causa das flores do jardim, romantizando. Hoje eu consigo entender que é fuga”.

FIGURA 5 - PERFIL DA PÁGINA "ISA\_BENEVIDES"



Fonte: Instagram, 2023.

Isa pretende publicar um livro das poesias que escreve. Nos textos, estão os desabafos contra a sociedade racista e elitista. “Eu quero atingir além das minhas colegas de trabalho. Você sabe o fuzuê que é no parquinho do condomínio que eu trabalho? Há uma revolução.” As próprias histórias e de colegas vão ganhando os contornos da poesia e da visibilidade no *Instagram*.

A partir do breve conhecimento da biografia dessas mulheres, em que medida podemos falar de um reconhecimento alterado pelas redes sociais?

#### 4.5 Entre a Crítica e o Bom humor - trabalho doméstico

As publicações relacionadas ao trabalho doméstico variam bastante, principalmente da página “Faxina Boa” para as outras três analisadas.

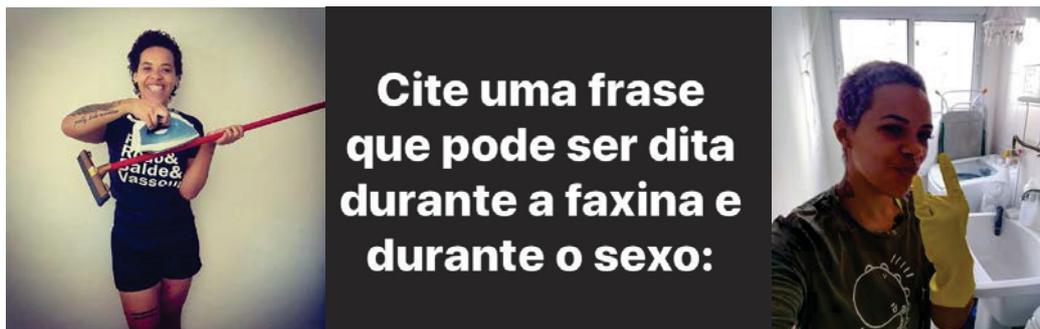
TABELA 1 - POSTAGENS DE TRABALHO DOMÉSTICO NO INSTAGRAM

Trabalho doméstico			
<b>Ela é só a babá</b> (Janaína Costa)	Eu, empregada doméstica (Preta Rara)	Faxina Boa (Verônica Oliveira)	Isa_Benevides (Isa Benevides)
<b>66,7% (1251)</b>	56,8% (168)	16% (264)	74,2% (164)

Fonte: as autoras

O perfil “Faxina Boa” aborda a temática do trabalho doméstico em apenas 16% (264) do total de 1.649 publicações. Isso converge com o próprio nome da página, ao ressaltar os aspectos positivos desse tipo de emprego e com o objetivo inicial de **ser fazer** propaganda dos serviços prestados por Verônica Oliveira.

FIGURA 6 - POSTAGENS DE “FAXINA BOA” SOBRE TRABALHO DOMÉSTICO



Fonte: Instagram (2023)

Outra característica marcante é que a sua atuação nas redes sociais virou um trabalho de “social media”. Mas, por que insistimos no termo ativista? **Porque Verônica usa o recurso do humor para atingir um público maior que talvez não se importe com a causa, mas que se deparam com o assunto pelos posts.**

**Verônica Oliveira:** *Eu brinco que é o ativismo soft porque tem gente que não percebe. Aí, às vezes vem um doidão, "ah, eu gostava mais quando você não era assim". Eu falo "a minha existência é tão política como você não viu isso desde o começo?". Eu acho que não é um ativismo direto, expressamente identificável, mas a pessoa que presta a atenção em dois posts já consegue perceber que existe sim. Pela forma como eu abordo a luta da mãe solo, das questões das mulheres com mais de 40 anos, da prestação de serviço doméstico, todas essas questões têm um cunho de ativismo, mas nem sempre percebido, talvez, pela forma leve como eu abordo. Então, para algumas pessoas, fica mais difícil identificar.*

Na página “Faxina Boa” várias palavras foram realçadas com a coleta dos comentários. Em nenhum outro painel ficou tão clara a importância do racismo. Outros termos seguem o padrão de visibilidade como “trabalhadoras”, “domésticas” e “casa”. No entanto duas citações chamam a atenção: “Catarina” e “coqueiro”. O primeiro diz respeito ao **caso de Santa Catarina** e o segundo vídeo é do influenciador Carlinhos Maia. Os agentes intervenientes possuem menor presença, por exemplo “filhas”, “pais”, “patroa”, “mães”, “crianças”.

FIGURA 7 - NUVEM DE PALAVRAS DOS COMENTÁRIOS DE “FAXINA BOA”



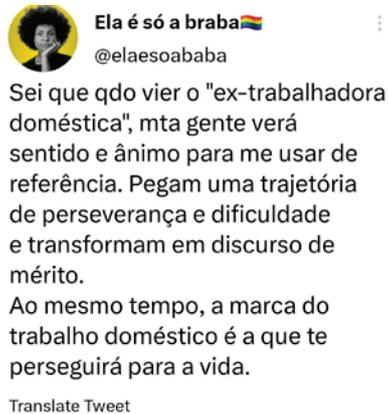
Fonte: as autoras a partir dos dados do Instagram

Dessa forma, podemos resumir que a página não tem a pretensão de discutir apenas o trabalho doméstico, pois é um espaço de visibilidade que amplia para outras questões como o racismo e o sexismo que aflige a ativista. No entanto, o perfil segue de forma consistente na periodicidade das publicações e Verônica Oliveira tem consciência das limitações impostas pela plataforma.

Na página “Ela é só a babá” o trabalho doméstico está presente em 66,7%(1251) do total de 1.874 postagens. O perfil é o mais combativo em relação aos problemas enfrentados pela classe. Nas imagens a seguir é possível acompanhar a mudança na dinâmica das postagens. Inicialmente Janaína Costa procurava dialogar com as outras companheiras de classe e sem mostrar seu rosto, depois através de relatos passou a criticar fortemente os empregadores e as humilhações às quais estão sujeitas as trabalhadoras domésticas. Por fim,

demonstra habilidade para questionar a sociedade e as representações da sua trajetória de vida como ex-babá.

FIGURA 8 - POSTAGEM DE “ELA É SÓ A BABÁ” SOBRE TRABALHO DOMÉSTICO



Fonte: Instagram (2023)

A partir dessa complexidade, Janaína Costa não quer ser conhecida como uma "ex-babá" que superou o emprego doméstico, como se sua vida anterior fosse motivo de vergonha.

**Janaína Costa:** [...] *"Eu sou a babá, sou a historiadora, sou a influenciadora. Por que não posso ser tudo ao mesmo tempo? Por que preciso deixar de ser a babá para ser considerada uma pessoa que conquistou o sucesso?"*

Essa posição da ativista influenciou na não escolha pelo termo “ex-trabalhadoras domésticas” no título desta tese. Em nenhum momento queremos passar uma ideia de superação ou meritocracia.

A nuvem de palavras, formada com os comentários das postagens mais recentes sobre trabalho doméstico, indica uma corroboração com as publicações de Janaína Costa. A denúncia da escravidão, a exploração da atividade de babá e dos direitos trabalhistas burlados ganham destaque. A ideia de casa também é muito presente, seja a dos patrões ou o próprio lar. Os comentários destacam os sujeitos envolvidos nessa relação e os afazeres: a criança, o bebê, a mulher, a alimentação, o cozinhar, o almoço. Com menor frequência, aparecem os termos mais abstratos e de sentimentos como: valor, noção, sonho, acreditar.



FIGURA 10 - POSTAGEM "ISA\_BENEVIDES" SOBRE TRABALHO DOMÉSTICO



Fonte: Instagram (2023)

Isa Benevides evidencia que foi inspirada pela atuação de outras mulheres que alcançaram visibilidade pelas redes sociais.

**Isa Benevides:** [...] Depois da PEC foram acontecendo várias coisas, até que eu vi nas redes sociais uma imagem assim "eles piram quando o filho da empregada vai pra faculdade"... alguma coisa assim. E era a Preta Rara, hoje eu sei que era ela. No mesmo dia eu vi uma mulher vestida de empregada em Brasília e era a Benedita (da Silva). Bem depois, durante a pandemia, eu tive a coragem, a ousadia e o atrevimento de ir para as redes porque encontrei a Jana (Janaína Costa) e as tirinhas do Leandro Assis e a Triscila Oliveira.

A ativista Isa Benevides relata sobre a dificuldade em estabelecer intimidade com outras trabalhadoras domésticas.

**Isa Benevides:** Quando eu vejo mães que entram com crianças e que a bolsa da criança é revistada no condomínio, eu já vou atrás para puxar assunto. Eu quero criar uma intimidade pra falar "põe a sua filha pra estudar, não traga nesse lugar". Mas, eu tenho que ter cuidado pra falar porque eu não sei se tem alguém lá fora pra cuidar dessa criança. Tem uma menina que vai lá na pracinha, ela ganha 3 mil reais pra se responsabilizar por três crianças, 24 horas por dia. É uma mixaria! Não vale o risco que ela corre. Isso é um abuso mesmo que a patroa a trate bem. Ela não tem o básico fora daqueles muros então é por isso que ela tá naquele abuso. Até pra abrir os olhos tem que ir com calma porque o que eu tenho a oferecer pra ela?

**Isa Benevides:** [...] E pra entrar ou sair você passa pelo constrangimento de ser revistada, toda a pessoa que é revistada é suspeita. Se você tá no horário de almoço e anda muito pelo condomínio, um guarda vai te parar. Você tá sempre suspeita, esse



Para Isa Benevides, as publicações na sua página já tiveram o efeito de transformar a realidade das empregadas que trabalham na casa da sua antiga patroa. Agora, segundo ela, os abusos que sofreu não são sofridos pelas atuais trabalhadoras pois a empregadora sabe que existe uma possibilidade de exposição dessas condições degradantes.

#### 4.6 Entre o Eu e o Nós - vínculos familiares e atividades públicas

Segundo Sibilia (2016) os sujeitos que postam fotos sobre si mesmos ou familiares assumem o papel de autor, narrador e personagem, tudo ao mesmo tempo. As quatro ativistas investigadas utilizam fotos de momentos marcantes das suas vidas, previamente selecionadas com a intenção de gerar curtidas e comentários, representando uma espécie de exposição autobiográfica onde o curador é o próprio indivíduo, como afirma Davies (2021).

As fotografias de familiares foram mais expostas por Verônica Oliveira (Faxina Boa), com 55% (908) do total de 1.649 publicações. Ela ressalta que nem sempre isso é bom, pois há uma confusão entre vida pessoal e profissional, mas descarta criar novos perfis pois, segundo ela, dá muito trabalho.

TABELA 2 - POSTAGENS DE VÍNCULOS FAMILIARES NO INSTAGRAM

Vínculos Familiares			
Ela é só a babá (Janaína Costa)	Eu, empregada doméstica (Preta Rara)	<b>Faxina Boa (Verônica Oliveira)</b>	Isa_Benevides (Isa Benevides)
9% (168)	9,8%% (29)	<b>55% (908)</b>	2,7%(6)

Fonte: as autoras

A ativista Isa Benevides, por sua vez, é a que menos expõe a vida familiar, apenas 2,7% (6) do total de 221 postagens. Esses dados reforçam que a página de Isa não se utiliza daquilo que Sibilia (2016) considera que “os habitantes desses espaços montariam espetáculos de si mesmo para exibir uma intimidade inventada” (SIBILIA, 2016, p.55). Dentro dessa perspectiva, cabe defender que o que se vê nos perfis de Instagram são vidas e obras selecionadas para revelar uma parte do “eu” que o indivíduo quer mostrar.

Por outro lado, as atividades públicas praticamente não apareceram nos perfis de Janaína Costa 0,4% (8) e Isa Benevides 0%. Esses números também precisam ser lidos dentro do contexto de cada ativista.

TABELA 3 - POSTAGENS DE ATIVIDADES PÚBLICAS NO INSTAGRAM

Atividades Públicas			
Ela é só a babá (Janaína Costa)	Eu, empregada doméstica (Preta Rara)	<b>Faxina Boa</b> (Verônica Oliveira)	Isa_Benevides (Isa Benevides)
0,4% (8)	17,5% (52)	<b>13,8% (229)</b>	0%(0)

Fonte: as autoras

Preta Rara com 17,5% (52) e Verônica Oliveira 13,8% (229) conduzem suas carreiras profissionais para a visibilidade pública como artista e *social media*, respectivamente. As atividades públicas de Preta Rara concentram-se no período da aprovação e regulamentação da PEC das domésticas.

FIGURA 12 - POSTAGENS “EU, EMPREGADA DOMÉSTICA” SOBRE ATIVIDADES PÚBLICAS



Fonte: Instagram (2023)

Já Verônica Oliveira sobrevive financeiramente das aparições públicas no Instagram e marca presença em eventos, palestras e debates.

FIGURA 13 - POSTAGENS “FAXINA BOA” SOBRE ATIVIDADES PÚBLICAS



Fonte: Instagram (2023)

Honneth (2013) argumenta que o grupo, independentemente do seu tamanho e tipo, deve ser compreendido como um mecanismo social fundado na necessidade ou no interesse psíquico do indivíduo. O grupo auxilia na estabilidade e ampliação pessoal, sendo um meio pelo qual os indivíduos buscam experiências de reconhecimento social. O autor propõe retirar gradativamente as idealizações que estavam na base da premissa inicial de uma diluição harmônica do eu no nós do grupo. Ele sugere que é importante reconhecer as complexidades e os desafios inerentes à vida em grupo, incluindo as dinâmicas de poder e as possibilidades de conflito.

Assim, Honneth (2013) aborda também as tendências regressivas que frequentemente codeterminam a vivência no grupo, corrigindo a imagem idealizada do grupo. Essas tendências podem incluir comportamentos de conformidade e perda de individualidade, que podem ter efeitos negativos sobre o desenvolvimento pessoal. Outro aspecto, levantado pelo autor, é que a dependência individual de experiências de reconhecimento social explica por que o sujeito individualmente aspira a ser membro de diferentes modelos de agrupamentos sociais. Dessa forma, o reconhecimento social é fundamental para a formação da identidade e autoestima dos indivíduos.

Curiosamente, um dos aspectos que menos apareceu em todas as páginas observadas foram publicações que evidenciam o posicionamento político das ativistas. Em números absolutos apenas 32 postagens mencionaram alguma crítica ou apoio a alguma pessoa ou instituição política. Além disso, os posts concentraram-se em períodos eleitorais e todas consideram-se ideologicamente de esquerda.

#### 4.7 Entre o Merchant e a Sobrevivência - financiamento

Nos perfis que analisamos, Isa Benevides é a única que não faz qualquer menção à questão financeira. Neste sentido, considerando o conceito de Abidin (2018) não podemos defini-la como influenciadora, mas isso não significa que não exerça certa influência em seus 3.355 seguidores. Afinal, segundo Joathan e Alves (2020) os apoiadores exercem um papel fundamental nas campanhas eleitorais, seja como disseminadores com postagens regulares ou como influenciadores - perfis que postam com menos frequência, mas apresentam grande influência na rede. Aqui, podemos emprestar esse conceito da política institucional para avaliarmos que o apoio pode ser feito de diversas formas nas redes sociais.

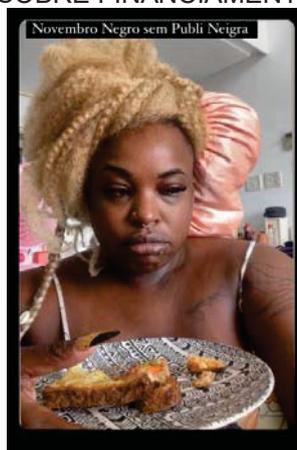
TABELA 4 - POSTAGENS DE FINANCIAMENTO NO INSTAGRAM

Financiamento			
<b>Ela é só a babá</b> (Janaína Costa)	Eu, empregada doméstica (Preta Rara)	Faxina Boa (Verônica Oliveira)	Isa_Benevides (Isa Benevides)
<b>3,7% (70)</b>	1,4% (4)	3,3% (54)	0% (0)

Fonte: as autoras

A ativista Preta-Rara possui apenas quatro postagens sobre o tema, mas curiosamente é a única que discute a falta de apoio financeiro para mulheres negras.

FIGURA 14 - POSTAGEM "EU, EMPREGADA DOMÉSTICA" SOBRE FINANCIAMENTO



Fonte: Instagram, 2023.

Apesar de nem alcançar 4% (70) do total de postagens, o perfil "Ela é só a babá" foi o que mais recorreu ao apoio financeiro. Constatamos que Janaína Costa lança mão de uma variedade de formas para subsidiar sua atividade. Inicialmente valia-se de rifas, vaquinhas e transferência bancária (PIX). A partir de 2024, a página permite colaborar através do pagamento mensal de uma assinatura, via *site* "Apoia-se".

FIGURA 15 - POSTAGENS DE "ELA É SÓ A BABÁ" SOBRE FINANCIAMENTO



Fonte: Instagram, 2023.

Essas diferentes formas da ativista solicitar apoio demonstram a destreza e criatividade nas formas de financiamento, além de um aperfeiçoamento ou profissionalização como influenciadora.

A página "Faxina Boa" destaca-se nessa apropriação comercial que as marcas fazem para estabelecer uma relação entre os produtos, a influenciadora e os seguidores. Nas publicações abaixo constatamos três propagandas de empresas ligadas à economia doméstica e compra e venda de produtos. Além dessas, outras marcas como *Natura*, *Serasa* e *Leroy Merlin* aparecem no *feed* da página.

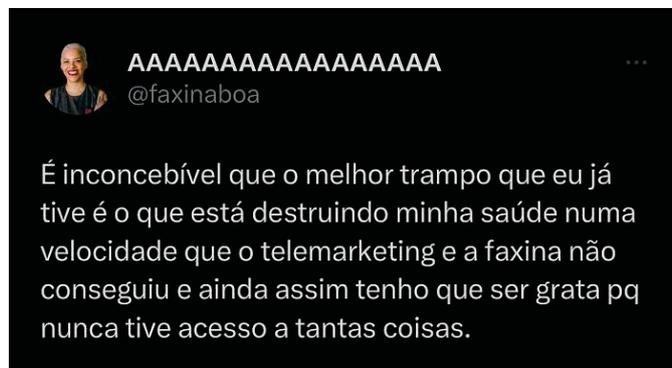
FIGURA 16 - POSTAGENS DA "FAXINA BOA" SOBRE FINANCIAMENTO



Fonte: Instagram, 2023.

Já Dean (2023) sustenta que embora os influenciadores profissionais sejam uma parte pequena que esteja na mídia social, a “cultura de influenciadores” tem se espalhado. Essa enfática autopromoção por meio da promessa de acúmulo de capital econômico e simbólico “ajuda a sustentar um ambiente altamente competitivo na esfera pública digital individualizada” (Dean, 2023, p. 591, tradução nossa). Esse assunto é motivo de um questionamento por parte de Verônica Oliveira.

FIGURA 17 - POSTAGEM DA "FAXINA BOA" SOBRE CULTURA DE INFLUENCIADORES



Fonte: Instagram, 2023.

A série de postagens, sobre o trabalho nas redes sociais, critica a cultura de aparências com sérias consequências para a saúde mental da ativista. Verônica Oliveira já compartilhou no *Instagram* que a doença da depressão ressurgiu quando já estava consolidada e sobrevivendo exclusivamente da criação de conteúdo para a internet.

#### 4.8 Marcar posição na interseccionalidade

No ativismo cotidiano das páginas que selecionamos, observamos a presença da interseccionalidade em todas elas. Consideramos interseccionais as postagens que abordam os seguintes temas: **sexismo, racismo e classismo**. A presença mais relevante está na página "Ela é só a babá", com 7% (133) do total de 1.874 publicações.

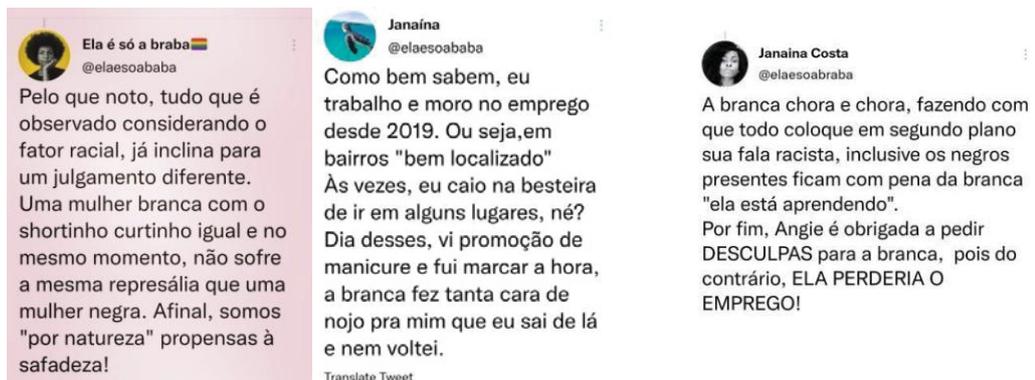
TABELA 5 - POSTAGENS COM INTERSECCIONALIDADE NO INSTAGRAM

Interseccionalidade			
<b>Ela é só a babá</b> (Janaína Costa)	Eu, empregada doméstica (Preta Rara)	Faxina Boa (Verônica Oliveira)	Isa_Benevides (Isa Benevides)
<b>7% (133)</b>	4,1% (12)	1% (17)	1,8%(4)

Fonte: as autoras

As publicações de Janaína Costa provocam a refletir sobre a questão racial na sociedade brasileira em diferentes momentos. A maioria das postagens são fruto da observação de uma experiência própria com algo (livro, série ou filme) ou alguém.

FIGURA 18 - POSTAGENS DA PÁGINA "ELA É SÓ A BABÁ" SOBRE RACISMO

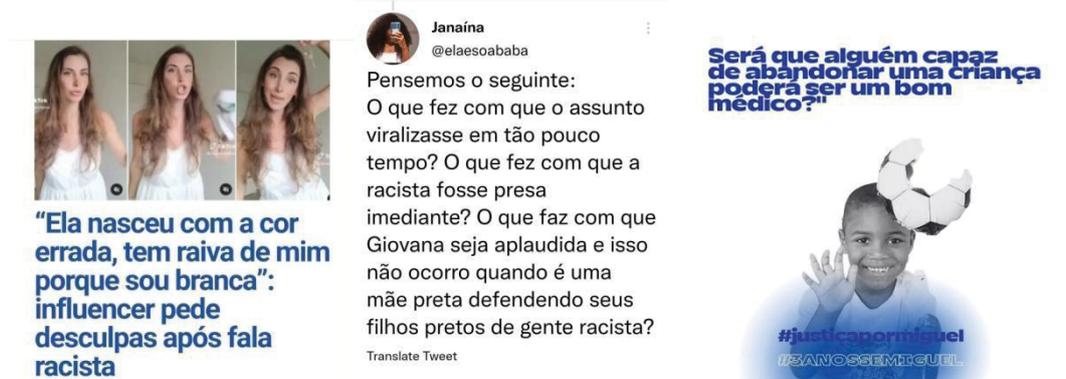


Fonte: as autoras com dados do Instagram (2023)

Além disso, percebe-se que acontecimentos que tiveram alguma repercussão pública também aparecem para que o racismo e o classismo sejam questionados. Nas publicações abaixo, a página recorre a três casos emblemáticos. O primeiro refere-se a um vídeo da *tiktok*er Maya Archeron em que dispara uma série de falas racistas. No vídeo, a mulher faz o seguinte comentário sobre uma

suposta tentativa de furto. “É óbvio que ela tem raiva de mim, ela nasceu na cor errada, na classe social errada, me viu com todos os privilégios do mundo”.

FIGURA 19 - POSTAGENS DA PÁGINA "ELA É SÓ A BABÁ" COM REPERCUSSÃO PÚBLICA



Fonte: as autoras com dados do Instagram (2023)

O segundo caso, abordado por Janaína Costa, diz respeito a reação da Giovanna Ewbank contra um episódio de racismo que seus filhos sofreram em um restaurante. E a terceira postagem indaga sobre a competência profissional de Sarí Corte Real, que cuidava do menino Miguel no momento em que ele morreu. A mãe do garoto, Mirtes Santana, era empregada doméstica de Sarí e estava passeando com a cachorra da patroa. Esses casos também aparecem nas outras páginas analisadas, mas com menor prevalência.

Ainda sobre interseccionalidade, o gênero não aparece com muita frequência, pelo menos nas páginas "Eu, empregada doméstica", "Faxina Boa" e "Isa\_Benevides". O tema ocorre pouco nesses perfis do *Instagram*. No entanto, as publicações buscam retratar o quanto o "olhar do outro" pode ser opressivo e violento quando desconsideramos a mulher como um sujeito. Assim como enxerga Hirata (2016) sobre como a sociedade patriarcal é estruturada de maneira a favorecer os homens e perpetuar sua dominação sobre as mulheres. Essa estrutura de poder se manifesta em diversas esferas, como a família, o mercado de trabalho, a política e as instituições educacionais, relegando as mulheres a papéis subordinados e limitando seu reconhecimento como sujeitos autônomos e plenos.

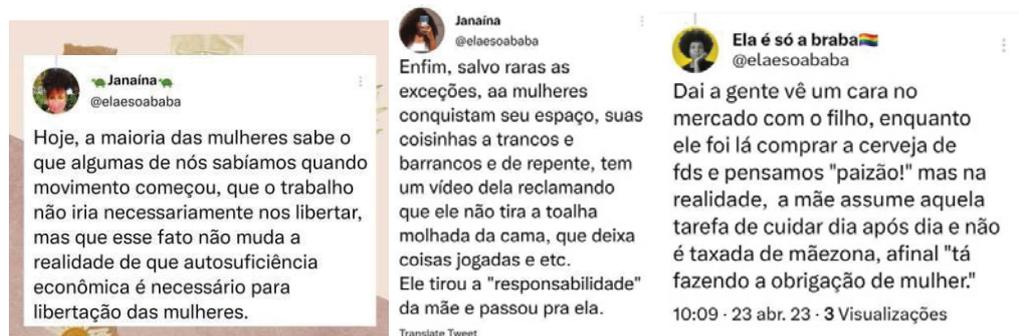
FIGURA 20 - POSTAGENS MENOS FREQUENTES SOBRE GÊNERO



Fonte: as autoras com dados do Instagram (2023)

Na página "Ela é só a babá", em contrapartida, as questões de gênero ocuparam 40% (52) das 133 publicações com interseccionalidade. As postagens questionam o feminismo liberal voltado para a inserção das mulheres no mercado de trabalho formal. Além disso, criticam o papel masculino nas relações heterossexuais e com os cuidados com os filhos.

FIGURA 21 - POSTAGENS MAIS FREQUENTES SOBRE GÊNERO



Fonte: as autoras com dados do Instagram (2023)

As publicações desafiam, mesmo que em nível micro, a estrutura do trabalho de cuidado tradicionalmente realizado por mulheres, sendo desvalorizado e invisibilizado na sociedade patriarcal. Segundo Young (2007) a divisão sexual do trabalho reforça a subordinação das mulheres ao relegar-lhes as tarefas de cuidado e domésticas, mesmo sendo essencial para o bem-estar das pessoas e o funcionamento da sociedade é frequentemente subestimado e mal remunerado. Esse modelo de amor pautado no cuidado, de Young (2007), enfatiza a importância das relações e responsabilidades interpessoais, e critica as abordagens tradicionais da ética e da justiça que são excessivamente focadas em princípios abstratos e universais como de Honneth (2003).

#### 4.9 A autocrítica das ativistas - redes sociais

A problematização sobre o ativismo nas redes ou sobre as limitações impostas pelo *Instagram* aparece com mais consistência em apenas duas páginas: "Ela é só a babá" e "Isa\_Benevides".

TABELA 6 - POSTAGENS SOBRE O ATIVISMO NO INSTAGRAM

Instagram			
<b>Ela é só a babá</b> (Janaína Costa)	Eu, empregada doméstica (Preta Rara)	Faxina Boa (Verônica Oliveira)	Isa_Benevides (Isa Benevides)
<b>6,6% (125)</b>	0%(0)	0,4% (7)	9,1%% (20)

Fonte: as autoras

O perfil de Isa Benevides enxerga o *Instagram* como um espaço positivo para compartilhar relatos e experiências de vida em 9,1% (20) do total de 221 publicações, além de possibilitar uma reflexão sobre como a sociedade relaciona-se com as trabalhadoras domésticas.

FIGURA 22 - POSTAGENS DE "ISA\_BENEVIDES" SOBRE O INSTAGRAM

Tenho este perfil no Instagram com o intuito de relatar situações que vivi como trabalhadora doméstica. Não para sentirem pena ou me diminuir. Com esses relatos aqui, espero que outras domésticas que possam estar sofrendo abusos ou em situações irregulares no trabalho possam identificar e não passar pelo que eu passei. Elas também poderão entender o quanto nosso trabalho é valioso. Foi através de um Instagram que percebi que ser chamada de 'minha mucama preferida' não era um elogio ou um gesto de afeto, mas sim um desrespeito comigo. Identifiquei também a inadimplência da minha patroa e pude fazer valer meus direitos. Se alguma patroa passar por aqui, não se sinta ofendida. Peço apenas que reflita sobre sua relação e responsabilidades com sua funcionária. Hoje, posso falar livremente sobre tudo isso porque não estou mais presa a nenhuma patroa. Sei o meu valor 😊

Este Instagram não é apenas sobre contar histórias, mas sim sobre trazer relatos reais da minha própria vida e de outras colegas da minha área de trabalho.

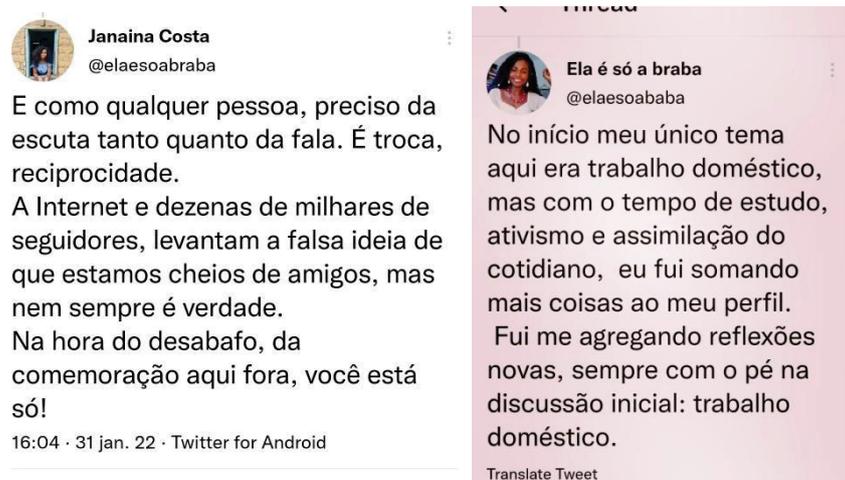
Neste exato momento, em algum lugar deste país, há trabalhadoras sendo mantidas como escravas. E nem vou mencionar aqui as milhares de patroas que não cumprem a lei em relação às suas funcionárias.

Este Instagram existe para que daqui a 30, 40 ou 72 anos, não ter que ver esse tipo de notícia que machuca minha alma.

Fonte: Instagram, 2023.

A página “Ela é só a babá” possui um maior número de postagens com autocrítica sobre a atuação nas redes sociais, sendo 6,6% (125). Porém, nos primeiros anos de existência, Janaína Costa apresentava certo entusiasmo com as possibilidades da plataforma em tornar pública discussões de situações que antes pertenciam ao ambiente privado dos lares. No entanto, na medida em que o tempo passava, os questionamentos surgiam sobre os limites e os usos do perfil.

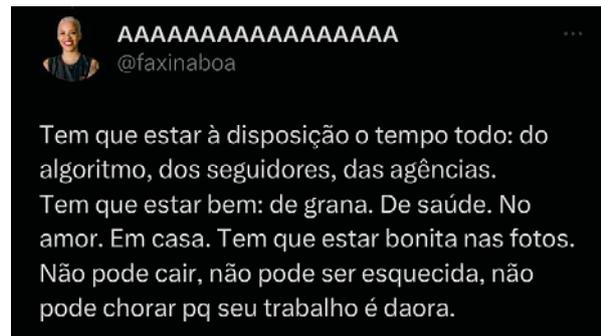
FIGURA 23 - POSTAGENS DE "ELA É SÓ A BABÁ" SOBRE O INSTAGRAM



Fonte: Instagram, 2023.

O perfil "Eu, empregada doméstica" não possui nenhuma abordagem sobre o assunto e isso pode ser explicado pelo fato da página ter surgido e se consolidado no *Facebook*. Outro ponto a ser considerado é que as publicações são frequentes até 2020, depois disso são bem espaçadas. Essa temática também quase não aparece no "Faxina Boa", apenas 0,4% (7) de 1649 no total, mas por outros motivos. Verônica Oliveira utiliza a visibilidade da plataforma para fazer propaganda de produtos e serviços. Ou seja, joga melhor o jogo do *Instagram* e quase não demonstra descontentamento, exceto quando critica o padrão estético e a falta de limites do trabalho nas redes sociais de forma genérica.

FIGURA 24 - POSTAGEM "FAXINA BOA" SOBRE REDES SOCIAIS



Fonte: Instagram, 2023.

Assim, as mídias sociais permitem uma atuação política individualizada que é a própria expressão da cidadania individualizada citada por Bracciale e Rega (2016). A motivação é o interesse pessoal do indivíduo, que se torna o agente de sua própria militância sem depender necessariamente de coletivos, sindicatos ou outras instituições. Resumindo, as redes digitais passaram a exercer tanta atração porque se articulam com as lógicas da sociedade individualizada ou chamada de pós-social (Mascheroni & Murru, 2017; Metz et al., 2007).

Santos (2024) cita três elementos que impactam as interações no ambiente digital. Em primeiro lugar destaca-se a mistura das fontes de informação na timeline, há uma aleatoriedade - muitas vezes direcionada pela personalização do consumo - a partir da vontade de quem posta e de quem consome notícias, entretenimento, fotos da família e memes, por exemplo. O segundo ponto versa sobre o objetivo inicial com que as mídias sociais foram criadas, a sociabilidade. Ou seja, estamos estudando uma arena que não surgiu para o debate de ideias, mas sim para reforçar as relações entre as pessoas. A social media Verônica Oliveira destaca a dificuldade das discussões no *Instagram*:

**Verônica Oliveira:** *É difícil estabelecer uma comunicação mais densa na rede social. Talvez no YouTube numa live você consiga trocar uma ideia. As discussões no Twitter e no Instagram são pouco debatidas e muito brigadas, o povo só sabe reclamar e não consegue aprofundar uma crítica. Vai terminar alguma coisa no teu cú e acabou.*

Nesse sentido, Verônica Oliveira, da página “Faxina Boa”, revela que teve que adquirir novos conhecimentos para dar conta das redes sociais. Ela conta que sempre gostou de estar presente nas mídias digitais e no início contava com a ajuda dos empregadores para manusear as ferramentas de dados que orientam a

construção de uma página no *Instagram*. O que, em princípio, era uma brincadeira para alavancar as faxinas foi se transformando em algo mais sério.

**Verônica Oliveira:** *Fui aprendendo com o tempo e com os clientes, eu achava que iria passar rápido e eu iria continuar com as minhas faxinas. Quando eu entendi melhor, passei a fazer muitos cursos de produção de conteúdo, de social media, de roteiro. Até hoje eu faço, eu trabalho sozinha e não tenho equipe. Só quando estou num projeto grande, contrato um freelancer para me ajudar como no caso da produção dos 40 episódios do podcast. Hoje a rede social que eu mais trabalho é o Instagram e produzo tudo sozinha. O que foi melhorando foi a qualidade dos equipamentos, quando comecei eu tinha um Iphone 7 que foi dado por um amigo e não tinha nem crédito para fazer os posts. Hoje eu tenho um Iphone melhor, tenho câmera, microfone e iluminação. Tô há oito anos produzindo conteúdo e os equipamentos eu comprei nos últimos três anos. Não foi muito fácil e nem há muito tempo.*

Através das falas das ativistas, fica clara a interferência do Instagram na visibilidade das publicações.

**Verônica Oliveira:** *Tem muita gente que fala assim "pô, eu te sigo e parei de ver você". Isso é porque o próprio Instagram esconde. E aí eu tenho que pagar. Eu não vou pagar, o Mark Zuckerberg já tem muito dinheiro. O Twitter começou a fazer a mesma coisa e eu também não pago porque o Elon Musk não merece o meu dinheiro. O selo de verificado foi retirado e aí tem que pagar, se não me engano são 500 reais ao ano. Eu não vou dar 500 reais pro Elon Musk, com 500 reais eu vou no mercado comprar frango para as crianças.*

As participantes da pesquisa relatam sobre as dificuldades e características do ativismo de cada uma delas.

**Preta Rara:** *Na realidade, estou nas redes sociais para mostrar que pessoas iguais a mim existem. Todo esse ativismo, que é voltado para o nome Preta Rara, não foi nada projetado. Na realidade, foi uma voz que viu uma oportunidade de falar na internet, para encontrar pessoas que estivessem vivenciando as mesmas coisas que eu vivenciei lá no litoral de São Paulo (Site TRT).*

**Janáina Costa:** *[...] "A quem interessa que eu me cale? Como o meu relato ressoa em suas atitudes ou no seu meio? Se isso é um incômodo, por que você não faz algo para evitar que isso aconteça, em vez de pedir que eu pare de falar nas minhas redes sociais?"*

**Verônica Oliveira:** *[...] Pela forma como eu abordo a luta da mãe solo, das questões das mulheres com mais de 40 anos, da prestação de serviço doméstico, todas essas questões têm um cunho de ativismo, mas nem sempre percebido, talvez, pela forma leve como eu abordo.*

**Isa Benevides:** *[...] É cansativo e é falho também. O ativista não pode sambar, não pode tomar uma cerveja? Pode, pode sim. A Isaura que trabalha lá e que sofria abuso pra essa aqui são duas pessoas completamente diferentes. Daqui pra frente eu preciso levar outras comigo.*

Neste sentido, as ativistas Isa Benevides e Verônica Oliveira descrevem como lidam com as ofensas e até a ameaça de morte.

**Isa Benevides:** [...] *Eu não posso ser hipócrita e falar que as coisas não me atingem. Aí, você pára um pouco, pensa que aquilo não vai te levar a nada e depois logo vem a consciência de que não faz parte da minha vida. Eu não sou uma escritora - é meu sonho - mas assim não sou uma escritora. Eu só tô fazendo os relatos e tento me manter sã. Eu posso te mandar um monte de print que você vai ficar horrorizada. Aí, você vai no perfil e tem cachorrinho que é igual ao meu, tem filhinho, tem papagaio, tem funcionária...*

**Verônica Oliveira:** [...] *A gente tem um grupo de WhatsApp de criadores de conteúdo. E no ano passado eu recebi uma ameaça de morte e todos falaram "Ah, já!" "Hoje, hoje ainda não". Então, eu fiquei em choque e aí do nada ela desapareceu. Mas, a pessoa me mandava as mensagens e deletava o perfil, criava outro perfil e me mandava as mensagens. Foi desesperador, eu tenho filhos. Não consigo achar isso normal, tinha medo de sair. Aí um amigo falou "cara, eu recebo tanta maluquice nas redes que eu nem ligo mais, mas é de gente que só tem coragem na internet". Mas vai que comigo é alguém que me pega aí na rua. A internet abre espaço para um julgamento muito maluco, eu uso muito da honestidade para falar do que tá acontecendo com as pessoas. E as vezes eu recebo em troca mensagens do tipo "ah, se tá ruim pra você se mata". Então é muito difícil pra lidar, ainda bem que eu tô muito medicada, senão iria estar muito mal.*

Algo que chama muito a atenção é que ambas abordam sobre o impacto que as interações nas redes sociais têm na saúde mental. Isa Benevides conta que prefere desativar a sinalização do número de curtidas para não causar ansiedade e Verônica Oliveira fala sobre um tipo de julgamento que mexe com a autoestima da pessoa. Certamente este é um aspecto que merece ser investigado mais profundamente em estudos futuros e que não devem ser desconsiderados pela área da comunicação, na interface com o campo da saúde.

Diante do que foi relatado pelas ativistas, os meios de proteção, seja pelo bloqueio ou exposição pública do perfil que está incomodando não são suficientes para absorver o impacto que as críticas, ofensas e opiniões causam nas mulheres. Com as plataformas a relação é de inflexibilidade, ou seja, elas impõem as regras do jogo sem a abertura para o diálogo.

Aqui convém salientar uma pequena divergência com Davies (2021) citado anteriormente. Antes de afirmar que o reconhecimento foi substituído pela curadoria, é preciso estabelecer o critério da motivação da exposição. Todas as mulheres que participaram dessa investigação atuaram ou ainda atuam no trabalho doméstico, sendo um assunto central ou muito abordado pelas ativistas nas redes sociais.

Assim é fato que existe curadoria, mas a autorrealização não vem com as curtidas, nem com os compartilhamentos e nem com o número de seguidores para essas mulheres.

**Preta Rara:** [...] a internet é importante porque a gente pode falar o que quiser lá. É a nossa voz para o mundo. Enquanto várias mídias – jornais e TVs – querem censurar ou querem vender notícias não verdadeiras, lá eu posso postar o que realmente aconteceu e as pessoas acabam se identificando, e isso tem um alcance bem maior. Hoje em dia o meu alcance na internet é bem maior do que quando eu estou na mídia. Na internet eu posso falar o que quero e penso e outras mulheres acabam se identificando. É nisso que ajuda.

**Isaura Benevides:** Aquela rede social não é um grande lamento, é uma forma de conscientizar aí as minhas colegas que estão dentro da luta, dentro do abuso e ainda não identificou porque pra sair precisa identificar, e é um processo lento. [...] Se é um trabalho, é um trabalho voluntário. Eu não consigo ver como um trabalho, eu vejo como uma provocação.

\*\*\*

O *Instagram* não é uma arena de debate político, como deixa claro Santos (2024), mas é sem dúvida uma arena de expressão política. O ativismo cotidiano nesses perfis aponta para muitas desigualdades e desrespeitos nas três esferas do reconhecimento (amor, direito e estima social), com um horizonte da autorrealização que ainda está muito distante.

A percepção das ativistas sobre a militância no *Instagram* varia conforme a proximidade com as questões críticas de vivência na atividade doméstica e da relação com a plataforma. Apesar da problematização sobre o ativismo aparecer com mais consistência em apenas duas páginas: "Ela é só a babá" e "Isa\_Benevides", todas as mulheres evidenciam o potencial de amplificação das redes sociais. Isa Benevides ressalta que foi a partir do contato com outras ativistas que já estavam nas redes sociais que teve "a coragem, a ousadia e o atrevimento" de ocupar esse espaço. Isso talvez seja banal para quem está acostumado com a internet, mas é um passo enorme para quem vive e trabalha longe da esfera digital.

A atualização da teoria do reconhecimento não só contribui na identificação das fontes de injustiça de classe, gênero e raça, mas oferece um caminho para que as lutas por uma sociedade mais justa e igualitária. O ativismo cotidiano de Janaína Costa, Preta Rara, Verônica Oliveira e Isa Benevides não se limita à denúncia das injustiças, apesar de ser a maior evidência quando enfatiza a violência das relações

entre patroas e empregadas. Porém, está presente também na interseccionalidade quando Preta Rara faz questão de mostrar seu corpo fora dos padrões ou quando Janaína Costa fala sobre a sua homossexualidade.

Ao mesmo tempo, a vida de todas as trabalhadoras ouvidas nesta pesquisa é uma luta diária contra injustiças e na busca de meios de sobrevivência dentro das regras do jogo do *Instagram*. A lógica da plataforma favorece a luta em alguns aspectos de amplificação dos assuntos e na proximidade dos iguais, mas prejudica em outros aspectos como no uso de publicidade que reforça a desigualdade.

Algumas das ativistas foram entrevistadas para revistas femininas, o que é uma condescendência das patroas com os problemas das mulheres trabalhadoras. Uma questão típica do feminismo liberal clássico que abre espaço sem de fato promover uma transformação social que diminua a desigualdade. A socialização dos afazeres domésticos e a articulação de como as necessidades de cuidado são consideradas em âmbito institucional e político, ainda se constituem em uma das maiores barreiras para as mulheres, como descrevem Molinier e Paperman (2015).

As injustiças mostradas nas postagens - publicizadas, portanto, politizadas - salários baixos, trabalho exaustivo, humilhações, preconceito - atingem de forma mais violenta mulheres negras e pobres. A interseccionalidade emancipadora ainda aparece timidamente nas publicações, mas parece ser o caminho mais adequado para chamar a atenção pública para as questões do trabalho doméstico.

O ativismo que observamos empiricamente faz parte de um processo de identificação entre mulheres que compartilham uma mesma condição no trabalho doméstico, a partir de um feminismo de relatos constroem e amadurecem a organização de suas demandas - num espaço pré-político. Nesse sentido, o primeiro nível de reconhecimento é de umas pelas outras, ou seja, é um primeiro passo para o estabelecimento de um debate mais verbalizado na arena política.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia principal desta tese foi trazer as mulheres ativistas para o centro das discussões acadêmicas sobre a militância feita nos ambientes digitais. Com a internet e as mídias sociais, variados modos de ativismos emergiram, com suas características próprias e diferentes repertórios de ação, especialmente a chamada

ação conectiva, que se utiliza da lógica dos públicos em rede, envolvendo coprodução e codistribuição de conteúdos, além de um forte componente psicológico que move esse tipo de interação, mobilizando sentimentos extremados (BENNETT e SEGERBERG, 2013; BARROS, 2022). A literatura registra que existe uma concentração de pesquisas sobre militância e ativismo em épocas eleitorais, com elevada presença de militantes ocasionais (JOATHAN E ALVES, 2020). Dessa forma, nos detivemos ao ativismo continuado e cotidiano entendido como “interações de nível micro não planejadas, dinâmicas e orientadas por feedback entre indivíduos próximos que criam, sem coordenação central, resultados de nível macro que vão muito além de seus efeitos aditivos” (Mansbridge, 2013, p.1). Então, o propósito da tese foi coletar informações e impressões sobre as dinâmicas de atuação das ativistas sem relação com a política institucional.

O estudo apostou na combinação de três técnicas para coleta de dados (publicações, comentários e entrevistas semiestruturadas), além das entrevistas concedidas publicamente pelas ativistas a veículos de comunicação. As postagens deram um bom panorama de como essas mulheres se expressam no *Instagram*, revelando as especificidades de cada uma. Janaína Costa, da página “Ela é só a babá”, posta frequentemente e demonstra maior contundência crítica aos assuntos relacionados ao trabalho doméstico. A ativista Preta Rara, do perfil “Eu, empregada doméstica”, é pioneira ao dar visibilidade para os relatos de outras empregadas domésticas no *Facebook* e, posteriormente, no *Instagram*. Porém, agora, ela não publica com certa frequência e atua em diversas outras frentes que por vezes parecem pulverizar a questão do emprego doméstico. Já as constantes publicações de Verônica Oliveira, da “Faxina Boa”, destoam das outras páginas analisadas. A página não surge com a intenção de dar visibilidade aos relatos de desrespeito das trabalhadoras, mas sim de dar visibilidade aos aspectos positivos dessa profissão. A página de Isa Benevides é a mais amadora no manejo da lógica das redes sociais e a de menor expressão em números, mas surgiu por influência dos outros perfis. Além disso, por continuar no emprego doméstico, Isa enxerga questões que ainda carecem de visibilidade na esfera pública como, por exemplo, a rotina de revista nos condomínios pela qual as trabalhadoras ainda são vítimas.

De uma outra perspectiva, a participação da análise dos comentários trouxe uma visão relacional entre quem publica e quem recebe a informação. No entanto, eles reforçaram uma visão já constatada pela análise das postagens ao invés de

fornecer outros elementos para a discussão. Outras formas de codificação dos comentários podem revelar aspectos que não foram abarcados pela tese, como a identificação de dissensos.

Dito isso, consideramos que a análise das entrevistas mostrou-se mais eficiente para entendermos empiricamente de que forma a interação mediada pelo *Instagram* transforma os pressupostos convencionais de reconhecimento e redefinem os objetivos de autorrealização das ativistas. Relembrando as quatro premissas para a compreensão da teoria do reconhecimento (Honneth, 2003): a) significado de reconhecimento entendido como a afirmação de peculiaridades positivas de pessoas ou grupos; b) o ato de reconhecer não se limita às enunciações simbólicas; c) o ato de reconhecimento não pode estar atrelado a outros interesses que não sejam exclusivamente os da emancipação dos indivíduos; d) o reconhecimento é encontrado nas atitudes relacionadas às esferas do amor, do direito e da estima social.

Pelo viés teórico, como apontam Rosenfield e Saavedra (2013) o caráter abstrato e filosófico da reflexão de Honneth implica em um grande desafio para a pesquisa empírica com base na realidade brasileira e, agora, com a mediação das redes sociais. Entendemos que a teoria do reconhecimento honnethiana é um ponto de partida, mas que suas insuficiências e atualizações ganharam novos contornos com o esforço teórico de Young (2007), Isin (2009), Smith e Deranty (2011), Campanella (2021), Davies (2021), Driessens e Naerland (2022) e tantos outros pesquisadores.

Com base nos dados analisados desta tese, concordamos com Davies (2021, p. 89) que aponta para o fenômeno das redes sociais como “uma exposição contínua do eu interior na luta para ser reconhecido, mas que nunca alcança seu objetivo”, principalmente quando este fato vem atrelado ao ativismo. No entanto, a discussão sobre os impactos da “cultura de influência” na saúde mental ainda reverbera pouco nas páginas pesquisadas, podemos supor que o tema ainda seja considerado um tabu e precise de outros trabalhos que aprofundem a questão.

Todas as mulheres sujeitas dessa pesquisa se reconhecem como ativistas, mas suas formas de atuação variam muito de acordo com suas vivências, aprendizados e relação com a plataforma *Instagram*. Os múltiplos modos de ativismo digital se caracterizam pelo coenvolvimento em que a relação dos interagentes pode ser potencializada a partir do envolvimento de outros indivíduos influentes. Assim,

mesmo no caso do ativismo individualizado, ressalta-se sua dimensão coletiva, pois os cidadãos agem e reagem em um contexto de multirredes digitais de interação como descrito por Barros (2022) e confirmado pela tese. No entanto, essa espécie de anacronismo carece de pesquisas que verifiquem como outras temáticas da militância ganham abrangência e possibilidades de lutas coletivas iniciadas individualmente. Dessa forma, o poder de interconexão das redes digitais torna o ativismo digital capaz de driblar as bolhas ideológicas e adquirir ampla visibilidade, o que torna o seu estudo cada vez mais relevante para a compreensão das dinâmicas políticas contemporâneas.

O encaminhamento metodológico consistiu em três etapas de trabalho, na arena online, que exigiu sensibilidades específicas por parte desta pesquisadora. Primeiro uma observação exploratória dos dados, com o objetivo de compreender como ocorrem os fluxos e trocas de informações. O segundo passo demandou maior capacidade de sistematização, a partir do rastreamento dos espaços, dos atores e de suas interações. E, por fim, um terceiro momento que requereu maior profundidade, com imersões mais densas e prolongadas, a fim de possibilitar maior reflexão sobre as atividades no ambiente digital. No entanto, a integração dos sistemas de comunicação, a postagem de um mesmo conteúdo em diversas redes sociais, a dificuldade de acesso aos dados das plataformas continua sendo um desafio imenso do ponto de vista teórico, metodológico e ético. A instabilidade dos fenômenos digitais é uma questão muito angustiante e exaustiva. A página “Ela é só a babá” ficou fora do ar por duas semanas em 2024, postagens que já tinham sido coletadas foram deletadas do perfil, com isso a coleta teve que ser refeita para que não houvesse distorções.

Outro aspecto que merece destaque é o tipo de análise desta tese. Apesar dos dados numéricos chamarem a atenção à primeira vista, muitas outras variáveis demonstraram maior relevância ao verificar a atuação na militância cotidiana nas páginas do *Instagram*. Da mesma maneira, embora as ativistas estejam implicadas nas limitações das plataformas, elas não determinam todos os aspectos das representações. Continuaremos, assim, investigando as transformações da atuação política em contextos complexos para a democracia.

## REFERÊNCIAS

ABIDIN, Cristal. Internet celebrity: Understanding fame online. Emerald Publishing Limited, 2018.

BARROS, Antonio Teixeira. Razões militantes em primeira pessoa: análise de práticas de ativismo político no Facebook. Revista Brasileira de Sociologia-RBS, v. 10, n. 25, 2022.

BENNETT, W. Lance; SEGERBERG, Alexandra. The logic of connective action: Digital media and the personalization of contentious politics. Cambridge University Press, 2013.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. Decolonialidade e interseccionalidade emancipadora: a organização política das trabalhadoras domésticas no Brasil. Sociedade e Estado, v. 30, n. 1, p. 147-163, 2015.

BILGE, Sirma. Théorisations féministes de l'intersectionnalité. Diogène, n. 1, p. 070-088, 2009.

BOYD, D. M.; ELISSON, E. NB Social network sites: Definition, history and scholarship. Journal of Computer-Mediated Communication, artigo, v. 11, 2007.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. Qualitative research in psychology, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BRACCIALE, Roberta et al. Political Information on Twitter:# elezioni2013 and the role of gatekeeper citizens. In: Political communication in times of crisis. Logos Verlag, 2016. p. 209-225.

BREEN, K.; DERANTY, J.-P. The Politics and Ethics of Contemporary Work. 2022.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. Temas em psicologia, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CAMPANELLA, Bruno. Recognition in the Age of Social Media. John Wiley & Sons, 2023.

CAMPANELLA, Bruno. Reconhecimento datificado em plataformas digitais: lógicas e implicações. Civitas-Revista de Ciências Sociais, v. 21, p. 282-292, 2021.

CENCI, Angelo Vitório. Individualização e reconhecimento. Educação, v. 36, n. 03, p. 314-324, 2013.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. The mediated construction of reality. John Wiley & Sons, 2018.

COULDRY, Nick; VAN DIJCK, Jose. Researching social media as if the social mattered. Social Media+ Society, v. 1, n. 2, p. 1-24, 2015.

CORRÊA, Elizabeth Saad.. Precisamos refletir sobre influência na sociedade digitalizada. *Revista Comunicare*, v. 17, edição especial de 70 anos da Faculdade Cásper Líbero, p. 28-35, 2017.

CHADWICK, Andrew. *The hybrid media system: Politics and power*. Oxford University Press, 2013.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*, p. 538–554, 1990.

DAMAMME, Aurélie; IBOS, Caroline; MAKRIDOU, Efthymia. Dans l'ombre des rapports sociaux, les pourvoyeuses du care protestent. *Cahiers du Genre*, n. 1, p. 5-32, 2022.

DAVIES, Will. The politics of recognition in the age of social media. *New Left Review*, n. 128, p. 83-99, 2021.

DEAN, Eryn. A Bridge over the Troll: Non-Complementary Activism Online. In: *Companion Proceedings of the ACM Web Conference*, p. 591-593, 2023.

DEAN, Jonathan. *From Solidarity to Self-Promotion? Neoliberalism and Left Politics in the Age of the Social Media Influencer*. Capital & Class, 2023.

DEJOURS, Christophe et al. The return of work in critical theory: Self, society, politics. In: *The Return of Work in Critical Theory*. Columbia University Press, 2018.

DERANTY, Jean-Philippe Dr. *Beyond communication. A critical study of Axel Honneth's social philosophy*. Brill, 2009.

DEVINE, Patricia G. Stereotypes and prejudice: Their automatic and controlled components. *Journal of personality and social psychology*, v. 56, n. 1, p. 5, 1989.

DRIESENS, Olivier; NÆRLAND, Torgeir Uberg. Mediated recognition: Identity, respect, and social justice in a changing media environment. *Communications*, v. 47, n. 4, p. 505-515, 2022.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar em revista*, n. 24, p. 213-225, 2004.

FINE, Kit. The question of realism. In: *Individuals, essence and identity: Themes of analytic metaphysics*. Dordrecht: Springer Netherlands, . p. 3-48. 2002.

FISKE, Susan T. Stereotype content: Warmth and competence endure. *Current directions in psychological science*, v. 27, n. 2, p. 67-73, 2018.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa-3*. Artmed editora, 2008.

FRASER, Nancy. Reenquadrando a justiça em um mundo globalizado. Lua Nova: revista de cultura e política, p. 11-39, 2009.

FRANCO, Thiago Cardoso; DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete da Silva. O net-ativismo indígena na Amazônia, em contextos pandêmicos. Estudos em Comunicação, n. 31, p. 109-132, 2020.

GILLIGAN, Carol. Joining the resistance. John Wiley & Sons, 2013.

GILLIGAN, Carol. Uma voz diferente: Teoria psicológica e o desenvolvimento feminino. Editora Vozes, 2021.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade. Tradução: Mathias Lambert, v. 4, 1988.

GOMES, Wilson. Nós somos a rede social!': o protesto político entre as ruas e as redes. Democracia digital: publicidade, instituições e confronto político, p. 371-394, 2016.

GOMES, Wilson et al. " Politics 2.0": Barack Obama's on-line 2008 campaign. Revista de Sociologia e Política, v. 17, p. 29-43, 2009.

GOMES, Wilson. Política Online: aula sobre as transformações digitais e esfera pública, 38p., 2024.

HIRATA, Helena. O trabalho de cuidado. Sur Rev Int Direitos Human, v. 13, p. 53-64, 2016.

HIRATA, Helena. ZARIFIAN, Philippe. O conceito de Trabalho. Trabalho e Cidadania Ativa para as Mulheres: desafios para as Políticas Públicas. EMÍLIO, Marli (org.). São Paulo/SP, 2003.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Cadernos de pesquisa, v. 37, p. 595-609, 2007.

HOOKS, Bell. Confronting class in the classroom. The critical pedagogy reader, p. 142-150, 1994.

HONNETH, Axel. Les paradoxes du capitalisme: un programme de recherche. In: La société du mépris. Paris: La Découverte, 2006.

HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. Ed34, 2003.

HONNETH, Axel. O eu no nós: reconhecimento como força motriz de grupos. Sociologias, v. 15, p. 56-80, 2013.

HONNETH, Axel. Trabalho e reconhecimento: tentativa de uma redefinição. Civitas-Revista de Ciências Sociais, v. 8, n. 1, p. 46-67, 2008.

HONNETH, Axel. Reificação: um estudo de teoria do reconhecimento. Editora Unesp, 2020.

HOOTSUITE (2022). The Global State of Digital 2022. Acessado em 01 de jun. 2022

ISIN, Engin F.; TURNER, Bryan S. Citizenship, cosmopolitanism and human rights. In: The Routledge companion to social theory. Routledge, 2009.

ISIN, Engin F. Citizenship in flux: The figure of the activist citizen. In: Citizenship Rights. Routledge, 2017. p. 341-362.

JAIRO, Israel; DE FRANÇA, Dalila Xavier. Os Estereótipos: Uma Revisão Sistemática de Publicações Conceituais. Cadernos de Psicologia , v. 2, não. 2 P. 20-20, 2022.

JOATHAN, Ícaro; ALVES, Marcelo. O Twitter como ferramenta de campanha negativa não oficial: uma análise da campanha eleitoral para a Prefeitura do Rio de Janeiro em 2016. Galáxia (São Paulo), n. 43, p. 81-98, 2020.

KARHAWI, Issaaf et al. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. Communicare, v. 17, n. 12, p. 46-6, 2017.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. Novos estudos CEBRAP, p. 93-103, 2010.

LAMARÃO, Maria Luiza Nobre e MACIEL, Carlos Alberto Batista. Estigma e Subalternidade no Trabalho Infantil Doméstico: marcas da sociabilidade do aviamento na Amazônia brasileira. In: Anais da III Jornada Internacional de Políticas Públicas. Maranhão: UFMA, 2007.

LAUGIER, Sandra. "L'importance de l'importance. Expérience, pragmatisme, transcendantalisme". Multitudes, n. 23, p. 153-67, 2005.

LIEBGOTT, Camila Bonin; PINHEIRO, Leandro Rogério. Lesbianidades e identizações no ciberespaço: as narrativas de jovens ativistas no instagram como parte da luta contra a lesbofobia. Sul-Sul: Revista de Ciências Humanas e Sociais. Barreiras, BA. Vol. 2, n. 2 (2021), p. 105-131, 2021.

LOMBARDI, Maria Rosa; ÀVILA, Maria Auxiliadora; PAULA, Maria Angela Boccara (organizadoras). O prazer da entrevista em pesquisas qualitativas. Curitiba: CRV, 2021.

MANSBRIDGE, Jane. Everyday activism. The Wiley-Blackwell encyclopedia of social and political movements, p. 1-2, 2013.

MAIA, Rousiley. Mídia e lutas por reconhecimento. São Paulo: Paulus, 2018.

MAIA, Rousiley CM; CAL, Danila. Recognition and ideology: assessing justice and injustice in the case of child domestic labor. Journal of Political Power, v. 7, n. 1, p. 63-85, 2014.

MASCHERONI, Giovanna; MURRU, Maria Francesca. "I can share politics but I don't discuss it": everyday practices of political talk on Facebook. *Social Media+ Society*, v. 3, n. 4, p. 2056305117747849, 2017.

MELO, Francisco Vicente Sales; FARIAS, Salomão Alencar de; KOVACS, Michelle Helena. Estereótipos e estigmas de obesos em propagandas com apelos de humor. *Organizações & Sociedade*, v. 24, n. 81, p. 305-324, 2017.

MELLO, Luciana Garcia de; ROSENFELD, Cinara L. Desreconhecimento e demarcação simbólica no trabalho doméstico: o progresso moral posto à prova. *Sociologias*, v. 26, p. e-soc137309, 2024.

MENDES, Kaitlynn. 'Fempreneurs and Digital Feminist Publishing'. *Women: a Cultural Review*, 32(3-4): 410-433, 2022.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Dimensões democráticas nas Jornadas de Junho: reflexões sobre a compreensão de democracia entre manifestantes de 2013. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 33, n. 98, p. e339707, 2018.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Dimensão intersubjetiva da auto-realização: em defesa da teoria do reconhecimento. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 24, p. 143-154, 2009.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Reconhecimento e deliberação: as lutas das pessoas atingidas pela hanseníase em diferentes âmbitos interacionais. 2009.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; PORTO, Nathália França Figuerêdo. Reconhecimento ideológico: uma reinterpretação do legado de Gilberto Freyre sob a ótica da teoria do reconhecimento. *Dados*, v. 60, p. 145-172, 2017.

METZ, J., Calvo, R., SENO, E. R., ROMERO, R. A. F., LIANG, Z., et al. *Redescomplexas: conceitos e aplicacoes*, 2007.

MOLINIER, Pascale; PAPERMAN, Patricia. Descompartimentar a noção de cuidado?. *Revista Brasileira de Ciência Política*, p. 43-57, 2015.

OKIN, Susan Moller. Gender, the Public and the Private. *Estudos Feministas*, v. 16, n. 2, p. 305, 2008.

PIZA, Mariana Vassalo. Processos de influências sociais no ambiente online: análise da youtuber Jout Jout. 2016. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

PRUDENCIO, Kelly Cristina et al. ¡ Aquí Estamos Las Mujeres! a figura feminina nos protestos políticos sul-americanos de 2019 a partir de uma análise de imagens do Instagram. *Compólitica*, v. 11, n. 3, p. 55-94, 2021.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: Estética e política. *Exo experimental*, Ed.34, 2005.

RODRIGUES, Tatiane Daby de Fatima Faria; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; DOS SANTOS, Josely Alves. As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação. *Revista Prisma*, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021.

ROSENFELD, Cinara L.; SAAVEDRA, Giovani Agostini. Reconhecimento, teoria crítica e sociedade: sobre desenvolvimento da obra de Axel Honneth e os desafios da sua aplicação no Brasil. *Sociologias*, v. 15, p. 14-54, 2013.

SANTANA, Monik; DE OLIVEIRA CORTES, Gerenice Ribeiro. Ousar se revoltar: ativismo digital e resistência de mulheres negras no Instagram. *Revista (Con) Textos Linguísticos*, v. 17, n. 36, p. 112-126, 2023.

SANTOS, Nina. Política Online. as transformações na esfera pública digital. Aula online. p.34. 2024.

SIBILIA, Paula. Eu, eu, eu... você e todos nós. P. Sibilia. O show do eu: a intimidade como espetáculo, p. 13-53, 2016.

SCHARFF, Christina. Creating Content for Instagram: Digital Feminist Activism and the Politics of Class. *Astrolabio*, n. 31, p. 152-178, 2023.

SMITH, Nicholas H.; DERANTY, Jean-Philippe. Work and the Politics of Misrecognition. *Res Publica*, v. 18, p. 53-64, 2012.

SMITH, Nicholas; DERANTY, Jean-Philippe Dr (Ed.). *New philosophies of labour: work and the social bond*. Brill, 2011.

SZYMANSKI, Heloisa; DE ALMEIDA, Laurinda Ramalho; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. *Autores Associados*, 2021.

TERRA, Carolina Frazon; SAAD, Elizabeth. Influenciador Digital: Esse papel pode ser das organizações. *Comunicon*, 7º Encontro de GTs de pós-graduação, 2016.

TOURAINÉ, A. *Pensar Outramente [think otherly]*. 2009.

TRONTO, Joan C. *Caring democracy: Markets, equality, and justice*. nyu Press, 2013.

VAN DIJK, Jan AGM. The evolution of the digital divide-the digital divide turns to inequality of skills and usage. In: *Digital enlightenment yearbook 2012*. IOS Press, 2012. p. 57-75.

VILELA, Rosana Brandão; RIBEIRO, Adenize; BATISTA, Nildo Alves. Nuvem de palavras como ferramenta de análise de conteúdo. *Millenium*, n. 11, p. 29-36, 2020.

YOUNG, Iris Marion. Recognition of love's labor: considering Axel Honneth's feminism. *Recognition and power: Axel Honneth and the tradition of critical social theory*, p. 189-212, 2007.

YOUNG, Iris Marion. Activist challenges to deliberative democracy. *Political theory*, v. 29, n. 5, p. 670-690, 2001.

YOUNG, Iris Marion. Equality of whom? Social groups and judgments of injustice. *Journal of political philosophy*, v. 9, n. 1, 2001.

WILLIAMSON, Debra Aho. Como as marcas podem usar influenciadores. Site Meio e Mensagem. 04/03/2016.

ZANDAVALLE, Ana Claudia. Análise de dados visuais no Instagram: perspectivas e aplicações. SILVA, Tarcízio; BUCKSTEGGE, Jaquelina; ROGEDO, Pedro. *Estudando cultura e comunicação com mídias sociais*. Brasília: IEPAD, p. 80-96, 2018.

## APÊNDICE 1 – ENTREVISTA TRANSCRITA DE VERÔNICA OLIVEIRA

**P. Eu vi numa entrevista que você começou no Facebook como uma brincadeira de postar sobre o serviço de faxina que você oferecia. Eu queria entender como foi a migração para as outras redes e qual você usa mais?**

*R. Eu sempre fui usuária de rede social, desde o Orkut tinha e participava de comunidade. Já usava Facebook, Twitter e Instagram, mas tudo como perfil pessoal. Com a viralização do post sobre as faxinas, eu criei a página dentro do Face que depois eu criei o perfil do Insta. Eu era uma usuária regular de redes sociais, até por isso foi difícil eu entender a criação de conteúdo como profissão.*

**P. Você achava que seria só uma onda passageira? Como era no começo e como é agora?**

*R. Sim, ainda mais quando viraliza algo e ninguém lembra mais. Na época eu fazia muita faxina para publicitários e social media e elas foram me ensinando como organizar a página e a olhar os dados depois, acessar os indicadores. Fui aprendendo com o tempo e com os clientes, eu achava que iria passar rápido e eu iria continuar com as minhas faxinas. Quando eu entendi melhor, passei a fazer muitos cursos de produção de conteúdo, de social media, de roteiro. Até hoje eu faço, eu trabalho sozinha e não tenho equipe. Só quando estou num projeto grande, contrato um freelancer para me ajudar como no caso da produção dos 40 episódios do podcast. Hoje a rede social que eu mais trabalho é o Instagram e produzo tudo sozinha. O que foi melhorando foi a qualidade dos equipamentos, quando comecei eu tinha um Iphone 7 que foi dado por um amigo e não tinha nem crédito para fazer os posts. Hoje eu tenho um Iphone melhor, tenho câmera, microfone e iluminação. Tô há oito anos produzindo conteúdo e os equipamentos que eu comprei nos últimos três anos. Não foi muito fácil e nem há muito tempo.*

**P. O Instagram dá algum tipo de suporte, orientação ou remunera os produtores de conteúdo?**

*R. Como eu sou de São Paulo, a sede do Instagram fica aqui e algumas vezes eles fazem especializações para criadores de conteúdo. Eu já fui chamada algumas vezes, quando eles lançaram o Reels. Ai a gente passa o dia lá com eles ensinando sobre a ferramenta. Já fiz uns três cursos dentro do escritório do Instagram. O Instagram não tem remuneração, o que eles inventaram agora é um esquema de assinatura, mas eles ficam com uma boa parte desse valor. E tem o comprar selinhos se você está fazendo uma live. Eu não uso muito essas ferramentas, e como ele não remunera geralmente a maioria dos criadores de conteúdo tem um Apoia-se porque dentro da plataforma não tem nenhum tipo de respaldo financeiro. Então, a gente só produz conteúdo gratuitamente na esperança de que uma marca vá se interessar pra pagar pra você produzir alguma coisa e, às vezes, não é muito. Quando a pessoa tá começando é uma remuneração muito baixa, até pouco tempo atrás eu era tão atrapalhada com isso que quando eu contratava o freelancer eu pagava 50% do que eu ganhava, então eu ficava com pouquíssimo dinheiro. Demora até você entender o negócio, saber precificar porque é uma profissão muito nova.*

**P. Recentemente eu vi uma postagem sua que você aborda o impacto do trabalho nas redes sociais para a saúde mental. Como você lida com as inseguranças dessa nova profissão?**

*Até três anos atrás eu ainda fazia faxina porque eu tinha muito medo de não conseguir viver só da criação de conteúdo. Aí depois da pandemia eu acabei deixando de fazer as faxinas. Hoje toda a minha renda vem das publicidades dentro do Instagram ou de palestras. Eu recebi um cachê ontem e eu não tenho nenhum cachê previsto para os próximos meses. Os trabalhos acontecem assim, eles são pagos depois da emissão da nota fiscal com 30, 45, 60, 90 ou 120 dias. Primeiro, eles entram em contato e geralmente querem gravar um vídeo. Aí eles me mandam um contrato que eu leio, sendo aceito eu assino. Depois eles mandam uma ideia com o que eles querem, eu tenho que escrever o roteiro e envio de volta. Se eles aprovam, eu gravo e devolvo pra eles. Se eles aprovam, eu posso postar e só depois eu emito a nota e ainda tem o prazo pra eles pagarem. Eu tenho que pagar o imposto, o advogado que leu, a pessoa que filmou e eu passo três ou quatro meses sem uma renda. É muito difícil!*

**P. Você tá por dentro das discussões sobre a regulamentação dessa profissão?**

*A gente conversa bastante sobre isso. Os criadores já pensaram em formar um sindicato, a gente já conversou com o Sebrae, com a Janja para articular com o governo. A gente se reúne pra conversar sobre isso, mas é tão lento e tanta divergência de ideia que é difícil de caminhar essas conversas. Mas, a gente entende que precisa ter uma regulamentação porque é muito difícil trabalhar sabendo que você vai receber meses depois e ter que continuar produzindo. É tão precarizado que se fosse um comercial de tv cada um faz uma coisa. Agora aqui, sou eu que escrevo o roteiro, sou eu que filmo, edito, entrego e atuo. É muito precarizado porque eu tenho que fazer tudo e ganho 30 vezes menos que uma pessoa do comercial da tv. É bem complicado e precisava ter alguma regulamentação. Hoje eu consigo dialogar melhor com as marcas, então eu fiz uma publi recentemente que a gente conversou sobre eles diminuírem o valor do cachê, se eles me pagassem na semana seguinte. Antes de todo o processo eles me pagaram, aí eu pude pagar todo mundo que trabalhou comigo. Eu pensei que é assim que eu quero trabalhar. Assim que eu tento fazer com as outras marcas, mas nem sempre é possível.*

**P. Eu li numa entrevista sua que você não gosta muito do termo "influenciador digital". É isso mesmo?**

*É que ser influencer não é trabalho. Isso não significa absolutamente nada. A influência é consequência de um trabalho que você faz. Eu sou comunicadora, sou escritora e palestrante, por conta disso eu tenho seguidores e pessoas que acreditam no meu trabalho. Agora dizer que sou influencer é muito nada a ver.*

**P. Como é a relação com seus seguidores, com quem participa e comenta? Seus conteúdos são bem recebidos? Como é a sua interação pelas redes sociais?**

*Eu te falei que eu não tenho equipe, então 100% das mensagens sou eu que leio e respondo. Agora 83% são mulheres que me seguem e elas são muito participativas. Sempre tem comentário, pergunta e interação e eu respondo todas elas. Eu tenho poucos haters, eles são incômodos mas existem. E a gente tem o*

*costume de dar a atenção para quem é chato e fala alguma coisa que incomoda, do que as pessoas que estão sendo legais, porque mexe com o nosso psicológico. Eu tenho pessoas de mais idade que me seguem, acho interessante. A maioria é de 35 a 44 anos, mas tem um número muito grande de 45 a 54 e essas pessoas interagem muito. Então, tem algumas senhoras que me mandam bom dia, que perguntam da Olivia, que querem saber se tá tudo bem e comentam tudo. Algumas eu sempre lembro, a dona Ivone, a dona Alcimara, se elas somem eu fico até preocupada. Então existe essa proximidade, ela fala da roupa, pergunta das crianças... Eu devia fazer um grande encontro de todo mundo.*

**P. Seu conteúdo é muito diversificado e você trabalha muito bem com o humor. Você começou a viralizar assim, é algo que você estimula nos seus conteúdos?**

*R. É 100% a minha vibe o tempo inteiro. A minha psicóloga sempre fala "para de fazer piada, fala sério comigo!" e eu não consigo. Então, eu sou uma pessoa que mesmo se for a reunião de colégio dos meus filhos sempre vou fazer uma gracinha, um comentário engraçado, porque é muito do meu jeito mesmo. E eu consigo levar isso para os conteúdos mesmo quando é pra falar de um assunto mais delicado, eu consigo falar de um jeito mais leve. É uma forma de defesa para abordar os assuntos que eu quero, sem ser chata ou mais pesado. Mas é 100% o meu jeito o tempo todo.*

**P. O humor te ajuda a entrar em lugares, mídias e debates que talvez outras pessoas não entrariam?**

*R. Às vezes eu penso nisso. A pessoa que trate de uma forma mais acadêmica, o discurso dela pode não se enquadrar em determinado formato de comunicação. Às vezes eu acho que numa entrevista de rádio que é curta e técnica, eu sempre prefiro que seja alguém acadêmico pra falar. Mas quando é um programa que é mais leve, eu topo porque eu acho que é um lugar que aceita bem o meu jeito. Por mais que eu estude algumas questões, eu sempre acho que tem alguém mais qualificado para falar. Aí é um pouco a síndrome da impostora, mas eu consigo perceber que o meu jeito me leva a lugares que outras pessoas mais sérias não chegam.*

**P. Você se enxerga como uma ativista, uma referência?**

*R. Eu brinco que é o ativismo soft porque tem gente que não percebe. Aí, às vezes vem um doidão, "ah, eu gostava mais quando você não era assim". Eu falo "a minha existência é tão política como você não viu isso desde o começo?". Eu acho que não é um ativismo direto, expressamente identificável, mas a pessoa que presta a atenção em dois posts já consegue perceber que existe sim. Pela forma como eu abordo a luta da mãe solo, das questões das mulheres com mais de 40 anos, da prestação de serviço doméstico, todas essas questões têm um cunho de ativismo mas nem sempre percebido, talvez, pela forma leve como eu abordo. Então fica mais difícil identificar algumas pessoas.*

**P. O humor sempre foi uma ferramenta de crítica social, mas ainda acham que é uma brincadeira, né?**

*R. É, tem isso. Acaba não sendo levado a sério por muita gente e aí quando eu falo de uma forma direta vem o medo "não, não gosto quando você fala assim,*

*preferia antes". Mas é a mesma coisa, a forma é diferente mas o conteúdo é o mesmo. Eu tô falando das mesmas coisas o tempo todo.*

**P. E pensando no futuro. Como você pretende conduzir a sua carreira dentro das redes sociais?**

*R. Eu tava conversando com uma empresária sobre a instabilidade do trabalho nas redes sociais. E eu falei" já a pensou a hora que o Mark Zuckerberg puxar a tomada do Meta e desligar tudo, pra onde a gente vai? Pior que isso é o Alexandre de Moraes puxar a tomada do Twitter e a gente não sabe o que vai acontecer". Então, se fala muito nos criadores de conteúdo terem outras formas de trabalho que não sejam as redes sociais. Tenho pensado muito sobre isso, o que eu poderia fazer fora das redes. Mas, sou completamente viciada. Não consigo me imaginar. A gente fala que é cansativo, mas não sai. O Twitter mesmo é uma rede que eu não suporto. Eu acordo e entro no Twitter, é um vício. Eu não consigo me imaginar não produzindo para as redes sociais. A gente não pensa em não fazer mais, a gente pensa se essa acabar para onde a gente vai nem que tenha que inventar a própria rede social.*

**P. A gente não imagina mais o mundo sem as redes sociais, né?**

*R. Os meus filhos não buscam nada por buscador, eles só usam as redes sociais para buscar. Então, se ele quer saber como terminar uma fase no jogo, ele vai procurar na rede social porque vai ter alguém que vai falar como funciona. A minha filha pra escolher roupa, olha a rede social. É um caminho sem volta, não tem como viver sem elas.*

**P. Você acha que as redes sociais não favorecem um conteúdo mais crítico ou um debate mais profundo?**

*R. Eu acho que é tudo muito raso. É difícil estabelecer uma comunicação mais densa na rede social. Talvez no YouTube numa live você consiga trocar uma ideia. As discussões no Twitter e no Instagram são pouco debatidas e muito brigadas, o povo só sabe reclamar e não consegue aprofundar uma crítica. Vai terminar alguma coisa no teu cú e acabou.*

**P. Tem algumas pesquisas que apontam que as redes sociais favorecem o discurso de ódio...**

*R. A gente tem um grupo de WhatsApp de criadores de conteúdo. E no ano passado eu recebi uma ameaça de morte e todos falaram "Ah, já!" "Hoje, hoje ainda não". Então, eu fiquei em choque e aí do nada ela desapareceu. Mas, a pessoa me mandava as mensagens e deletava o perfil, criava outro perfil e me mandava as mensagens. Foi desesperador, eu tenho filhos. Não consigo achar isso normal, tinha medo de sair. Aí um amigo falou "cara, eu recebo tanta maluquice nas redes que eu nem ligo mais, mas é de gente que só tem coragem na internet". Mas vai que comigo é alguém que me pega aí na rua. A internet abre espaço para um julgamento muito maluco, eu uso muito da honestidade para falar do que está acontecendo com as pessoas. E as vezes eu recebo em troca mensagens do tipo "ah, se tá ruim pra você se mata". Então é muito difícil pra lidar, ainda bem que eu tô muito medicada, senão iria estar muito mal.*

**P. Você concentra tudo na sua página no Instagram, vida pessoal, trabalho, publi, debates. Você pensa em ter outros perfis?**

*R. Eu cheguei a tentar fazer um perfil pessoal, mas dá muito trabalho ter vários. Eu já tenho muito trabalho com o meu, então eu comecei assim vai ficar assim. Por um lado, não é muito bom ter tudo no mesmo lugar, de trabalho e vida pessoal. Mas ele é totalmente eu, então, desde aplicativo de namoro que eu mostro como é até falar da palestra e falar de assuntos sérios. Vai ter que ficar assim.*

**P. Tem algo que você queira falar que nós não falamos?**

*R. Eu acho que a gente falou bastante. Uma coisa que a gente não comentou foi sobre o alcance. Por exemplo, uma coisa que desanima muito é escrever um roteiro, fazer o vídeo, postar e saber que eu tenho 300 mil seguidores e tenho uma média de 1100 pessoas que viram, em 7 horas, meu story. É muito pouco, pelo amor de Deus. Eu não tenho TikTok, mas dizem que é muito maior lá. Antes chegava a 50% das pessoas que viam, agora não chega a 10%.*

**P. E isso é reflexo do quê?**

*R. O próprio Instagram não entrega para que eu pague. Em oito anos eu nunca impulsionei um post na minha vida. Eu nunca comprei seguidores, eu nunca paguei pro meu post ser visto. Tudo o que tem ali é orgânico e aconteceu. Outra coisa maluca é a quantidade de seguidores, então a minha média é que a cada 7 dias eu perco 500 seguidores. Entraram 560 e saíram 1060, então eu perdi 500. No ano passado eu tava com 322 mil, agora tô com 304. Vai caindo, caindo e caindo... eu não sei pra onde isso vai. Aí chega um momento que se eu não viralizar novamente, não aumenta mais. Você tem que buscar uma forma de viralizar se eu quiser aumentar. Eu já me acostumei que tá em 300 e talvez chegue em 200 e poucos, mas é isso porque eu não vou ficar caçando um assunto para viralizar. Se acontecer aconteceu, mas eu não vou ficar buscando.*

**P. E isso é pela própria lógica do Instagram que não recomenda o seu conteúdo?**

*R. Exatamente. Tem muita gente que fala assim "pô, eu te sigo e parei de ver você". Isso é porque o próprio Instagram esconde. E aí eu tenho que pagar. Eu não vou pagar, o Mark Zuckerberg já tem muito dinheiro. O Twitter começou a fazer a mesma coisa e eu também não pago porque o Elon Musk não merece o meu dinheiro. O selo de verificado foi retirado e aí tem que pagar, se não me engano são 500 reais ao ano. Eu não vou dar 500 reais pro Elon Musk, com 500 reais eu vou no mercado comprar frango para as crianças.*

**P. Quais os dados que aparecem nas métricas do Instagram?**

*R. Isso. Aparece tudo, por exemplo, de onde são meus seguidores. 93% são do Brasil, o resto estão divididos entre Portugal, Estados Unidos, Itália e Reino Unido que é onde tem bastante brasileira fazendo faxina. Aparece quantos entraram e saíram, os horários que têm mais visualizações. O dia que eu tive uma treta foi quando teve 13 mil visualizações. O povo gosta de fofoca e treta. Aliás foi interessante porque eu falei que não gostava de uma mulher que faz podcast, falei que não gostava do jeito e nem do trabalho. Aí foram falar pra ela e ela respondeu no Twitter com "vocês já viram que gente sonsa vai longe". Eu sabia que era pra mim, mas fiquei quieta. E aí alguém foi lá e respondeu pra ela "algumas até tem podcast famoso". No dia que eu falei que não iria arrumar treta, eu falei dela. Foi sem querer!*

**P. Apesar dos haters tem gente que defende na internet, né?**

*R. Tem a galera que defende. É uma pena que eu não possa contar. O que eles estão vendo é um recorte. Tem tanta coisa que tá acontecendo que eu não posso falar. Todas as tretas que estão me acontecendo é um processo na justiça que corre em segredo de justiça. Aí eu falei pra minha advogada "eu não posso falar que eu fui processada? "Se você falar, as pessoas vão te perguntar e você não pode falar mais". Tá rolando isso e eu perdi. Foi isso, eu xinguei uma pessoa na internet e a pessoa pediu indenização por danos morais. Estamos brigando na justiça, e eu tô completamente correta em tudo o que eu disse, por isso eu vou recorrer. Quem me segue a muitos anos vai saber quem é a pessoa. No processo ele fala "eu tenho medo dos seguidores dela me atacarem". Eu falei "é um monte de senhora, a gente não vai bater em você. Para de ser idiota!". Tá se achando muito importante, aí eu dei risada e é meu ex-marido. Talvez a dona Elcimara dê uma bolsada nele, talvez, ao encontrar com ele na Avenida Paulista. Isso porque eu xinguei no Twitter, pô eu não acredito que agora xingar no Twitter dá multa.*

**P. Eu te agradeço muito pela entrevista, se vier a Curitiba e me contate que estarei presente num encontro ou palestra.**

*R. Esses dias eu tava doidona falando que eu iria pegar meu carro e ir pra Curitiba num bar que se chama Bek's.*

**P. Sim, o Bek's! Você já tem lugar pra ficar aqui, pode ficar aqui em casa e a gente vai lá no Bek's. Obrigada pela disponibilidade.**

*R. Obrigada você, tchau.*

## APÊNDICE 2 – ENTREVISTA TRANSCRITA DE ISA BENEVIDES

**P. Eu não atuei no trabalho doméstico, mas convivi com algumas pessoas que trabalhavam e agora estão em outros empregos. Mas ainda é muito direcionado às mulheres, pobres e negras. Isso sempre me chamou muito a atenção.**

*R. Sim, hoje eu falo do meu lugar de privilégio. Conquistei um pouco do que todas deveriam ter. Ainda continuo no trabalho doméstico, mas agora não faço mais parte dos abusos. Tenho meus direitos e com a consciência de tudo o que acontece à minha volta, não permito mais nenhum tipo de abuso porque eu sei o meu valor como trabalhadora. Quando eu entendi que o trabalho doméstico é muito digno, eu posso estar numa roda de uma estudante, pesquisadora ou apresentador de televisão. Eu posso me comunicar de maneira simples e eu posso ser ouvida porque eu tenho direito de fala para além da cozinha. Eu estou nesse trabalho desde criança quando acompanhava minha mãe e não existia lugar de fala. A conversa chegou na cozinha e eu estou bem no centro dessa discussão. Então por que eu não ser ouvida, né?*

**P. Você percebe essa mudança de consciência das trabalhadoras?**

*R. Ainda é pouco. Eu tive que romper isso. A minha mãe não conseguiu romper isso pelas dificuldades, uma mão preta, periférica e com seis filhos. Tinha a vida dentro da Igreja que tinha que seguir aquela doutrina que impede de você seguir. A sociedade impôs que o lugar dela é de submissão total e mesmo que ela tentasse, ela não tinha força porque um cansaço físico é muito grande e o mental é arrebitado dentro dessa profissão. O fato de eu ter uma rede social, de eu ter um lugar de fala que é meu e eu poder falar o que eu quiser lá é uma luta para que a próxima geração continue essa mudança. Está tendo essa mudança, mas é uma luta. É uma barreira constante, o abuso insiste. Mesmo com todos os meus direitos, o abuso vem. No lugar que eu estou, eu considero ótimo porque tenho um limite. Lutar por isso é muito exaustivo, aí você não quer ser extremista, você só quer falar. Aí vem falas do tipo "Ah, mas você já não tá mais nesse lugar. Tá estudando, tem as suas conquistas, tem um marido, os seus cachorros e filhos vivo". Como se isso fosse uma grande conquista. Essa semana alguém me disse que o que eu faço é para os fortes, intitulado as minhas colegas que não conseguem que não vão aguentar a porrada. Eu não sei escrever como os doutores, mas eu escrevo a minha realidade. Aí a pessoa vem no direct e de uma forma muito sutil fala "olha, você escreveu errado. Tô falando pra te ajudar". Mas a gente sabe quem quer ajudar e quem não tá querendo. Não me afeta mais, eu tento fazer com que isso não me entristeça mais. Hoje, se o que a gente tá falando aqui for parar na maior emissora do Brasil de jornalismo eu não me preocupo porque os meus filhos são maiores. Eu entendo o meu lugar na sociedade, nenhuma dessas mulheres nos maiores condomínios não ficam sem a minha mão de obra. E mesmo que acham ruim, elas vão sorrir pra mim porque o lixo transborda e elas precisam que alguém carregue o lixo. Pra mim nunca foi problema carregar o lixo. Eu já fui a favor de acabar com o trabalho doméstico, mas não vai. Mas, as condições podem ser melhores.*

**P. Como é o seu contato com as patroas que estão nas redes sociais?**

*R. A minha atual patroa não é bloqueada, e tem duas ex-patroas que não são bloqueadas. Só elas. A minha atual patroa pouco importa esse mundo de fragilidade,*

*não tem opinião e não há comentários dentro da casa dela sobre isso. O último comentário que teve foi um irmão da minha patroa que disse que eu odiava os patrões. Algumas pessoas têm medo de falar porque falam que a gente anda armada, mas não é armada, é cansada. Você se torna chata e extremista quando você sabe que não precisa ocupar o lugar que você estava. No direct vem algumas coisas questionando. Quando eu realmente estou disposta porque eu trabalho, eu escrevo porque esse feedback tem que ter. A intenção é essa, é provocar a discussão. É você vir até mim, mesmo que você não concorde com as coisas que eu escrevo e que aconteceram comigo. É isso que eu quero! Só tem uma única patroa que é bloqueada que eu vivi um abuso. Eu até acho que eu tenho que me curar dela. Ela tem um nome muito grande aqui na cidade e realmente ela pode fazer eu sair escoltada de qualquer condomínio. Então, eu consigo identificar quem quer entender o meu lado. Eu acredito que é uma provocação para ser discutido, para chegar lá no Governo, para ter mais leis além da PEC.*

**P. Existem coisas que acontecem nas redes sociais e que te atingem e te magoam?**

*R. Eu não posso ser hipócrita e falar que as coisas não me atingem. Aí, você para um pouco, pensa que aquilo não vai te levar a nada e depois logo vem a consciência de que não faz parte da minha vida. Eu não sou uma escritora - é meu sonho - mas assim não sou uma escritora. Eu só tô fazendo os relatos e tento me mandar sã. Eu posso te mandar um monte de print que você vai ficar horrorizada. Aí, você vai no perfil e tem cachorrinho que é igual ao meu, tem filhinho, tem papagaio, tem funcionária...*

**P. Você bloqueia essas pessoas?**

*R. Não, eu deixo lá. Não tenho acompanhamento terapêutico, então eu tenho que me virar com a minha mente. Eu só tô engatinhando nas redes sociais, entrei ontem, existem meninas que sofreram muito mais e estão aí na luta. Eu não posso perder o foco e tentar não ir pra mente isso. Eu quero saber ler, escrever uma poesia, é isso que eu quero agora. Se não tomar cuidado, a rede social tem um impacto muito grande na vida pessoal e mental.*

**P. Eu vi que você entrou no Instagram em 2019, antes disso você já estava em outras redes sociais?**

*R. Não. Eu tinha uma página pessoal no Instagram pra mostrar meu cotidiano, igual a todo mundo. Na época eu trabalhava numa casa em que as pessoas tinham uma dependência de mim como tem da água, do papel higiênico, tinham uma dependência dos meus serviços. Só de imaginar que tivesse chegando o final de semana, eles já começavam a pirar e querer me pagar pra ficar mais tempo. E às vezes não era o dinheiro, eu só queria descansar. Então, eu comecei a inventar. Quando você tá dentro do abuso, você não pode falar que quer descansar. Você é pobre e tem três filhos para criar, como você quer descansar? Isso vai te minando, tacando na sua cara a necessidade. A gente chega a esse ponto, eu postava alguma coisa na rede social e na segunda-feira vinha a cobrança de eu ter me divertido com as crianças. Não sei se você é mãe, mas o bebê fica doente e só de você estar ali perto ele já melhora e depois você vai se divertir. Eu penso que é assim, penso não, é assim. Na segunda-feira eu era cobrada, aí eu ia apagando. E fui escrevendo no meu caderninho, ia fazendo anotações. Eu não sabia muito bem o que me atormentava, alguém tinha que falar disso, mas eu não tinha noção do*

*impacto da rede social, o alcance na vida das pessoas. Assim, eu fui deixando de postar minhas coisas pessoais. Depois que eu saí desse lugar, foi na época da PEC das domésticas. Eu tava trabalhando numa casa em que a menina tava fazendo faculdade de jornalismo e um colega dela quis me entrevistar. Quando o repórter chegou, ele me viu conduzindo tudo e falou pra mim "nossa você é muito inteligente". Pode ter sido da boca pra fora, mas foi a primeira vez que alguém falou que eu era inteligente. Ninguém ligava para a empregada e do nada ele tinha que dar o microfone pra pessoa que recolhe o lixo, ele não sabia o que perguntar. Depois da PEC foram acontecendo várias coisas, até que eu vi nas redes sociais uma imagem assim "eles piram quando o filho da empregada vai pra faculdade"... alguma coisa assim. E era a Preta Rara, hoje eu sei que era ela. No mesmo dia eu vi uma mulher vestida de empregada em Brasília e era a Benedita. Bem depois, durante a pandemia, eu tive a coragem, a ousadia e o atrevimento de ir pras redes porque encontrei a Jana (Janaína Costa) e as tirinhas do Leandro Assis e a Trissila Oliveira. Aí dentro desse vuvuco que eu fiz uma entrevista aqui e ali... Eu era muito insegura, comecei a escrever e tem um impacto verdadeiro nas redes. Antes eu tinha medo porque tinha três filhos menores de idade e se alguém descobrisse eu iria ser mandada embora. Hoje, ninguém me manda embora porque eu sou ótima no que eu faço. Levo meu discurso que tenho o meu valor, mas só enfrento isso porque meus filhos são maiores de idade. É uma escravidão, uma prisão o trabalho doméstico.*

**P. Como você imagina o futuro da sua página e da sua atuação nas redes sociais?**

*R. O podcast vai dar uma pausa agora porque a Jana tá focada nos estudos dela. Não tá dando pra conciliar, mas tem mais dois episódios pra ir ao ar. Você que gosta de estudar, vai lá ouvir. Entramos num consenso que os episódios precisam ficar lá. Aquilo lá é um estudo. Infelizmente já vimos usarem, postarem e recebem por isso sem ser a gente porque a gente já viu isso. É um serviço gratuito, quem sabe futuramente a gente não levanta um financeiro e transforma o quadro em livro, né? Eu tenho o reconhecimento de pessoas como você, estudantes, professores, pessoas que incentivam, mas nunca recebi além disso. Eu não penso nisso porque eu trabalho. Vou continuar falando, mas não com meus olhos cegos porque eu ainda sou revistada na portaria e isso me intriga. Eu voltei a estudar agora pra fazer psicologia, até eu concluir vou continuar no trabalho doméstico. Hoje eu tenho o apoio do meu marido, quero fazer uma pesquisa, um livro, então quero continuar. Eu não tenho grandes expectativas das redes sociais, eu tenho expectativa do impacto que vai causando. Hoje você vai levar mais lugares, aí vai atingir outras pessoas. Expectativa financeira diante do que eu vejo nas outras páginas, eu não tenho para não me frustrar.*

**P. Eu tinha a impressão de que depois de um certo tempo a pessoa conseguiria viver do trabalho nas redes.**

*R. Eu até pedi desculpa pra Jana no sentido de depositar expectativa no trabalho com os ativistas. O ativista sério é uma luta diária. Eu seguia grandes nomes e aí me frustrei também. Só vai ser remunerado a fantasia, a fantasia vende. Tem uma blogueira em Goiânia que me convidou pra ir pra casa dela pra gente fazer patroa e empregada pra falar de abuso de uma maneira cômica. Não vou me permitir ser usada, se eu fosse pra esse lugar isso seria remunerado demais. Se fosse da empregada caindo com o balde, isso vende. Tem uma blogueira que usa a*

*empregada dela, toma conta da rede social e ninguém vê abuso ali, ninguém enxerga e é divertido assistir. Quando você não tem consciência você acha divertido e endeusa a mulher. Eu passei pano para o Carlinhos Maia no vídeo com as empregadas porque elas são remuneradas por toda a participação delas, é um programa de humor. Quando é desse jeito, vende. Jana não vende, Isaura não vende, Preta Rara não vende. Rir da desgraça vende.*

**P. Eu te acompanho, como você está idealizando o seu livro de poesias?**

*R. Eu fui me buscar de como eu era antes da pandemia. Eu vi que eu já era tudo aquilo que tava nas redes, parece que a Jana leu o meu caderno quando ela escreveu. É o mal de ter passado pelo trabalho doméstico... Se você não se busca diariamente você esquece quem você é. Recentemente eu achei um papelzinho que eu tinha escrito na época que eu cuidava de uma criança, ela me desenhou e eu escrevi. Uma ex-patroa, aquela que eu não gosto, jogou fora um caderno com várias poesias porque eu não fui trabalhar. Então, eu ganhei um curso de uma ex-patroa e consegui comprar um curso agora. Tô me descobrindo, eu tava com muita pressa e agora não tô mais. Tenho certeza que eu vou realizar isso. Tudo é muito novo pra mim, no estudo. Essa Isaura das redes sociais já existia. Tá lá e só tá lá, causa ansiedade porque parece que se a pessoa não curtir tá inválido. Pra não entrar nessa neura eu até desativei a quantidade de curtidas porque não é o meu foco.*

**P. E você já está fazendo faculdade de psicologia?**

*R. Vou iniciar agora. Eu queria fazer algo que eu pudesse ajudar dentro do trabalho doméstico, né? Outro dia, eu vi a Jana na Frente Parlamentar e eu acho lindo a História. Aí, eu pensei. Tem que ter trabalhadoras formadas em tudo quanto é área. Ex-empregada doméstica, psicóloga, dentista... Eu tô fazendo um curso de fotografia porque eu quero tirar foto das empregadas lindas, maquiadas, mas pra isso eu preciso ter dinheiro pra montar um estúdiozinho aqui em casa. Pra elas se sentirem mulheres porque a gente esquece. Então, meu sonho agora é o ativismo fora. Ali é fácil, quando eu vou assistir e ver que a referência é CTRL-C / CTRL-V. A minha força, a minha revolta foi o que me levou e quando eu evoluir de fato e concluir a minha faculdade, eu vou atender uma empregada doméstica de fato? Eu não vou endeusar ninguém. É cansativo e é falho também. O ativista não pode sambar, não pode tomar uma cerveja? Pode, pode sim. A Isaura que trabalha lá e que sofria abuso pra essa aqui são duas pessoas completamente diferentes. Tem daqui pra frente que eu preciso levar outras comigo. Quando eu vejo mães que entram com crianças e que a bolsa da criança é revistada no condomínio, eu já vou atrás pra puxar assunto. Eu quero criar uma intimidade pra falar "põe a sua filha pra estudar, não traga nesse lugar". Mas, eu tenho que ter cuidado pra falar porque eu não sei se tem alguém lá fora pra cuidar dessa criança. Tem uma menina que vai lá na pracinha, ela ganha 3 mil reais pra se responsabilizar por três crianças, 24 horas por dia. É uma mixaria! Não vale o risco que ela corre. Isso é um abuso mesmo que a patroa a trate bem. Ela não tem o básico fora daqueles muros então é por isso que ela tá naquele abuso. Até pra abrir os olhos tem que ir com calma porque o que eu tenho a oferecer pra ela?*

**P. É um trabalho de formiguinha, mas tem que ir com calma, né?**

*R. É um absurdo a pessoa ir lá no interior, tirar a pessoa da sua terra com a promessa. Isso existe, eu vejo isso lá na pracinha. Tem patroas que me abordam tentando me tirar da outra casa. Para algumas pessoas você tem que ser um*

*personagem lá dentro, é melhor falar errado mesmo, é melhor que não te descubram. Você tem que estar com um batismo de consciência muito grande pra enxergar nas entrelinhas. Tem patroas que não se enxergam no abuso também, elas acham realmente que são boas. Tá longe do trabalho doméstico ser um como outro qualquer e eu acho que as redes é pra impactar, pra mostrar que a gente quer respeito e dignidade. Mas hoje eu tenho o privilégio de ser livre, apesar de ter algumas amarras. Têm muitas coisas que eu ainda não tenho coragem de mostrar lá na portaria, mas tenho tudo gravado. Dependendo da maneira que você sair, você nunca mais entra, tem gente lá que é doutor e que conhece fulano...*

**P. São histórias reais que valem a pena ficar escutando e aprendendo.**

*R. Tem gente que acha que é mentira o que eu falo nas redes. Teve uma que me falou que eu era uma grande contadora de histórias. O que eu acho um dos maiores absurdos é o fato de você confiar o que é mais precioso que é seu filho e essa babá vai pra lugares que não tem câmara com o seu filho. E pra entrar ou sair você passa pelo constrangimento de ser revistada, toda a pessoa que é revistada é suspeita. Se você tá no horário de almoço e anda muito pelo condomínio, um guarda vai te parar. Você tá sempre suspeita, esse ambiente é doente, te faz ficar doente. É uma remuneração bem baixa pra você passar por tudo isso. Eu acho que não tem como parar de falar sobre isso. Semana que vem eu volto, eu peguei férias. É a primeira vez que eu pego férias de verdade. Não existia eu pegar férias, o sistema não me dá folga. Eu fui em vários lugares no Rio de Janeiro que eu fui com a minha patroa, eu queria estar lá sem ninguém. Pra mim foi quebrar um ciclo, foi maravilhoso. Eu pedi um chá porque na época eu fiquei com muita vontade desse chá. Agora que eu descobri que era um chá alcoólico, como a gente é boba. Eu estava naquele lugar e rindo sozinha, tantos anos com aquele chá na cabeça.*

**P. Tem alguma coisa que você queira falar e que a gente não falou ainda?**

*R. Vou deixar registrado aqui pra quebrar esse ciclo. Pode parecer uma bobagem, mas eu tava nesse lugar com a patroa e ela falou assim pra neta dela "deixa a Isaura ir primeiro porque a gente não sabe se ela volta aqui". Então, naquele momento eu pensei, "será mesmo que eu nunca mais posso voltar aqui?" Será que esse trabalho nunca vai me proporcionar isso? Tudo o que eu passei, me trouxe até aqui. Não é uma lamentação, eu consegui sair de uma situação. Aquela rede social não é um grande lamento e sim uma forma de conscientizar as minhas colegas que estão ainda na luta, dentro do abuso e não identificou. É um processo lento, meu Instagram é pra isso. Se alguém entende como um trabalho, é um trabalho voluntário. Eu não consigo ver como um trabalho, é uma provocação. A minha patroa não pode mais fazer o que ela fazia antes. É uma mudança. Talvez eu seja uma sonhadora, é uma escolha como cada uma leva isso. Eu decidi levar isso como trabalho voluntário.*

**P. Eu me emocionei porque como alguém se sente no direito de falar o que você pode ou não pode?**

*R. O podcast veio pra isso, lá são as trabalhadoras que falam a partir dos relatos privados que vieram pelas redes. Elas são perfeitamente capazes de contar suas histórias. Temos que cada vez mais ocupar os espaços. Sou privilegiada demais, tem Carolina Maria de Jesus que já deu o pontapé inicial pro gol da minha vida.*

## ANEXO 1 – TCLE DE VERÔNICA OLIVEIRA

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Louize Nascimento, pesquisadora da Universidade Federal do Paraná, estou convidando Verônica Oliveira a participar de um estudo intitulado “Ativistas e influenciadoras: aspectos do reconhecimento interseccional no Instagram”.

- a) O objetivo desta pesquisa é compreender a atuação de ativistas sobre o trabalho doméstico nas redes sociais.
- b) Caso você participe da pesquisa, será necessário responder a algumas perguntas de uma entrevista que será gravada em plataforma virtual, por aproximadamente 1 hora.
- c) É possível que você experimente algum desconforto, principalmente relacionado a perguntas sobre o tema do trabalho doméstico ou redes sociais.
- d) Os benefícios esperados com essa pesquisa são a possibilidade de ampliar seu autoconhecimento sobre os usos das redes sociais e a atuação como ativista.
- e) A pesquisadora Louize Nascimento, responsável por este estudo poderá ser contatada na Rua Professor Dário Veloso, 113, apto 904, Vila Izabel, Curitiba - PR. Telefone 41-99650-2866. E-mail: lunasci1987@gmail.com para esclarecer eventuais dúvidas que a Sra. possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.
- f) A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.
- g) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e pela sua participação no estudo você não receberá qualquer valor em dinheiro.
- h) Estou ciente e concordo com a divulgação da minha identidade e minha página pública no Instagram.

Eu, Verônica Oliveira, li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

  
 \_\_\_\_\_  
 Verônica Oliveira

Curitiba, 02 de maio de 2024.

  
 Louize Nascimento

## ANEXO 2 – TCLE DE ISA BENEVIDES

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Louize Nascimento, pesquisadora da Universidade Federal do Paraná, estou convidando Isaura Benevides a participar de um estudo intitulado "Ativistas e influenciadoras: aspectos do reconhecimento interseccional no Instagram".

- a) O objetivo desta pesquisa é compreender a atuação de ativistas sobre o trabalho doméstico nas redes sociais.
- b) Caso você participe da pesquisa, será necessário responder a algumas perguntas de uma entrevista que será gravada em plataforma virtual, por aproximadamente 1 hora.
- c) É possível que você experimente algum desconforto, principalmente relacionado a perguntas sobre o tema do trabalho doméstico ou redes sociais.
- d) Os benefícios esperados com essa pesquisa são a possibilidade de ampliar seu autoconhecimento sobre os usos das redes sociais e a atuação como ativista.
- e) A pesquisadora Louize Nascimento, responsável por este estudo poderá ser contatada na Rua Professor Dário Veloso, 113, apto 904, Vila Izabel, Curitiba - PR. Telefone 41-99650-2866. E-mail: lunasci1987@gmail.com para esclarecer eventuais dúvidas que a Sra. possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.
- f) A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.
- g) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e pela sua participação no estudo você não receberá qualquer valor em dinheiro.
- h) Estou ciente e concordo com a divulgação da minha identidade e minha página pública no Instagram.

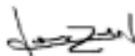
Eu, Isaura Benevides, li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

 Documento assinado digitalmente  
ISAURA RODRIGUES BENEVIDES  
DATA: 16/05/2024 08:13:27 -0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Isaura Benevides

Curitiba, 30 de abril de 2024.

  
Louize Nascimento